



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E  
MATEMÁTICA**

**Violência entre os escolares dos anos finais do ensino fundamental do estado do Pará:  
análises de dados da PeNSE, 2015**

**JUSSARA DA SILVA NASCIMENTO ARAÚJO**

Marabá-PA

2022

JUSSARA DA SILVA NASCIMENTO ARAÚJO

**Violência entre os escolares dos anos finais do ensino fundamental do estado do Pará:  
análises de dados da PeNSE, 2015**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Instituto de Ciências Exatas, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá-PA, Brasil, como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Ensino.

Linha de pesquisa: Epistemologia do conhecimento, do ensino e da aprendizagem em ciências e matemática

**Orientadora:** Profa. Dra. Ana Cristina Viana Campos

**Coorientadora:** Profa. Dra. Lucélia Cardoso Cavalcante

Marabá - PA

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho**

---

A663v Araújo, Jussara da Silva Nascimento  
Violência entre os escolares dos anos finais do ensino fundamental do estado do Pará: análises de dados da PeNSE, 2015 / Jussara da Silva Nascimento Araújo. — 2022.  
104 f.

Orientador(a): Ana Cristina Viana Campos ; coorientador(a): Lucélia Cardoso Cavalcante.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Marabá, 2022.

1. Adolescentes e violência - Pará. 2. Violência - Educação. 3. Violência - Aspectos sociais. I. Campos, Ana Cristina Viana, orient. II. Cavalcante, Lucélia Cardoso, coorient. III. Título.

CDD: 22. ed.: 371.782098115



Emitido em 12/08/2022

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 60/2022 - FASC (11.30.08)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

*(Assinado digitalmente em 12/09/2022 13:34 )*

RONALDO BARROS RIPARDO  
PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR  
1805611

*(Assinado digitalmente em 08/09/2022 10:20 )*

ANA CRISTINA VIANA CAMPOS  
PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR  
2242458

*(Assinado digitalmente em 08/09/2022 10:42 )*

ALINE APARECIDA DE OLIVEIRA CAMPOS  
PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR  
2415995

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.unifesspa.edu.br/documentos/> informando seu número: 60, ano: 2022, tipo: ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO, data de emissão: 08/09/2022 e o código de verificação: 262f75d5a5

## RESUMO

A vulnerabilidade à violência juvenil tem sido objeto de estudos para avaliar o desempenho escolar, visto que a exposição a violências e a situações que vêm em conjunto com a violência pode causar grandes prejuízos ao indivíduo, desde um desempenho acadêmico ruim, resultando na evasão escolar, ou até comportamentos violentos, indisciplina, criminalidade etc. Este trabalho trata-se de um estudo de caso, de caráter descritivo, realizado com dados secundários adquiridos a partir do banco de dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE realizada em 2015. A amostra é composta de adolescentes com idade entre 13 e 17 anos que estavam cursando o 9º ano do ensino fundamental em 2015, no estado do Pará, Brasil. O banco de dados foi construído no programa Microsoft Excel 2019, no qual também foram criados gráficos para melhor visualização dos resultados. Dentre os resultados, observou-se que 53% dos escolares eram do sexo feminino, 58% pardos, sendo que cerca de 14% não moravam com a mãe e cerca de 41% não moravam com o pai. Apenas 15% das mães dos escolares possuíam curso superior completo; 28% dos escolares moravam com 4 pessoas, contando com eles mesmos. Além disso, 42% dos escolares pretendiam cursar pós-graduação; cerca de 40% dos escolares já sofreram *bullying* em algum momento da sua vida e 5% informaram ser a aparência física o motivo para o *bullying*; 17% dos escolares afirmaram já ter praticado *bullying*. Aproximadamente, 5% dos escolares relataram que já foram forçados a manter relações sexuais com alguém, sendo que 3,5% da amostra afirmou que foi forçada por um familiar, amigo ou conhecido a manter relação sexual. Destaca-se que as crianças estão em formação de personalidade pessoal e que tudo o que as envolve socialmente é importante nesse momento. Situações de violência vivida e/ou presenciadas na infância podem influenciar negativamente o jovem a ponto de ter repercussões negativas para toda a vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência. Violência e Educação. Violência e Sociedade.

## ABSTRACT

Vulnerability to youth violence has been the object of studies to assess school performance, since exposure to violence and situations that come together with violence can cause great damage to the individual, from poor academic performance, resulting in school dropout, or even violent behavior, indiscipline, criminality, etc. This work is a descriptive case study carried out with secondary data acquired from the database of the National School Health Survey - PeNSE carried out in 2015. The sample is composed of adolescents aged 13 to 17 years old who were attending the 9th year of elementary school in the year 2015 in the state of Pará, Brazil. The database was built in the Microsoft Excel 2019 program, where graphs were also created for better visualization of the results. Among the results, it was observed that 53% of the students were female, 58% were brown, and about 14% did not live with their mother and about 41% did not live with their father. Only 15% of the students' mothers had completed higher education; 28% of students lived with 4 people, including themselves. 42% of students intended to attend graduate school; about 40% of students have been bullied at some point in their lives

and 5% reported that physical appearance was the reason for bullying; 17% of students said they had already practiced bullying. Approximately 5% of students said they had already been forced to have sexual intercourse with someone, and 3.5% of the sample stated that they were forced by a family member, friend or acquaintance to have sexual intercourse. It is noteworthy that children are in the process of personal personality formation and that everything that involves them socially is important at this time. Situations of violence experienced and/or witnessed in childhood can negatively influence young people to the point of having negative repercussions for life.

**KEYWORDS:** Violence; Violence and education; Violence and society.



## Sumário

<b>LISTA DE ABREVIATURAS SIGLAS</b> .....	11
<b>LISTA DE GRÁFICOS</b> .....	13
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	19
<b>2.1 Breve histórico sobre ensino no Brasil</b> .....	19
<b>2.2 Saúde na adolescência</b> .....	25
<b>2.3 Violência: definições e tipologias</b> .....	28
<b>2.4 A interface entre educação e violência</b> .....	29
<b>2.5 A influência da violência no ensino-aprendizagem</b> .....	49
<b>2.6 Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE)</b> .....	53
<b>3 OBJETIVOS</b> .....	55
<b>3.1 Objetivo geral</b> .....	55
<b>3.2 Objetivos específicos</b> .....	55
<b>4 MÉTODOS</b> .....	56
<b>4.1 Tipo de estudo</b> .....	56
<b>4.2 Fonte dos dados</b> .....	56
<b>4.3 Amostra</b> .....	56
<b>4.5 Aspectos éticos</b> .....	56
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	57
<b>5.1 Perfil demográfico dos escolares</b> .....	57
<b>5.2 Impacto da violência na vida do escolar</b> .....	64
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	71
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	72
<b>APÊNDICES</b> .....	83
<b>ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO PeNSE 2015 – ALUNO</b> .....	85



## DEDICATÓRIA

À minha mãe, dona Vilma e à minha filha, meu amanhecer em cada noite de tempestade.  
Minha Aurora.

“A gente não quer só comida

A gente quer comida

Diversão e arte”

(Arnaldo Antunes, 2008)

## AGRADECIMENTOS

A lista de agradecimento é grande. Sinto-me escrevendo votos de casamento, o que não deixa de ser! Com o mestrado sinto que abracei aquilo que eu sempre quis na graduação e que me desviei um pouco do caminho durante o percurso de recém graduada que precisou ingressar imediatamente no mercado de trabalho. Enfim! Começo agradecendo à Deus, que me guiou e ergueu todas as vezes em que eu caí durante esta caminhada. E não foram poucas as vezes! Por também ter colocado em meu caminho pessoas tão especiais e que acreditaram piamente em mim mesmo quando parecia que eu não seguiria mais. Uma dessas pessoas é minha querida orientadora que é a profissional e mãe exemplar que eu um dia pretendo ser. Gratidão, Ana Cristina Viana Campos! Outras dessas pessoas foram minhas amigas e colegas de sala Alice Silau e Janaína, que estavam sempre me incentivando e me lembrando que eu sou capaz de tudo. Ao meu melhor amigo e esposo Franklyn Kenny que foi e é a maior rede de apoio que alguém poderia ter, sem o qual eu jamais seria o que estou me tornando hoje.

À minhas irmãs e amigas Karina Nascimento e Bianca Nascimento, que são minhas inspirações de persistência e força. Obrigada por me sacudirem quando necessário!

À minha amada mãe, que mesmo sem nunca antes ter pisado em uma universidade, me dizia todos os dias que eu não poderia desistir dos meus sonhos. Dona Vilma é meu maior exemplo de apoio e amor. Obrigada, mãe!

Ao meu querido pai, José Mauro, que é a pessoa mais estudiosa que conheci na minha infância. É meu exemplo de esforço quando se tem um propósito. Obrigada por mostrar como obter sucesso profissional, pai!

Agradeço à minha filha, Aurora, ela foi quem me tornou a mulher forte que sou hoje, que me trouxe a felicidade e muito amor nos dias difíceis, após grandes tempestades, meu pequeno grande raio de Sol. É ela quem me mostra todos os dias que sou capaz de qualquer coisa e que nós estamos aqui para vencer nossas próprias batalhas.

Por fim, aos meus queridos alunos que são meus incentivadores mesmo sem perceber. Obrigada a todos!

## **LISTA DE ABREVIATURAS SIGLAS**

COVID-19 – Corona Virus Disease 2019

OMS – Organização Mundial da Saúde

PeNSE – Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

PNLD – Programa Nacional do Livro e do Material Didático

ProUni – Programa Universidade Para Todos

Enem – Exame Nacional do Ensino Médio

EJA – Educação de Jovens e Adultos

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

ONGs – Organizações Não Governamentais

ISTs – Infecções Sexualmente Transmissíveis

PROSAD – Programa Saúde do Adolescente

SUS – Sistema Único de Saúde

LGBTQIA+ – Lésbica, Gay, Bissexual, Transexual, Queer, Intersexo, Assexual

TV – Televisão

ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência

CC – Código Civil

CDC – Código de Defesa do Consumidor

MS – Ministério da Saúde

MEC – Ministério da Educação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1.</b> Idade dos escolares do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará, em 2015 .....	57
<b>Gráfico 2.</b> Sexo dos escolares do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará, em 2015 .....	58
<b>Gráfico 3.</b> Raça/cor dos escolares do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará, em 2015 .....	59
<b>Gráfico 4.</b> Escolares do 9º ano do ensino fundamental, em 2015 sobre morar com a mãe .....	60
<b>Gráfico 5.</b> Escolares do 9º ano do ensino fundamental, em 2015 sobre morar com o pai .....	61
<b>Gráfico 6.</b> Nível de instrução materno dos escolares do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará, em 2015 .....	62
<b>Gráfico 7.</b> Quantidade de pessoas que moram na mesma casa, contando com o escolar do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará .....	63
<b>Gráfico 8.</b> Grau de escolaridade mais elevado que o escolar do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará pretende concluir .....	63
<b>Gráfico 9.</b> Frequência com que escolares do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará foram vítimas de <i>bullying</i> , nos últimos 30 dias, segundo a PeNSE 2015 .....	64
<b>Gráfico 10.</b> Motivos/causas do <i>bullying</i> entre os escolares do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará segundo a PeNSE 2015 .....	65
<b>Gráfico 11.</b> Porcentagem dos escolares que praticaram <i>bullying</i> , nos últimos 30 dias, entre os escolares do 9º ano do estado do Pará segundo a PeNSE 2015 .....	66
<b>Gráfico 12.</b> Escolares do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará que já foram forçados a manter relações sexuais segundo a PeNSE 2015.....	68
<b>Gráfico 13.</b> Pessoas que forçaram os escolares do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará a manter relações sexuais segundo a PeNSE 2015 .....	69

**Gráfico 14.** Em quantos dias o escolar deixou de ir à escola porque não se sentia seguro no caminho de casa para a escola ou da escola para casa no estado do Pará, segundo a PeNSE 2015 .....70

**Gráfico 15.** Em quantos dias o escolar deixou de ir à escola porque não se sentia seguro na escola no estado do Pará, segundo a PeNSE 2015 .....70



## 1 INTRODUÇÃO

Falar de ensino, aprendizagem e educação envolve muitas questões, o que torna o assunto complexo e cheio de pontos a frisar. Em se tratando de desempenho do escolar, precisamos considerar diversas características que o cercam, não somente pessoais, como também as características do ambiente no qual o mesmo está inserido, pois tais características interagem entre si, resultando no seu sucesso ou fracasso acadêmico (LIMA et al., 2021; CARVALHO et al., 2020; MAHENDRA & MARIN, 2015).

É no ambiente familiar que a criança se identifica e se constrói como ser humano único que cada um é (SCHOLZ et al., 2015). Dessa forma, a qualidade das interações familiares, do investimento, do envolvimento parental, das tarefas familiares, enfim, todas as questões comportamentais familiares que envolvem os membros da família influenciam de alguma maneira no comportamento e desenvolvimento escolar.

Nesse contexto, os ambientes doméstico e escolar são considerados ambientes de socialização, construção de rede de amigos, desenvolvimento social, cognitivo e psicológico de crianças e adolescentes, podendo interferir de alguma maneira no desempenho escolar dos mesmos. Dessa forma, questões sociais, políticas e econômicas podem influenciar de forma significativa o desempenho escolar. Além disso, situações como a vivenciada mundialmente desde março de 2020, com a disseminação da COVID-19 por todos os continentes, provocam um aumento substancial dos casos de violência doméstica, já que as vítimas de violência doméstica passam a permanecer, forçadamente, por mais tempo próximas de seus agressores. Há também o estresse econômico generalizado e, além disso, uma maior dificuldade na denúncia por parte da vítima devido ao isolamento social (VIEIRA et al. 2020).

Estudos acerca da vulnerabilidade infantil e juvenil concluem que aspectos que dizem respeito às questões de moradia, às representações sociais, aos contornos das políticas educacionais, à falta de investimento público e de segurança, à deficiência na formação continuada dos professores e problemas relacionados ao ensino e à gestão da sala de aula podem gerar práticas desfavoráveis às populações mais pobres e negligenciadas, que enfrentam a vulnerabilidade social (RIBEIRO & VÓVIO, 2017).

O Brasil apresenta, de forma muito acentuada, as características de países em desenvolvimento, como as grandes desigualdades na distribuição de rendas, no acesso à moradia, segurança pública e saneamento básico, por exemplo, e ainda as enormes deficiências no sistema educacional. O Brasil não é um país pobre, mas, sim, com muitos pobres, um país

cheio de desigualdades por todo o seu território. Além disso, as diversas formas de violência que crianças e adolescentes podem sofrer, tanto doméstica quanto na escola ou outros ambientes, podem acarretar diversos prejuízos psicológicos, como a depressão, por exemplo. RAMOS et al. (2018) afirmam em seu estudo que os adolescentes mais suscetíveis a ter manifestações psicológicas, como depressão, são aqueles expostos a diversos tipos de violências ao longo de suas vidas. Nessa conjuntura, BAHLS (2002) afirma que, em crianças escolares, aquela com humor depressivo, entre outros sinais, pode apresentar declínio ou desempenho escolar fraco, podendo chegar até mesmo à recusa escolar, dificuldade em concentração etc.

O ano de 2020 trouxe ainda a questão do aumento considerável da violência doméstica tanto contra a mulher quanto contra crianças durante a pandemia. No dia 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde – OMS (World Health Organization-WHO) declarou emergência global de saúde pública e, em 11 de março do mesmo ano, a emergência global adquiriu o *status* de pandemia, fazendo com que muitos países adotassem medidas de proteção contra a propagação do vírus, limitando na maioria das unidades federativas a abertura e o funcionamento de serviços não essenciais, suspendendo as aulas presenciais e iniciando uma espécie de modelo de distanciamento social. Embora este fosse necessário naquele dado momento para a diminuição da propagação do vírus, muitas crianças e adolescentes passaram para uma situação de risco aumentada em algum grau, já que estavam passando mais tempo com seus agressores (LEVANDOWSKI et al., 2021). É importante citar e destacar a violência doméstica também como sendo um grande influenciador no desenvolvimento acadêmico da criança e do adolescente.

Ressalta-se também que, no meio de uma pandemia que devastou e parou o mundo, impedindo a frequência escolar de metade dos estudantes de todo o mundo, a violência doméstica passou a ser mais frequente ainda, uma vez que crianças e adolescentes passaram mais tempo com seus agressores, dentro de casa. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, mais de 850 milhões de crianças e adolescentes ficaram sem aulas, mostrando a influência direta da saúde sobre a escola e, por consequência, sobre o ensino, demonstrando mais uma vez que saúde e ensino andam juntas e de mãos dadas.

Evidencia-se que existe uma ligação muito forte entre saúde e ensino, porém não está tão clara e delimitada assim. Mas, quando se pensa de forma mais ampla, pode-se dizer que não há educação e processos de ensino se não houver saúde e, de certa forma, não há saúde e processos de prevenção e profilaxia, por exemplo, se não houver educação. Os campos da

educação e da saúde caminham juntos em um campo epistêmico expressivamente relevante para a qualidade de vida humana.

Como já mencionado no decorrer do texto, muitas são as questões relacionadas à violência e ao ensino e desenvolvimento da criança e do adolescente. Assim sendo, este trabalho teve como foco a violência no âmbito escolar por meio de dados contidos na PeNSE – Pesquisa Nacional de Saúde Escolar, que é uma pesquisa que teve seu início em 2009, com adequações e mudanças durante os anos. Esta é fruto de mais uma parceria do Ministério da Saúde e Ministério da Educação, sendo realizada por amostragem, utilizando como referência para seleção o cadastro das escolas públicas e privadas do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP.

A PeNSE tem características básicas da população-alvo de estudo, como aspectos socioeconômicos, comportamento de risco, fatores de exposição e vulnerabilidades sociais, acessibilidade, regras e normas de conduta adotadas pelas escolas, nível de segurança nos entornos da escola, entre outros.

Este estudo preocupou-se em demonstrar quais as formas de violência mais sofridas por escolares do 9º ano, trazendo reflexões acerca da vulnerabilidade infantil e juvenil à violência, podendo auxiliar no direcionamento de novas políticas públicas focadas nas necessidades da população-alvo.

Segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS (World Health Organization-WHO) (2000), os abusos e maus-tratos contra crianças e adolescentes que resultem em danos reais ou potenciais para a saúde, sobrevivência, desenvolvimento ou dignidade destes, em uma relação de responsabilidade, confiança e poder, prejudicam de forma significativa o desenvolvimento psíquico e emocional dessas crianças e/ou adolescentes, como a forma que eles se veem, seus valores etc., influenciando negativamente também seu desenvolvimento escolar, o ensino e a aprendizagem. A escolha de escolares do 9º ano para este estudo justifica-se pela proximidade da idade de referência preconizada pela OMS, que é entre 13 e 15 anos. Diversos estudos apontam para a influência da violência no desempenho escolar de crianças e adolescentes, dessa forma esta pesquisa faz-se importante no sentido de apontar os alvos de novos estudos conforme as necessidades apontadas *a posteriori*. Situações de violência podem gerar grandes problemas para o indivíduo vítima, desde problemas sociais, psicológicos e cognitivos, podendo ainda levar esse adolescente a situações de mais vulnerabilidade a grandes problemas de saúde pública com comportamentos que podem envolver o abuso de substâncias psicoativas, do álcool

e outras drogas, gravidez na adolescência, exploração sexual e prostituição ou mesmo envolvimento com tráfico e grandes grupos de facções criminosas (BRASIL, 2010).

As violências configuram-se como as principais causas de morte na faixa etária entre 10 e 19 anos, seguidas pelos acidentes de transporte e afogamentos. Há diversos fatores que influenciam na “não denúncia” da violência sofrida por adolescentes, tais como medo que a vítima sofre ao se deparar com uma situação de violência em que, na maioria das vezes, as pessoas que deveriam protegê-la são as que a violentam, que a agredem; outro fator importante é a aceitação social do uso da violência contra a criança e o adolescente como forma de “educá-la”. Além disso, há um grande problema de acesso e acolhimento desses jovens nos serviços de escuta, como disque-denúncia, delegacias, serviços de saúde e assistência social, conselhos tutelares, escolas ou mesmo a comunidade (BRASIL, 2010).

Compreender as questões relacionadas à vulnerabilidade infantojuvenil pode ajudar no desenvolvimento de ações nos campos mais diversos, incluindo ensino e saúde, oferecendo oportunidade de melhorias na qualidade de vida dos indivíduos envolvidos no processo. Logo, para discutir essas questões, faz-se necessário fazer um apanhado acerca da saúde e bem-estar na adolescência, ensino, condições socioeconômicas, bem como questões de moradia e acesso a saneamento básico.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Breve histórico sobre ensino no Brasil**

O ensino tem sua presença nas sociedades, perpassando por diversas mudanças ao longo dos anos. Ele, de uma forma ou de outra, educa e molda o homem por meio da sua finalidade na sociedade que o sujeito está inserido, tendo assim como o libertar. A necessidade do ensino é muito relevante para que a sociedade possa se desenvolver e apresentar cidadãos críticos. Dessa forma, tem-se o ensino e educação ligados à evolução da sociedade em que a prática do ensino vem muito antes do pensamento pedagógico, que é uma reflexão sobre essa prática e suas necessidades, como organização e a colocação de determinados objetivos (GADOTTI, 1999).

Segundo Freire (1993), a educação vem como influência para que existam mudanças na sociedade, economia e nas relações sociais e humanas para que ocorra uma busca dos direitos, por isso uma sociedade sem sujeitos educados não irá apresentar evolução humana. Assim, há uma importância na história da educação, fazendo com que exista uma necessidade no seu estudo, em diversos contextos, pelo fato dela proporcionar o conhecimento da humanidade para que possa criar novos aspectos.

O estudar da educação e seus conceitos, jeitos e teorias são formas de observar o seu sistema social e suas possíveis crises. Pois, ela não pode ser só entendida pelos seus fatos políticos e sociais, mas sim a relação entre as pessoas e os diversos seguimentos na sua comunidade. Portanto, a educação não é um fenômeno neutro, mas está sujeita a sofrer um jogo político para que possa existir a formação cultural, econômica e social tanto na mesma quanto no sujeito (ARANHA, 2006).

A educação no Brasil apresenta na sua história períodos e realidades diferentes devido aos contextos serem diferentes. Porém, isso não influenciou no modelo existente de educação que seria destinado às classes populares, como a educação domesticadora que apresentava condições precárias, que privava a educação como democrática, transformadora e libertadora que apresente qualidade. Mesmo com a existência das leis que foram desenvolvidas por anos, modificadas e melhoradas para mudar essa realidade, ela pouco se modificou, pois desde sempre houve a necessidade de beneficiar as classes que tinham o poder e eram as que

dominavam as outras classes. Desse modo, criou-se a formação de objetos, e não a formação de sujeitos na história da educação (SOUZA, 2018).

Por meio da ruptura da produção escravista, iniciou um novo tipo de escola que vem a ser totalmente diferente do que foi visto pela romana, espartana e ateniense, porém comandada pelo Estado, e não mais pelos jesuítas, desempenhando o papel importante de organizar a educação. Na Idade Média, as escolas têm a marca da Igreja Católica, logo após termos o modo de produção que vem do capitalismo que provoca decisivas mudanças, mudanças essas que provocaram o protagonismo do Estado, nascendo, assim, a ideia de escola pública, universal, gratuita e obrigatória (SAVIANI, 2008).

O estudo reflexivo da História da Educação é de suma importância pelo fato do seu potencial formativo, fazendo com que ocorra uma reflexão e desenvolvimento do cognitivo. Sendo assim, o estudo da educação tem a capacidade de relacionar a evolução desta, as leis e as dificuldades que foram e ainda podem ser apresentadas pela mesma, além dos alunos poderem compreender o porquê da existência de algumas matérias e os motivos de estudar as mesmas (RIBEIRO et al, 2017).

Nesse contexto, abordagens acerca dos entendimentos sobre o Renascimento da Educação trazem à luz a construção da educação como conhecemos hoje, sendo importante o entendimento dessa estrutura no que se refere a vulnerabilidades e construções sociais.

A origem da educação tem seu início, segundo Genovesi (1999), entre 3.238 a.C, o que é o caso das civilizações suméria e egípcia, e o ano de 2.500 a.C, por parte da civilização chinesa. Elas tinham um ensino baseado em repetições, transcrições de textos e memorização, além dos castigos que eram aplicados, sendo assim já apresenta a existência de uma escola ou uma instituição voltada ao ensino. Os ensinamentos no antigo Egito apresentavam a necessidade do falar bem, mas o falar bem voltado para oratória como um jeito político de forte comando, e não em um jeito romantizado literário, logo era a oratoriedade voltada para um sujeito político.

A separação entre instrução e trabalho, a discriminação entre a instrução para os poucos e o aprendizado do trabalho para os muitos, e a definição da instrução “institucionalizada” como instituto oratório, isto é, como formação do governante para a arte da palavra entendida como arte de governar (o “dizer”, ao qual se associa a arte das armas, que é o “fazer” dos dominantes); trata-se, também, da exclusão dessa arte de todo indivíduo das classes dominadas, considerado um “charlatão demagogo”, um meduti. A consciência da separação entre as duas formações do homem tem a sua expressão literária nas chamadas “sátiras dos ofícios” (MANACORDA, 1989, p. 356).

Assim, por intermédio da origem, a instituição escola foi se desenvolvendo na Grécia a partir da educação infantil, como também por meio de uma educação que era voltada para os escravos fora da escola e seu processo era no trabalho. Dessa forma, houve uma evolução no educar, que foi diferente da ateniense, romana, entre outras, voltada para o Estado como o centro, tendo um importante papel nas instituições, a marca forte da Igreja Católica e por fim o capitalismo influenciando em futuras modificações (SAVIANI, 2008).

No Brasil, a origem da educação e das instituições escolares tem seu marco inicial como o período colonial, em torno de 1500 a 1882, no qual existe uma marca na história que envolve violência, desrespeito à cultura que já estava presente, privilégio de uma população, exploração, entre outros. Esta é a narrativa inicial da chegada dos europeus às terras brasileiras, o que provocou um grande choque cultural que fez com que existissem grandes privilégios aos brancos e uma baixa sobre os índios e os negros (SOUZA, 2018). Segundo Ribeiro (1986), este foi o contexto que iniciou a educação no Brasil, logo após, teve o início da Companhia de Jesus, que foi fundada para que existisse a reforma protestante e tinha como objetivo o desenvolvimento de um trabalho educativo e missionário por meio da catequização dos índios para que eles se tornassem mais acessíveis e colaboradores como mão de obra, assim sendo totalmente voltada à política e dominação de um povo.

Como citado acima, este foi o I período também conhecido como o renascimento, que foi contido pelos colégios jesuítas, onde houve as descobertas que abriram os novos horizontes do sujeito. Pois, logo em seguida, teve-se a expulsão dos jesuítas das colônias, iniciando-se o que seria uma nova era, foi o século que teve a revolução comercial, promovida pela classe burguesa e favorecida pelo capitalismo, fazendo com que comece a formação das monarquias. Houve também uma reforma protestante promovida por Lutero e Calvino, o que fez com que tivesse uma renovação nessa autoridade que estava presente na Igreja, que estava centrada no poder. Nessa batalha pela fé, inicia-se a contrarreforma com o foco na renovação dessa fé cristã, com seminários, entre outras atitudes, voltados para a volta da Igreja no centro, ideias essas que objetivavam a imagem de um novo homem de uma nova cultura (SAVIANI, 2008).

É impressionante a preocupação com a educação no Renascimento (sobretudo em comparação com a Idade Média), não só pela produção teórica dos pedagogos, mas principalmente pela proliferação de colégios e manuais para alunos e professores. Educar-se torna-se uma questão de moda e uma exigência dentro da nova concepção do homem (ARANHA, 1989, p. 94).



O II período (1759-1822) foi representado pela era das “aulas régias”. Isso foi denominado assim, pois seria a primeira tentativa de instalar uma escola pública estatal que teria ideias voltadas para o iluminismo. O III período (1822-1889) foi uma tentativa de iniciar uma organização na educação voltada à responsabilidade do poder público, com o foco no poder imperial e nos governos das províncias. A Família Real trouxe o desenvolvimento cultural, porém a educação continuava como direto exclusivo para poucos, em que o ensino superior apresentava critérios classistas, com preferência pela classe dominante rica e branca, deixando a classe pobre em segundo plano. Desse modo, o foco principal dessa educação nesse período foi a formação de classes voltadas ao ensino superior, com regras no acesso aos cursos (SCHWARTZMAN; BROCK, 2005).

A primeira Constituição Brasileira, outorgada em 1824, garantia apenas, em seu Art. 179, “a instrução primária e gratuita a todos os cidadãos”. No ano de 1827, uma lei determinou a criação de escolas de primeiras letras em todos os lugares e vilas, além de escolas para meninas, nunca concretizadas anteriormente (SOUZA, 2018, p.2).

Dessa forma, desenvolveram-se as instituições no Rio de Janeiro (Academia Militar), duas escolas em São Paulo e Recife (Direito), duas no Rio de Janeiro e na Bahia (Medicina), sendo também fundada no Rio de Janeiro a primeira escola pública secundária nomeada de Colégio Pedro II. O ensino inicial ficou para os governos das províncias, professores particulares e padres, pois nesse período incentivava-se o homem a buscar o estudo para sua vida política e os negócios. Dessa forma, a classe alta tinha como ingressar nas instituições superiores por causa do seu ensino elitista com professores particulares nas suas casas (SCHWARTZMAN; BROCK, 2005).

O IV período (1889-1930) ficou caracterizado pela criação do ensino primário, as escolas primárias no estado, por intermédio de grupos escolares, incentivada pelas ideias iluministas e republicanas, em que ainda foi contínuo o privilégio da educação para a elite. Pois não houve escolas públicas organizadas, respeitáveis, as poucas que existiram estavam todas nas cidades grandes com seus atendimentos voltados aos filhos das classes altas, enquanto no interior existiam pequenas escolas rurais que se mantinham de forma precária, com profissionais sem qualquer tipo de formação, para as pessoas que não apresentavam condições (SAVIANI, 2008).

O V período (1931-1961) foi o início de uma revolução de novas ideologias que veio trazer importantes discussões e mudanças no campo da educação, de tal modo que parecia que

o país tinha mudado sua visão e enxergado a importância da educação, garantindo, dessa forma, o direito de todos. Assim, em 11 de abril de 1931, tem-se o Decreto nº 19.850 que desenvolve a criação do Ministério da Educação e das Secretarias de Educação dos estados. Por intermédio desse decreto, anuncia-se o manifesto pela educação ideal que se apresenta de forma gratuita, obrigatória e laica. Com essa abertura inicial, abriu-se pressuposto para outros projetos e discussões muito importantes que futuramente deram origem à Constituição de 1934, que veio para organizar o ensino brasileiro, em que o Governo Federal tinha como obrigação o planejamento global da educação, a fiscalização, o controle e a supervisão da mesma (RIBEIRO et al., 2017).

Entretanto, em 1937, quando foi apresentada a Constituição desse mesmo ano, evidenciou-se o pouco interesse do Estado em oferecer esses serviços para a população de classe baixa de forma gratuita e pública, ficando claro que o ensino público superior ou particular era para a classe dominante e o ensino profissionalizante para o povo marginalizado. Assim, com o fim do Estado novo, uma nova Constituição, a de 1946, vem garantindo os direitos da Constituição de 1934, além de deixar claro nos Art. 166 e 167 que o ensino deverá ser fornecido pelos poderes públicos, por meio do Art. 167, tendo que sair do orçamento da União 10% e 20% do Estado (SAVIANI, 2008).

Isso consiste em 13 anos de luta pela escola pública e gratuita com inúmeras campanhas, participação da população, reivindicações pela ampliação e melhoria da mesma, além do direito de todos até a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) em 1961 (SOUZA, 2018).

O VI período se estende de 1961 até os nossos dias. Esse período ficou marcado pelo Regime Militar em 1964, em que ocorreu um distanciamento dos objetivos da democratização da universidade, pela repressão e privatização, bem como o contínuo privilégio da classe elitizada. Desse modo, a educação focou na transformação das pessoas em objetos de trabalho e lucro, pessoas passivas ou que estavam impostas e sem pensamento crítico. Dessa forma, o ensino técnico vinha com o objetivo de simplesmente atender às necessidades apresentadas pelo mercado. Insistiu em uma reforma universitária que pôs o vestibular como classificatório, uma universidade voltada como uma empresa, isolando a mesma e dando mais vagas às instituições particulares (RIBEIRO; et al., 2017).

Posteriormente, nos últimos 56 anos, solicitaram-se grandes mudanças na educação brasileira. Em 1988, existiu uma nova constituição que teve o foco no cuidar da educação de forma diferenciada e com base nos direitos e deveres, com o destaque para a o ensino público

gratuito em estabelecimentos oficiais, ensino fundamental obrigatório e gratuito também, a criação da necessidade das creches e pré-escolas para as crianças de 0 a 6 anos e a valorização do profissional de ensino tendo uma carreira para o magistério (BITTAR & BITTAR, 2012).

Logo após, desenvolveu-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Em 1996, o Governo Federal criou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que tinham como objetivo o estabelecimento de diretrizes para a existência de uma estruturação e reestruturação dos currículos escolares para todo o Brasil, por meio da cidadania do aluno e de uma escola de qualidade. Também foi desenvolvido um Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que é voltado a proporcionar programas e mais autonomia às escolas, suprimindo, assim, sua carência e dispondo de melhores condições a seus alunos. O FNDE potencializa alguns programas, como o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), entre outros (FLACH, 2015; MAFASSIOLI, 2015).

Em 2005, com o objetivo da democratização do acesso às universidades, aprovou-se o programa Universidade para todos (ProUni), que cede bolsas de estudos em faculdades de ensino superior particulares para alunos de escolas públicas e que tenham renda baixa por intermédio do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), bolsas essas de 25% ou 50% de desconto, além de bolsa integral. Além desse programa, também tem o Sistema de Seleção Unificada – Sisu, que tem como objetivo a substituição dos exames nacionais das universidades públicas para seleção de alunos por meio do Enem, como o ProUni. Essas vagas são separadas como ampla concorrência e cotas para estudantes de baixa renda, escolas públicas, negros e indígenas (ALMEIDA & SILVA, 2022).

Desse modo, vieram a educação rural, gestão escolar menos burocrática, inclusão das crianças com deficiências, financiamento e salário com investimentos maiores por meio da criação do Fundef e Fundeb, a criação da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a preocupação com a carreira e a formação do professor, sendo assim exigido o diploma de nível superior para ensinar, educação indígena com a formação de professores índios, um aumento no investimento na infraestrutura e tecnologia, ainda assim existem escolas com baixa qualidade e pouco uso da informática (BITTAR & BITTAR, 2012).

Por fim, o Plano Nacional de Educação (2014-2024) apresentou a discussão acerca da necessidade da construção de uma Base Nacional Curricular Comum (BNCC), começando a ser discutida em 2015. Esta tem como foco principal oferecer contribuições ao currículo, voltadas às caracterizações das escolas brasileiras, assim a BNCC vem para melhorar o trabalho

do professor, pensando na construção de instrumentos avaliativos apropriados e coesos (CÂNDIDO & GENTILINI, 2017).

## 2.2 Saúde na adolescência

Saúde, em qualquer idade, não significa apenas ausência de doença e está totalmente ligada à qualidade de vida. Os elementos determinantes e condicionantes do processo saúde-doença são múltiplos e complexos, estando relacionados não apenas à disseminação de doenças transmissíveis, por exemplo, mas também a aspectos econômicos, culturais, sociais e à experiência de vida do indivíduo (SEIDL e ZANNON, 2004).

Inicialmente, faz-se necessário delimitar adolescência e citar algumas questões históricas acerca da saúde do adolescente ou medicina da adolescência. As primeiras publicações de peso que se tem conhecimento sobre a adolescência datam do início do século XX, por meio do tratado de G. Stanley Hall, do ano de 1904. Adolescência, sua psicologia e sua relação com a fisiologia, sociologia, sexo, crime, religião e educação, foi um marco nos estudos sobre a adolescência e validou o campo de estudo e atenção (QUEIROZ et al., 2013).

Delimitar adolescência é uma tarefa um tanto complicada e pouco precisa, visto que há diversas formas diferentes de fazê-la. Entende-se que esse período se inicia nos marcos biológicos que compreendem a puberdade, findando-se com a entrada do jovem na vida adulta, quando o adolescente passa a assumir as responsabilidades impostas culturalmente para o adulto. Outra forma importante de delimitar a adolescência é a aceita pelo Ministério da Saúde do Brasil, proposta pela OMS – Organização Mundial da Saúde, que delimita a adolescência entre os 10 e 19 anos de idade (MAGALHÃES-SENA & DESSEN, 2015). Já de acordo com o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, adolescência compreende o período entre os 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 1990).

A (in)definição conceitual de adolescência e juventude trouxe e traz repercussões notáveis no campo das políticas públicas voltadas para essa população (HORTA e SENA, 2010). É consenso que o período de adolescência é um período de grandes mudanças, mudanças estas biológicas, psicológicas, sociais, comportamentais etc. Assim, a educação, que é algo tido como direito da criança e do adolescente, só pode ser considerada em conjunto com um bem-estar geral do indivíduo, o que inclui a saúde. A promoção de saúde para o adolescente vai além de prevenção de comportamentos de risco, englobando questões relacionadas à qualidade de

vida, satisfação pessoal. Adolescentes e jovens são um grupo populacional que exige novos modos de se produzir saúde. Seu ciclo de vida particularmente saudável mostra que provavelmente as doenças e agravos de saúde são resultados de hábitos de vida, de comportamentos que de alguma forma os vulnerabilizam. Ora, é muito provável que as vulnerabilidades produzidas pelo contexto social, pelas desigualdades e segregações resultantes dos processos históricos de exclusão e discriminação determinam os direitos e, por consequência, as oportunidades de adolescentes e jovens brasileiros (BRASIL, 2018).

Na Europa do século XIX e no Brasil do início do século XX, as reformas higienistas realizadas nos centros urbanos foram responsáveis pelo aparecimento de novos personagens que estavam à margem da chamada ordem burguesa. Dentre tais personagens, temos, com grande presença, a família disfuncional, a jovem prostituta e o delinquente juvenil, muitas vezes os dois últimos fazendo parte do primeiro. Os alvos das ações de intervenção realizadas inicialmente por instituições filantrópicas e, a *posteriori*, por instituições públicas e privadas que foram surgindo eram sempre as famílias operárias, as famílias pobres. Nessa família, os seus filhos representaram um alvo ainda mais importante de investimento, pois, segundo o discurso intervencionista, essas crianças e jovens estavam em situação de desatenção e de vulnerabilidade nas ruas das cidades. O acesso do adolescente à rua significava para os intervencionistas acesso ao mundo de vícios, depravação e vagabundagem (GUIMARÃES, 2017).

Os primeiros serviços voltados aos jovens e adolescentes brasileiros datam da década de 1970, com caráter assistencial, e estavam associados a universidades, geralmente universidades de medicina, com programas de proteção à maternidade, à infância e adolescência. Já na década de 1980, surgiram alguns comitês que se preocupavam com a saúde do adolescente, estes estavam vinculados às Sociedades de Pediatria Regionais e começaram a impulsionar a Medicina do Adolescente, sendo nesse período que houve a criação de Organizações Não Governamentais (ONGs) e movimentos civis, que pediam a inclusão do adolescente e do jovem nas políticas públicas, na tentativa de desmistificar a sua imagem vinculada à criminalidade e violência. Foi aí que, em 1986, o Estado englobou a assistência primária à saúde dessa população. As primeiras ações tiveram foco nas Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), gravidez na adolescência, acidentes automobilísticos e drogadição, pois a população jovem se tratava de uma população vulnerável para esses fatores, encontrando-se em risco social. Vale ressaltar que a primeira política de saúde criada para o público adolescente

foi o Programa Saúde do Adolescente (PROSAD) em 1989, resultado da 42ª Assembleia Mundial de Saúde, realizada pela OMS (JAGER et al. 2014).

As políticas públicas de saúde são, hoje em dia, desenvolvidas a partir do modelo de atenção à saúde proposto pelo Sistema Único de Saúde (SUS) na década de 1990, voltando suas ações a grupos prioritários, como os jovens e adolescentes, após a reforma sanitária e outros eventos que culminaram na criação do SUS e implementação de novas políticas públicas voltadas para populações vulneráveis. Além disso, a década de 1990 marca a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – que, com o ordenamento jurídico da Constituição Federal de 1988, somado às Leis Orgânicas de Saúde e o SUS, trouxe um novo olhar, uma nova forma de compreender o adolescente e o adolescer na sociedade (JAGER et al. 2014).

Mas, foi quase nos anos 2000, entre 1995 e 2002, que as políticas públicas de saúde focadas no adolescente cresceram de forma mais intensa. Nesse período, as políticas eram focalizadas nas questões relacionadas, principalmente, à criminalização e tinham o objetivo de retirar o adolescente da criminalidade a que eram expostos, como tráfico de drogas e violência (HORTA e SENA 2010).

Nas últimas duas décadas, o governo brasileiro tem se preocupado em formular políticas públicas que incluam os jovens e adolescentes como sujeitos de direitos e cidadãos com voz ativa de participação social, capazes de tomar as próprias decisões sobre seus direitos sexuais e reprodutivos, envolvendo questões feministas, LGBTQIA+ e de juventude (JAGER et al., 2014).

Nessas décadas, ocorreu uma queda na mortalidade infantil e da fecundidade, esperando-se assim a diminuição no ritmo de crescimento da população jovem e aumento da população idosa como resultado dos dois fatores supracitados. De fato, houve uma desaceleração no crescimento da população jovem no Brasil, ainda assim, em 2002, a geração de adolescentes e jovens entre 10 e 24 anos era a mais numerosa de toda a história do país, totalizando 51.429.397 indivíduos, o que representava mais de 30% da população geral (BRASIL, 2010).

Tais dados fortalecem a ideia da relevância dessa população, frisando ainda a necessidade eminente da implementação de políticas públicas que atendam às demandas desse grupo, tendo em vista as vulnerabilidades a que estão expostos (JAGER et al., 2014).

G. Stanley Hall (1844-1924) foi um grande precursor do *child study*, estudo da criança em tradução livre, trazendo à tona questões importantes, com debates importantes sobre a

criança, suas relações com a pedagogia, reformas escolares, as relações entre a universidade e a escola primária, com os pais e professores, Hall formou grandes líderes educacionais polemizando grandes problemáticas do ensino e aprendizagem infantil, envolvendo professores e pais nos processos de desenvolvimento infantil (WARDE, 2014).

### **2.3 Violência: definições e tipologias**

A violência tem se tornado um assunto cada vez mais discutido, inclusive como um tema importante de saúde pública, visto que a situação de violência acarreta agravos de saúde física e psicológica na vítima (NJAINÉ et al., 2007). Faz-se necessário tipificar e definir violência para que se possa compreender de forma abrangente e completa os objetivos deste estudo. Dessa maneira, a violência é compreendida como a ação cometida contra si próprio, contra outrem ou, ainda, contra uma comunidade, utilizando-se de força e/ou poder, real ou em ameaça, ação tal que possa causar dano físico, psicológico, morte, deficiência de desenvolvimento ou algum tipo de privação (KRUG et al., 2002; SOUZA1998).

Ainda segundo Krug et al. (2002), a OMS indica três grandes grupos de violência com base na tipologia, de acordo com as características do indivíduo que comete a ação violenta. São eles:

- Violência coletiva: caracteriza-se como ato violento cometido nos âmbitos macrossociais, políticos e econômicos, envolvendo a dominação de grupos e do Estado. Alguns exemplos são os crimes cometidos por grupos organizados, atos terroristas, os crimes de multidões (como linchamentos), as guerras;

- Violência autoinfligida: engloba os atos de autoabusos e comportamentos suicidas, incluindo tentativas de suicídio, ideação suicida, agressões a si próprio e automutilações.

- Violência interpessoal: violência comunitária (violência juvenil, estupro, ataque sexual por estranhos, violência dentro de grupos institucionais) e violência familiar. Incluindo-se a violência infligida pelo parceiro íntimo ao cônjuge, o abuso infantil e contra os idosos. A violência dentro de grupos institucionais pode ocorrer em escolas, locais de trabalho, prisões, asilos, igrejas etc.

Ainda discutindo a tipologia da violência, conclui-se que por trás das categorias citadas acima, a violência estrutural é a base da maioria, dessa maneira é necessário explicá-la também. Segundo Minayo e Souza (1998), a violência estrutural se aplica às estruturas organizadas e



institucionalizadas da família e ainda aos sistemas econômicos, culturais e políticos de forma a conduzir à opressão determinadas pessoas a quem se negam vantagens da sociedade, tornando-as mais vulneráveis ao sofrimento e à morte. Tais indivíduos são as denominadas vítimas.

#### **2.4 A interface entre educação e violência**

É objetivo deste trabalho abordar de modo mais restrito a violência no âmbito educacional e, dessa forma, é relevante trazer algumas informações no que tange ao monitoramento da violência na escola. Como já levantado, existem diversas formas de violência e estas, por sua vez, podem ser carregadas de intenção ou não, assim atos violentos não necessariamente são carregados de um objetivo, ou seja, a ação violenta em muitos casos é uma reação devido a um conjunto de representações que o indivíduo possui que se manifesta ou desencadeia comportamento violento.

Antes de tudo, precisa-se compreender o que é violência para então afunilar mais até chegar ao tipo de violência que pretendemos dar ênfase neste trabalho. Segundo Miranda (2011), a violência não é comum apenas no Brasil, esse fenômeno tem afetado "todas as sociedades e tradições culturais". Baseando-se em Miranda (ibidem), a mesma correlaciona que essa problemática (violência) está presente em várias áreas, ou seja, encontra-se presente nas representações midiáticas, no "discurso político e da sociedade" (ibidem), dentro dos âmbitos acadêmicos e nos órgãos responsáveis por intervir na sociedade e o Estado para conter, amenizar e/ou diminuir essa prática de comportamentos agressivos.

De acordo com Lima et al. (2016), os dados estatísticos que evidenciam a diminuição da violência em alguns estados brasileiros não são eficazes, uma vez que as estratégias utilizadas para a redução da violência são permeadas de "normas técnicas, regras de conduta ou padrões capazes de modificar culturas organizacionais ainda baseadas na defesa do Estado, e não na sociedade". Nesse sentido, as críticas desses estudiosos recaem sobre as indagações de reformas institucionais que não foram significativas ou que não tenham tido efeito em longo prazo.

Sapori (2007) afirma que a "manutenção da ordem pública é, indubitavelmente, um dos principais bens coletivos da sociedade moderna" e atribui como obrigação do Estado "combater a criminalidade [...] prover saúde e educação, bem como outros serviços que

garantem o bem-estar social” (Sapori, 2007, p. 17). Nesse contexto, têm-se, então, as atribuições e deveres do Estado dentro da sociedade, como este deve portar-se para promover e garantir a segurança dos cidadãos, e espera-se que o governo ofereça os subsídios necessários para que os cidadãos possam exercer o seu direito de ir e vir a qualquer hora e lugar com segurança.

Conforme Miranda (2011), existem diferentes formas de violência, dentre elas estão as violências físicas, psicológicas, verbais, simbólicas, dentre outras. E, embora haja diferentes características de violência, assim como da sua definição, a responsabilidade para o "equilíbrio" da manutenção da ordem é dever do Estado.

Lima et al. (2016), em suas análises, demonstram que a segurança pública no Brasil ainda está decadente e, embora esse quadro tenha evoluído, ainda não é suficiente para resguardar as “demandas sociais e políticas contemporâneas e não está preparado para fazer frente às novas dinâmicas do crime, que muitas vezes envolve organizações criminosas, corrupção e violência” (LIMA et al., 2016, p. 56).

Dessa forma, há diversas formas de violência. Tais violências podem estar ou não dentro do ambiente educativo. Entretanto, todas as formas de violência possuem alguma influência sobre a escola, já que é impossível deslocar o escolar para um estado em que a escola esteja fora do contexto social. Com isso, tendo a escola um posicionamento de destaque dentro da comunidade, a mesma por sua vez também está inserida em uma sociedade passível de violência. Mas, para que exista um contraponto da instituição perante as relações hostis, faz-se necessário colocar a mesma em um posicionamento de combate para que a escola seja mais um instrumento social de transformação.

Essas propostas são doravante clarificadas no decorrer do trabalho a fim de construir um quadro que forneça a real relevância da escola no combate à violência e como a mesma pode estar em um conjunto desfavorável atualmente no que tange a tal combate. A história da educação do homem traz uma contribuição quanto à manifestação da indisciplina, que pode ter sua origem no desgaste das relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula (GARCIA, 2009).

Nessa perspectiva, é importante trazer a reflexão de que a escola está inserida no ambiente social e, como tal, está sujeita às regras morais e éticas vigentes. Certamente, a escola compõe um espaço no qual a violência não deveria ser um personagem, porém é senso comum que existe uma crescente aspereza no ambiente educativo, onde a violência se faz frequentemente presente (BARBIERI et al., 2021).

Em um primeiro momento, a criminalidade que advém de fora do ambiente escolar certamente ocupa um espaço privilegiado, visto que o jovem é posicionado em uma escala de desvantagem sobre a mesma. Nesse sentido, o aluno na maioria dos casos está totalmente alheio em razão da clara ineficácia do Estado e da sociedade em proteger a criança e o adolescente do constrangimento perante a criminalidade. Todavia, parece ser de comum acordo que a educação fornece diversos mecanismos que colocam o jovem como um ser atuante no combate à violência. Leão (2011) coloca que as reformas educacionais ocorridas em meados da década de 1990 foram acompanhadas de um discurso redentor e salvacionista: “a escola como passaporte para o futuro”. Conforme as ideias de Leão, é fácil fazer algumas relações sobre as políticas desenvolvidas a partir de 1990. Essa relação se dá de modo a colocar a educação na mente do aluno como um mecanismo de relação central para o seu sucesso social e, dessa forma, marginalizar a criminalidade como um mecanismo de obtenção monetária. Becker (1968 apud TEIXEIRA, 2011, p.15) afirma que a violação da lei “é uma decisão racional de um indivíduo que avaliaria entre os benefícios financeiros de sua ação criminosa e os custos associados a sua punição; e os custos de oportunidade representados pelo retorno no mercado legal de trabalho”.

Nessa perspectiva, o jovem em muitos momentos é ludibriado pela facilidade de ganhos, contudo essa decisão, conforme ilustra Becker, materializa-se em um contexto racional. Assim, colocar a educação como um aparelho em um primeiro momento de crescimento social foi o foco das políticas desenvolvidas em 1990, conforme relatado por Lopes:

Muitas vezes, os adolescentes relatam que o envolvimento com a criminalidade se dá, em grande medida, por motivos: 1) satisfação da necessidade de consumo, dado que o tráfico, por exemplo, enseja ganhos substanciais em curto período; e 2) visibilidade, na medida em que portar uma arma, pertencer a um grupo etc., confere um lugar social de destaque a um sujeito até então *apagado* pela exclusão e pela discriminação (Lopes, 2017, p.59).

Fica evidente a relação entre a ansiedade por um lugar na sociedade e o pensamento voltado para ações fora da legalidade. Essa ansiedade é um fator que deve ser explorado pelo meio educacional, assim como aproveitado pela comunidade e instituições que circundam a escola. Assim, de acordo com o exposto, faz-se necessário comentar sobre outro tipo de violência, que não necessariamente está desligado dos fatos aqui já ilustrados: a violência escolar.

As causas para a violência entre a escola e o aluno são de grande diversidade, todavia Koehler coloca que:

A violência escolar pode envolver tanto a violência entre Classes Sociais (violência macro) como a Violência Interpessoal (violência micro). No primeiro caso, a escola pode ser cenário de atos praticados contra ela (vandalismo, incêndios criminosos, atentados em geral) (Koehler, 2008, p.03).

Existe, portanto, um cenário de investigação que em tempos atuais é facilmente lido. A violência entre professor, aluno e escola apresenta-se de modo plural como reflexo de diversas marginalizações do indivíduo perante a sociedade e sua própria história. Trazer o fator sobre a afetividade também fornece um ambiente onde os indivíduos são colocados em igualdade e respeito. Logo, precisa-se refletir sobre as causas da violência para que exista uma discussão sobre as soluções que podem ser consideradas.

Em um olhar sobre a afetividade, o professor é apresentado como um mediador que sai do conservadorismo e alimenta a vontade de aprender da criança, rompe as barreiras entre o professor e aluno, estabelece relações de afetividade com a criança para que o educar se torne produtivo.

A função do professor nessa pedagogia é ser um semeador do saber, tendo como objetivo buscar todos os dias uma nova proposta para a vida cotidiana do aluno, unindo saberes filosóficos, artísticos e morais. Cabe igualmente ao professor alimentar no aluno o sentido e a interação dos saberes escolares e primevos. O educador é aquele que consegue defender uma educação que supera as limitações impostas pela vida e que contribui para que realmente o educando consiga uma completa formação humana.

No contexto sobre a falta de afetividade, Freinet:

A escola não me marcou nem para o bem nem para o mal. Já que decerto ela não podia marcar-me para o bem, alegro-me que não me tenha marcado para o mal, que tenha sido neutra, que tenha passado como algo anônimo por meus dias de criança, como água que escorre sobre a argila ressecada (Freinet, 1978, p.8).

Não é intenção deste texto colocar que a falta ou completa inexistência da afetividade tenha o papel central sobre a violência dentro de sala de aula. Todavia, é possível notar que a existência da mesma certamente coloca o ambiente escolar em um patamar de maior proteção no que tange à interação áspera entre os seus indivíduos. Assim, a pedagogia relacionada a essa visão defendia a liberdade de expressão e o desenvolvimento considerado natural em relação à criança, sendo apoiada nos seguintes princípios básicos: Cooperação, Tateamento experimental, Comunicação Educação do Trabalho Experimental.

Dessa maneira, Freinet apresenta que com a cooperação estabelecida com a vida social e, por meio dela, era possível mostrar às crianças como é importante o cooperativo, princípio que ele utiliza para apresentar a elas o trabalho cooperativo e a sua necessidade. A cooperação está ligada à segunda base da pedagogia Freinet, ou seja, a comunicação, base que possibilita a livre expressão dos alunos, o que resulta em uma libertação da educação autoritária, dando lugar a uma educação participativa, não hierárquica.

Existe uma necessidade de investigação constante para o combate e levantamento de soluções para que as relações violentas não sejam elevadas tão imperativamente nos dados que são evidenciados internacionalmente. Com isso, faz-se necessária a existência de uma integralização entre ao Estado, a escola e a sociedade em geral, ou seja, no que tange à sociedade, vale destacar o papel da família para que exista o ambiente educativo que Freinet defende.

Segundo a própria LEI nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 1º:

“Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.”

É evidente que existe uma ligação muito forte entre saúde e educação, porém não está tão clara e delimitada assim. Mas, quando pensamos de forma mais ampla, podemos dizer que não há educação e processos de ensino se não houver saúde e, de certa forma, não há saúde e processos de prevenção e profilaxia, por exemplo, se não houver educação. Os campos da educação e da saúde caminham juntos em um campo epistêmico expressivamente relevante para a qualidade de vida humana.

Rangel (2009) discute que a essência da educação encontra-se nos valores de formação humana e social e, nessa perspectiva, por meio de tais valores que se compreende a saúde como um tema educativo de formação humana e social, além de a saúde ser também entendida e reivindicada como um direito fundamental da vida cidadã, ainda considerada essencial para a dignidade humana.

Questões relacionadas a desigualdades sociais são apontadas frequentemente como problemas a serem enfrentados na busca de decisões para oferecer equidade social. Dentre as variáveis de inserção sociais mais importantes, estão a educação e a saúde, mais uma vez caminhando juntas, lado a lado. Apesar de sempre caminharem juntas, há designações polissêmicas e diversas (educação em saúde, educação e saúde, educação para a saúde,

educação sanitária) e não é somente no Brasil, nos Estados Unidos, por exemplo, a denominada *Health Education* passa por reformulações desde a década de 1960. Neste trabalho, trataremos de Educação em Saúde – ES – para designar essa relação. Quando se fala em “Educação em Saúde”, estamos tratando de temas comuns às duas áreas do conhecimento, sendo assim um campo multifacetado, como descreve Marinho e Silva (2013), em seu estudo.

Nesse sentido, é importante salientar a necessidade de integração das políticas públicas de forma a implementar e melhor direcionar as ações em educação em saúde. Para tal, faz-se necessário avaliar um panorama geral de relação intrínseca entre o fisiológico, o social, o psíquico e o econômico, visto que todos eles influenciam os processos de adoecimento, assim como os processos de cura, e precisam aparecer nos projetos políticos pedagógicos e terapêuticos, incluindo os educandos como sujeitos legítimos nos processos educacionais, considerando suas diversidades e particularidades, suas complexidades. Faz-se necessária a construção de espaços pedagógicos que utilizem linguagens que vão além da palavra e da escrita, inserindo arte e cultura, possibilitando e objetivando a ampliação das percepções do aluno de forma a promover melhor qualidade de vida, fomentando a participação e protagonismo infantojuvenil em promoção em saúde (SILVA et al., 2020).

A saúde tem sido associada historicamente ao surgimento de doenças, sua prevenção e cura, por exemplo, na educação relacionada à higiene pessoal, assim como a vulnerabilidade à violência que pode refletir no desenvolvimento cognitivo pessoal e até mesmo em como o indivíduo irá lidar com as relações sociais. Isso reflete a hegemonia do modelo biomédico que tem permeado durante longo tempo o desenvolvimento das práticas de saúde no Brasil e no mundo, desconsiderando a capacidade de as pessoas assumirem o cuidado e o controle sobre o corpo e a vida, delegando-os aos profissionais de saúde. Assim, a abordagem da saúde como algo de responsabilidade da área médica proporcionou o distanciamento de outras áreas do conhecimento dos processos de saúde e doença. Nesse sentido, questões como participação, autonomia, criatividade, autoestima, identidade, espiritualidade, amorosidade, resiliência, assertividade, entre outras, aparecem de forma equivocada distantes do desenvolvimento da saúde, quando abordadas nos processos pedagógicos (SILVA et al, 2020). Portanto, a escola tem papel fundamental na manutenção da qualidade de vida dos indivíduos, proporcionando intersectorialidade entre as áreas de forma harmônica, abordando terapias diversas, não só medicamentosas, incentivando a criatividade, o senso crítico e educando de forma integrada para o melhor desenvolvimento humano.

A adolescência representa um importante período de desenvolvimento, pois é nela que são efetuadas várias escolhas com impacto perdurante na vida dos indivíduos. Este é um período no qual se estabelece a identidade do sujeito, sendo também considerado como um período de passagem entre a infância e a idade adulta que implica um importante reajuste do indivíduo.

FREUD (1917/1924) referia-se à adolescência como um ponto traumático, em que o jovem sente necessidade de fugir da influência parental. É claro que a adolescência é um período no qual o adolescente sente necessidade de encontrar a si mesmo por meio do distanciamento dos laços paternos (ZANOTTI, 1996).

A violência adolescente ou juvenil é uma violência muito visível em nossa sociedade moderna, em que basta ouvir telejornal ou a televisão que você se encontra no meio dela. Para entender a extensão do problema, precisamos olhar para a epidemiologia da violência global. Em 1996, a Assembleia Mundial da Saúde declarou a violência como um importante problema de saúde pública e, como resultado dessa resolução, um relatório abrangente foi publicado em 2002. A Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu violência como "O uso intencional de força ou poder físico, ameaçado ou real, contra si mesmo, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulta ou tem alta probabilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, desenvolvimento deficiente ou privação". Mas, onde tudo isso começa? e por que os jovens se tornam violentos?

Para o autor TREMBLAY (2008):

A violência física exibida por adolescentes e adultos jovens é uma preocupação importante em todas as sociedades modernas. Sem dúvida, o risco de prisão e condenação por comportamento criminoso é maior ao final da adolescência e no início da vida adulta do que em qualquer outro momento da vida. Nos últimos 40 anos, centenas de estudos tentaram esclarecer o que leva crianças brincalhonas a se tornar jovens delinquentes violentos. (TREMBLAY, 2008, p.1)

Comportamentos agressivos e violentos são respostas aprendidas à frustração que podem também ser assimiladas como instrumentos para atingir metas, aprendizado que ocorre pela observação de modelos que exibem tais comportamentos. "Esses modelos podem ser observados na família, entre colegas, na vizinhança, nos meios de comunicação de massa ou na pornografia violenta" (TREMBLAY, 2008, p.1).

A família é o princípio de todo ser humano, por isso indispensável, visto que é nesse meio que se terão os primeiros contatos com a vida em sociedade, que se exteriorizarão as emoções e aprender-se-á sobre a vida. "A base de tudo é a família e nesta deve repousar



qualquer linha primeira de ação" (FELIPE, 2000, p.1). A sociedade está vivendo em um ritmo extremamente acelerado, em que as novas gerações de pais se envolvem muito com as próprias necessidades e estão divididos com o cuidar dos filhos. As crianças, por sua vez, tendenciam a amadurecer sozinhas ou é delegada à escola a função de educar e ensinar. Contudo, sabemos que essa sobrecarga às escolas não vem dando certo.

Os pais, quando negligenciam os cuidados da criança, eles ficam à mercê do que está em torno, ou seja, a mídia, a internet, a televisão, *tablet*, videogame, sendo por meio destes que a maioria de nossas crianças vem se educando. “Fatores como alterações no comportamento envolvendo escolhas de risco, medo associado à criminalidade e emoções negativas persistentes foram comprovados cientificamente após exposição a conteúdo violento” (NASCIMENTO, 2020, p.1).

Nesse novo padrão de comportamento, as crianças estão conectadas na própria busca de informações e não sabem filtrar o que de fato seria bom para elas, e como os pais não estão por perto, vendo, analisando o que seus filhos pesquisam na internet, assistem ou jogam, esses pais não passam aos filhos a informação correta. Nesse contexto, para a criança, o que ela vê nas mídias sozinha é correto.

GRISARDO-FILHO (2005) afirma que:

O direito à convivência familiar há de ser priorizado pela sociedade, poder público, mas, essencialmente, pelos pais, pois suas responsabilidades não se resumem a dar vida a um ser humano. É indispensável que esse ser tenha uma criação implementada com afeto e aconchego. Assim, apesar da lei referir-se ao instituto da guarda como um direito dos pais, acima de tudo, trata-se de um direito dos filhos serem visitados. (GRISARDO-FILHO, 2005, p.46)

Atualmente, vivemos em uma sociedade capitalista na qual o ter está acima do ser. A competitividade, a exclusão da maioria e o individualismo afloram na sociedade, fazendo com que as famílias não tenham mais tempo para se encontrar e conversar. As crianças ficam em casa aos cuidados de outras pessoas que não se importam tanto quanto os pais em certas disciplinas. Então, elas ficam livres para fazer o que acham melhor, por exemplo, assistir a programações televisivas que lhe passam todas e quaisquer informações.

Por trabalhar, a maioria dos pais reserva pouco tempo para ficar com os filhos, deixando-os principalmente em frente à televisão.

De acordo com FERRÉS (1996):

De alguma forma, a televisão substitui a função materna. Ocupa um lugar de destaque dentro do lar. É ponto de referência obrigatório na organização da vida familiar. Está sempre à disposição, oferecendo a sua companhia a qualquer hora do dia ou da noite. Alimenta o imaginário infantil com todo tipo de fantasias e contos. É um refúgio nos momentos de frustração, de tristeza ou de angústia. E, como uma mãe branda, nunca exige nada em troca. (FERRÉS, 1996, p.7)

Diante dessa situação, faz-se necessário que as instituições educacionais comecem a estudar meios de ocupar os jovens direcionando-os para outras atividades. Educar para a reflexão crítica presume identificar os motivos da magia televisiva, compreender o sentido explícito das informações e ter condições de estabelecer relações coerentes entre o que a televisão é e o que a realidade do mundo fora dela apresenta.

A televisão e seus mecanismos ideológicos mudam a sociedade a cada dia, com suas variadas programações que destacam, principalmente, os programas de novelas que somente em meados de 1995 tentam trabalhar com questões sociais, procurando passar para os telespectadores a superação de alguns temas polêmicos, entre eles a violência explícita. Os pequenos crescem e se tornam adolescentes violentos. Para FISCHER (1997):

[...] na construção da linguagem de peças audiovisuais, delineiam-se diferentes estratégias comunicativas de formar e simultaneamente informar. Ou seja, cada produto - um vídeo, no capítulo de telenovela, um filme, um desenho animado, uma entrevista ou uma reportagem de TV, um documentário, um comercial - é visto nesta análise como materialidade discursiva, como gerador e veiculador de discursos, como as tecnologias de comunicação e informação. E na sua condição de constituidor de sujeitos sociais (FISCHER, 1997 p.61).

Antigamente, quando não existia televisão, as pessoas mais velhas contam que passavam horas conversando e recordando o passado, contando histórias. Hoje, quase não há conversa, apenas assistir televisão, game ou internet. Essa falta de diálogo traz à tona o comportamento violento em crianças e adolescentes, o que pode incluir uma ampla gama de comportamentos: acessos de raiva explosivos, agressão física, brigas, ameaças ou tentativas de ferir outras pessoas (incluindo pensamentos de querer matar outras pessoas), uso de armas, crueldade contra animais, incêndio, destruição intencional de propriedade e vandalismo.

“Não apenas a televisão, os celulares e *notebooks* podem influenciar negativamente os jovens, os videogames violentos não apenas aumentam os comportamentos agressivos. Eles também aumentam os pensamentos de raiva, [...]” (SHAO, 2019). Além disso, aumentam também a frequência cardíaca, afetando a pressão arterial dos jovens.

Ainda, esse mesmo estudo realizado por SHAO (2019), sobre a exposição a videogames violentos entre adolescentes, mostrou que essa exposição está relacionada à agressão de adolescentes; as crenças normativas sobre a agressão têm um efeito mediador sobre a exposição a videogames violentos e agressão de adolescentes, enquanto o ambiente familiar regula a primeira parte do processo de mediação. Para indivíduos com bom ambiente familiar, a exposição a videogames violentos tem efeito direto apenas sobre a agressão, no entanto, para aqueles com ambiente familiar pobre, há ainda um efeito indireto mediado por crenças normativas sobre a agressão somado a um efeito direto.

Todavia, ainda são poucas as informações sobre violência na adolescência, principalmente sobre comportamentos de menor impacto físico. Brigas ocasionais, mesmo com menores consequências físicas, podem ser um sintoma de outros tipos de violência, pois é um comportamento relativamente comum entre os jovens que muitas vezes são autores e / ou vítimas de violência, mostrando uma estreita ligação entre as formas de violência. Adolescentes vítimas de algum tipo de violência têm maior probabilidade de promover atos violentos do que aqueles que não foram expostos e, portanto, esta é uma forma de perpetuar o ciclo da violência.

“As atitudes presentes na criação dos filhos são cognições que predisõem um indivíduo a agir positiva ou negativamente em relação à criança” (GRUSEC, 2006). Pais que não orientam seus filhos e os deixam em uma combinação de fatores que leva a um risco aumentado de comportamento violento em crianças e adolescentes podem estar fazendo com que seus filhos tenham comportamento agressivo ou violento, sejam vítimas de abuso físico e/ou abuso sexual, expostos à violência em casa e/ou comunidade, vítimas de *bullying*, agressivos por fatores genéticos (hereditariedade familiar), expostos à violência na mídia (TV, filmes etc.), ao uso de drogas e/ou álcool, à presença de armas de fogo em casa e à combinação de fatores socioeconômicos familiares estressantes (pobreza, privação severa, separação conjugal, mãe solteira, desemprego, perda de apoio da família extensa).

A violência interpessoal entre jovens de 11 a 19 anos é uma preocupação significativa de saúde pública. A violência adolescente envolve comportamentos que variam de brigas físicas a formas mais graves de agressão física que podem resultar em ferimentos graves ou morte (GRUSEC, 2006).

Quando os pais não fornecem supervisão adequada, os adolescentes estão propensos a se envolver em comportamentos agressivos ou atividades criminosas. Sem a supervisão de um adulto, os adolescentes não têm os recursos necessários para fazer boas escolhas ou reconhecer

os riscos. Conseqüentemente, eles tendem a fazer amizade com as pessoas erradas, assumir riscos desnecessários e experimentar coisas que um pai envolvido não permitiria. “Quando os pais são permissivos demais, os filhos muitas vezes não têm motivação para se sair bem na escola e podem até parar de se preocupar com o futuro” (GRUSEC, 2006).

Estamos em um período muito carente de pais que não estão por perto monitorando, cuidando e tutorando o que seus filhos consomem nas mídias. Esses pequenos crescem e com eles muitos problemas de violência, pois nem sequer aprenderam a gerir suas emoções, não aprenderam a perder, a ouvir um não, a ter uma responsabilidade em casa, na ajuda da organização de suas coisas, por exemplo, crescem adolescentes frustrados, nervosos. Ao sair de casa, da frente das telas, vão para a escola e lá se deparam com combinados que devem ser cumpridos, como a não utilização do celular, a respeitar o outro, e isso é difícil, pois eles não estão tendo um cuidado em casa, não estão sendo ensinados valores.

FIGUEIREDO(2020) reflete que vivemos hoje uma crise nas relações familiares, em que diversos foram os fatores do abandono dos valores morais e éticos que conduziram a humanidade para um vazio de valores. Para a autora:

É perceptível a importância da instituição familiar, fundamental à própria vida social, cujas funções principais são de natureza educadora, socializadora e psicológica. Atribui-se à família a responsabilidade de adequar o comportamento de seus entes aos valores da sociedade, transmitindo-lhes hábitos, linguagem e cultura, bem como contribuir para o equilíbrio, desenvolvimento afetivo e segurança emocional de seus membros. (FIGUEIREDO, 2020, p.2)

Recentemente, o surgimento de tecnologia avançada impactou todos os aspectos de nossas vidas, com conseqüências positivas e negativas. Como pode ser visto atualmente, a tecnologia em evolução pode ter um forte impacto na vida das pessoas, principalmente se forem adolescentes, visto que estes são vulneráveis a mudanças, podendo afetá-los de diferentes maneiras. Uma vez que podem ser expostos a diferentes tipos de vitimização *online*, muitas pesquisas têm sido feitas nessa área a fim de descobrir sobre o uso comportamental da internet entre adolescentes.

O comportamento agressivo pode ser um sintoma de diversos tipos de problemas pelos quais um aluno pode estar passando. Por isso, é fundamental que o professor fique sempre atento e saiba identificar os sinais corretamente (KONKIEWITZ, 2013; LIRA et al., 2010). É

importante estar alerta para mudanças de comportamento. Os adolescentes geralmente dão dicas de que estão considerando a possibilidade de violência contra outras pessoas, como:

- Falar sobre violência, especialmente violência dirigida a pessoas específicas ou grupos de pessoas, como grupos de estudantes, ou lugares, como escolas, igrejas ou prédios do governo;
- Falar, escrever ou desenhar sobre morte e violência;
- Tendo mudanças de humor inexplicáveis;
- Ter raiva intensa ou perder a paciência todos os dias;
- Lutando frequentemente;
- Agindo agressivamente com os outros. Isso pode incluir:
  - Ferindo animais;
  - Provocar ou insultar os outros, xingando-os, zombando deles ou ameaçando-os;
  - Fazendo telefonemas ameaçadores;
  - Seguir ou perseguir outra pessoa;
  - Danificar ou vandalizar a propriedade de outra pessoa;
  - Uso de álcool, drogas ou tabaco;
  - Ter comportamentos de risco, como excesso de velocidade, álcool e direção, ou comportamentos sexuais de alto risco;
  - Carregando ou falando sobre uma arma, especialmente uma arma de fogo;
  - Comprar ou falar sobre outros meios, como venenos, que podem matar ou prejudicar outras pessoas;
  - Não se responsabilizando por suas ações ou dizendo que as ações são justificadas por causa da forma como ele ou ela foi tratado.

A possibilidade de violência adolescente também aumenta quando os seguintes fatores estão presentes no comportamento de um adolescente ao longo de várias semanas ou meses:

- Comportamento agressivo ou violento;
- Uso de drogas ou álcool;
- Passar mais tempo ouvindo música sobre violência ou assistindo a programas violentos na TV, vídeos ou na internet;
- Ser membro de uma gangue ou ter um forte desejo de se tornar parte de uma gangue;
- Acesso ou fascínio por armas de fogo ou outras armas violentas;
- Ameaçando outras pessoas regularmente;
- Afastamento de amigos, família e atividades geralmente prazerosas;

- Medo de outras pessoas (paranoia);
- Sentindo-se rejeitado, sozinho ou desrespeitado;
- Ser vítima constante de *bullying*;
- Fraco desempenho ou frequência escolar;
- Problemas frequentes com figuras de autoridade.

Assim como muitos dos desafios envolvidos na educação básica, aprender a trabalhar com jovens e crianças agressivas exige bastante estudo e preparação do professor. É preciso que o mesmo busque se capacitar e desenvolver habilidades fundamentais, como a escuta ativa, e técnicas de solução de conflitos, aprender mais sobre as habilidades socioemocionais, entender como lidar com situações de *bullying*, entre outros (KONKIEWITZ, 2013; LIRA et al., 2010).

A violência entre colegas é um problema sério entre os alunos da escola. Esse fenômeno é definido e denominado de várias maneiras. Termos como *bullying*, assédio, *bullying*, agressão de pares, vitimização de pares, *mobbing*, *bullying* são usados. Quando as tecnologias de comunicação modernas são usadas como uma ferramenta de violência, são usados termos como *cyberbullying*, *cyberbullying* ou *mobbing* eletrônico ou assédio na *internet*.

*Bullying* é uma palavra de origem inglesa adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão. O *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente adotada por um ou mais estudantes contra outros, causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima (PEREIRA, et al., 2010).

A violência entre colegas pode deixar uma marca permanente na psique de um adolescente. Por que os jovens com experiência de violência entre pares não podem ficar sem a ajuda e o apoio dos adultos? Para BOCK et al. (2002):

Ouvimos tanto dos professores quanto da sociedade em geral que o vandalismo contra a escola e a agressão a professores se devem a certa fragilidade dos dirigentes, que em tudo concordam com os jovens estudantes, e à imagem das famílias. Há de se pensar ainda sobre a falta de limites dos adolescentes que se apresenta como a causa principal da indisciplina (BOCK et al., 2002, p. 151).

A violência pode assumir várias formas: física e mental (verbal e não verbal). A violência física é bater, chutar, cuspir, receber extorsão de dinheiro ou coisas, atirar coisas etc.

Abuso verbal (verbal) é um xingamento, provocação, ridicularização, ameaça e calúnia, na disseminação de boatos. Por outro lado, a violência não verbal pode consistir em ameaças com gestos, por exemplo, com o punho.

A violência também pode ser direta ou indireta, quando o perpetrador/grupo de perpetradores inclui ou incentiva outros a atacar ou assediar colegas, ou a excluir deliberadamente colegas selecionados do grupo, tentando mantê-los afastados da vida de classe. (BOCK et al., 2002, p. 152)

Conforme mencionado, as características típicas da violência tradicional são a repetição, a intencionalidade, o desequilíbrio de poder e o fato de o agressor e o adolescente em situação de violência funcionarem no mesmo grupo de pares. No entanto, outras questões surgem quando se trata de *bullying* via internet ou telefones celulares. Como na violência "tradicional", o perpetrador ou perpetradores podem assediar repetidamente um amigo ou colega enviando, por exemplo, mensagens de texto ofensivas. No entanto, a repetição do *bullying* pela internet deve-se, principalmente, às especificidades das novas tecnologias de comunicação.

A violência escolar não é fácil de entender. Não há um único motivo pelo qual os alunos se tornem violentos. Alguns estão apenas seguindo o comportamento que viram em casa, nas ruas ou em videogames, filmes ou TV. Alguns estão lidando com problemas de saúde mental. Algumas pessoas que se tornam violentas foram vítimas de *bullying*. Elas podem se sentir isoladas e rejeitadas por seus colegas. Estas são apenas algumas das razões pelas quais um adolescente pode se tornar violento.

Muitas são as consequências para o jovem que sofre violência, entre elas vivenciar a violência juvenil pode prejudicar o desenvolvimento e contribuir para dificultar a tomada de decisões, desafios de aprendizagem, conexões diminuídas com colegas e adultos e problemas para lidar com o estresse. A violência juvenil pode ter efeitos graves e duradouros na saúde física, mental e social dos jovens.

A pressão dos colegas desempenha um papel fundamental na violência juvenil, especialmente porque as crianças são mais propensas a se envolver em comportamentos de risco ou violentos quando agem como um grupo. Adolescentes que normalmente não seriam agressivos ou violentos por conta própria muitas vezes se sentem fortalecidos quando estão em um grupo. Além disso, eles têm maior probabilidade de serem violentos ou agressivos quando

se sentem pressionados, como também podem se tornar violentos para manter seu lugar no grupo. A pressão dos colegas pode levar os adolescentes a se envolverem em comportamentos de risco (SHAO, 2019).

Experiências adversas na infância, como violência juvenil, estão associadas a resultados negativos de saúde e bem-estar ao longo da vida e afetam desproporcionalmente as comunidades de cor. A violência juvenil aumenta o risco de dificuldades comportamentais e de saúde mental, incluindo futura perpetração de violência e vitimização, tabagismo, uso de substâncias, obesidade, comportamento sexual de alto risco, depressão, dificuldades acadêmicas, abandono escolar e suicídio.

A violência aumenta os custos dos cuidados de saúde, diminui o valor da propriedade, impacta negativamente a frequência escolar e o acesso aos serviços de apoio da comunidade. Enfrentar as consequências de curto e longo prazo da violência sobrecarrega os recursos da comunidade e limita os recursos que os estados e as comunidades têm para atender a outras necessidades (SHAO, 2019).

Às vezes, os adolescentes respondem de forma violenta ou agressiva porque lutam para controlar suas próprias emoções. Oriente-se que se explique claramente aos alunos que a violência e a agressão contra qualquer pessoa são inaceitáveis e que todos devem se sentir seguros na escola. Se você tem um aluno que é agressivo com você, afaste-se e explique a ele que você pode continuar a conversa quando ele se acalmar. Isso o ajudará a aprender a se comunicar de maneira não violenta e respeitosa (OLDEHINKEL, 2021).

Dê espaço ao seu aluno adolescente e remova a pessoa que está agravando a situação a fim de dar-lhe tempo para se acalmar. Defina consequências não violentas e apropriadas e prossiga para ensinar ao seu aluno que a violência é inaceitável. Se o aluno não responde a nenhuma dessas estratégias, isso pode indicar que há um problema mais profundo. Considere o apoio profissional da coordenação, psicopedagoga e gestão da escola ou conselheiros escolares, professores ou profissionais de saúde mental. Eles podem fornecer a esse educando estratégias eficazes para lidar com o comportamento violento ou agressivo (OLDEHINKEL, 2021).

Pensa-se no papel do professor enquanto educador de promover uma educação de conscientização ao aluno em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-lo a entender sua situação de oprimido e agir em favor da própria libertação. Paulo Freire muito destacou a prática sobre a dignidade humana, na perspectiva freiriana, professores têm uma vocação ontológica e histórica de humanização (FREIRE, 1997). Perseguem esse ideal por meio da



práxis: reflexão e ação crítica, dialógica, transformadora (BEISIEGEL, 2018). Humanizar significa nos tornarmos mais plenamente o que já somos como seres humanos, mas este não é um processo abstrato. Humanizamo-nos como seres em contextos particulares, em determinados momentos da história, com outros. Impedir outros nessa busca é desumanizador. E não há nada mais humanizador do que auxiliar nosso aluno que sofre algum tipo de violência ou que é o agressor.

Quaisquer que sejam as atuais circunstâncias sociais e emocionais de nossos alunos que estão inseridos em um ambiente de violência, a mudança é sempre possível. Freire não nega que os seres humanos às vezes podem ser motivados pelo interesse próprio em suas decisões e ações, mas ele não vê isso como um impulso inato (FREIRE, 1987). O interesse próprio não é inevitável e a propensão a apelar para ele é em si um reflexo dos sistemas econômicos, sociais e políticos que estruturam nossas vidas. Na educação, como em muitos outros campos da atividade humana, muito do que fazemos é comprovadamente motivado mais por um interesse no bem-estar dos outros do que por nosso próprio interesse econômico pessoal. Todavia, o adolescente não tem compreensão e maturação suficiente para compreender naquele momento que está em um ambiente violento e que precisa se humanizar. (BEISIEGEL, 2018).

A violência, em âmbito global, acaba por permear o ambiente escolar. Tal questão tem sido objeto de discussão nos últimos anos, havendo muitas notícias sobre o assunto. A violência escolar é bastante variável e configurada desde pequenas animosidades, como apelidos e deboches, até situações extremas, que incluem tortura psicológica, violência física, espancamentos e assassinatos. Esse tipo de comportamento agressivo, que provoca sofrimento em estudantes em todo o mundo, ao que parece, está longe de ser eliminado. Ao contrário, ganha fôlego devido ao silêncio que encobre o *bullying*. Apesar de não ser uma prática recente, a discussão em torno do *bullying* vem se destacando apenas nos últimos anos, quando finalmente se entendeu que, apesar de muitas vezes ser encarado como uma brincadeira, acaba criando marcas naqueles que sofreram tal agressão pelo resto de suas vidas (SALES, 2018).

Sob tal ótica, a abordagem de um tema tão presente na vida escolar se justifica devido à oportunidade de conhecer o assunto por meio da revisão de literatura, ou seja, da consulta a estudos já realizados sobre o tema na opinião de outros autores, bem como seus conceitos e formas de manifestação. Assim, o objetivo do estudo é conciliar a literatura com a realidade vivenciada em ambientes escolares, levando os leitores a uma reflexão sobre a temática abordada com vistas a um efetivo enfrentamento. Dessa forma, a seguir, serão abordados o conceito de *bullying*, suas categorias, motivações, consequências e possíveis soluções para tal

impasse. O termo *bullying* em si não tem uma tradução para a língua portuguesa. Entretanto, é delimitado e descrito por diversos pesquisadores. Caracteriza-se como um fenômeno multifacetado. Situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva por um ou mais alunos contra um ou mais colegas (ZEQUINÃO, 2016).

Para combater efetivamente um problema, faz-se necessário conhecê-lo o mais ampla e detalhadamente possível. O mesmo vale para o *bullying*, que vem se mostrando um grave problema das instituições escolares nos últimos tempos, sendo um dever de todas as disciplinas desenvolver metodologias para trabalhar esse tema de forma multidisciplinar. Conforme relato da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), o *bullying* como fenômeno escolar é antigo, mas seu estudo é atual, sendo fundamental proceder a avaliações acerca de sua natureza e ocorrências (BRASIL, 2002).

Para Nascimento e Alckimin (2010), apesar de se confundir o *bullying* frequentemente com brincadeira de criança ou fruto do amadurecimento do jovem, a questão é mais complexa, visto que está ligada a fatores estruturais, culturais e comportamentais, podendo derivar de uma simples brincadeira ou comportamento esporádico, evoluindo para a violência em forma de agressão física, psíquica ou moral repetitiva, nem sempre declarada, mas que afeta a dignidade e integridade físico-psíquica da vítima. É diferente daquela violência explícita e fácil de identificar nas escolas. É diferente, por exemplo, das pichações, atos de vandalismo ou agressões físicas, por se tratar de algo mais sutil. Podemos dizer que o fenômeno é, muito frequentemente, tolerado pela comunidade escolar e entre colegas e visto muitas vezes como “normal” no relacionamento entre crianças e adolescentes.

Para Tiba (2006), o *bullying* é um tipo de violência que possui características e consequências próprias, “dentre elas, e talvez a mais grave, seja a propriedade de causar “traumas” ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos”.

De acordo com Rocha et al. (2013), os atos de *bullying*, longe de serem simples brincadeiras, são atos ilegais com sanções previstas em lei. De acordo com Bayer e Tocatelli (2013), os atos de *bullying* ferem princípios constitucionais de respeito à dignidade da pessoa humana e ferem também o Código Civil (CC) brasileiro, o qual determina que todo ato ilícito que cause danos a outrem gera o dever de indenizar o indivíduo lesado. O responsável pelo ato de *bullying* pode também ser enquadrado no Código de Defesa do Consumidor (CDC), tendo em vista que as escolas prestam serviço aos consumidores e são responsáveis por atos de *bullying* que ocorram dentro do estabelecimento.

Diante do exposto, pode-se dizer que o *bullying*, embora muitas vezes encontre como desculpa o comportamento natural da criança ou do jovem, é, na realidade, uma forma de violência que se materializa por meio de atitudes negativas e desrespeitosas para com o colega que é alvo do desacato.

É certo que o *bullying* se materializa por meio do temperamento agressivo daquele que o pratica. Tal fato, por sua vez, quase sempre resulta dos preconceitos, prepotência, violência e desrespeito vivenciados pelo perpetrador, refletindo o seu próprio contexto familiar, social e cultural. Como evidenciado por Beane (2010) acerca das razões encontradas para a existência do problema, há uma série de razões que contribuem para que uma criança se torne cruel. Os pais adotam hoje ou uma postura permissiva demais ou agressiva em demasia. Portanto, há cada vez mais crianças sem nenhum controle paterno/materno e também sem autocontrole. Além disso, elas não têm desenvolvido empatia e sensibilidade com seus semelhantes, estão apáticas e insensíveis. Às vezes, por exemplo, têm permissão para maltratar animais e se são impiedosas com os animais tendem a ser também com as pessoas. Há também a questão de onde essa criança está inserida na sociedade, uma sociedade cada vez mais violenta. As novas gerações parecem estar cada vez mais insensíveis à violência, de tão acostumadas que estão com ela.

Apesar de cada caso de *bullying* configurar uma situação própria, há determinados elementos que caracterizam sua forma de manifestação e apontam para os indivíduos mais propensos a sofrer esse tipo de violência. Conforme abordado, o *bullying* é um mal com grandes variações em sua forma, porém o resultado é sempre prejudicial para aqueles que o sofrem. De acordo com Nascimento e Alkimin (2010), o *bullying* pode ser manifesto de várias formas: verbal: quando ocorrem xingamentos, apelidos, insultos, insinuações; moral: se envolve o atentado à honra, difamação, discriminação em razão do sexo, idade, opção sexual, deficiência física, doença, entre outros; psicológico: existência de perseguição, intimidação, chantagem, ameaça de morte etc.; físico: o aluno sofre agressão por meio de empurrões, socos, chutes etc.; material: pode ocorrer por meio do furto de material e pertences, dano a veículo; e virtual: o modo mais comum é a divulgação de imagens não autorizadas pelo professor, criação de comunidades para depreciação da imagem alheia, enviar mensagens invadindo a privacidade e intimidade de alguém.

Em análise ao exposto, fica claro que as formas de atitudes agressivas e intencionalmente dirigidas repetidamente de um aluno a outro sem motivo, causando sofrimento, intimidação ou angústia em desigualdade de condições, caracterizam o *bullying*.

Ao contrário do que se pode pensar, a princípio, não existem apenas alunos que praticam e os que sofrem o *bullying*. No mesmo contexto, há aqueles que o presenciam, sem evitá-lo ou buscar uma solução para tais acontecimentos.

Além disso, o autor ainda elenca as duas categorias nas quais se divide o *bullying*: direto, mais comum entre os agressores masculinos; e indireto, mais comum entre mulheres e crianças, consistindo no isolamento social da vítima. Há casos em que a vítima teme o agressor por conta de ameaças ou até concretização da violência, física ou sexual, ou a perda dos meios de subsistência.

Silva (2010) entende que há vários tipos de protagonistas nos episódios de *bullying*, sendo assim descritos pela autora: a vítima típica é o alvo mais comum dos agressores; a seguir, a vítima provocadora é apontada como a que insufla reações com as quais não consegue lidar satisfatoriamente; e a vítima agressora, por sua vez, reproduz ativamente o *bullying* que sofre, infligindo o mesmo nos mais fracos. Há ainda o espectador passivo, que, sofrendo ameaças, teme ser alvo do *bullying*; o espectador ativo, que embora não seja o agressor o apoia; o espectador neutro, que é aparentemente insensível às situações de *bullying* e se omite a tais acontecimentos; e por fim, tem-se o agressor.

Uma criança com autoestima baixa torna-se mais vulnerável ao *bullying* e, em virtude da mesma característica, ela opta por esconder ainda mais seu problema das pessoas que poderiam lhe ajudar (NETO, 2005). Portanto, faz-se necessário estar atento à criança introspectiva ou que muda de comportamento repentinamente, haja vista que muitas vezes o *bullying* acaba por ter consequências graves ou extremas e irremediáveis.

Devido à desestruturação das famílias ou à banalização da violência nos meios de comunicação, entre outros fatores, as escolas vêm cotidianamente enfrentando casos de violência e comportamento agressivo entre crianças e jovens. É um dos papéis da sociedade, bem como da escola, identificar comportamentos agressivos de seus escolares oferecendo atividades que distanciem os jovens de atividades violentas (BECKER & KASSOUF, 2016).

A situação toma proporções dramáticas ao passo em que as “brincadeiras” e apelidos passam a impactar muito a vida dos adolescentes negativamente, já que estão no processo de construção pessoal. Na maioria das vezes, a violência não é denunciada e as vítimas sofrem o *bullying* caladas, sem compartilhar sequer com a família, enquanto membros da comunidade escolar não levam a sério os episódios que ocorrem entre os alunos. Segundo Santos e Grossi

(2008), a violência pode ocorrer de forma velada e quase sutil, mas as “brigas, ofensas, intimidações, comentários maldosos, agressões físicas e psicológicas, repressão são tipos de violência geralmente associados à infância” (SANTOS & GROSSI, 2008, p.287).

Em muitos casos, o desfecho de brincadeiras de mau gosto pode ser muito danoso, fazendo com que a vítima desenvolva baixa autoestima e se torne um agressor ou mesmo venha a se suicidar, como nos casos das chacinas escolares (COUTINHO & FREITAS, 2014). Relatos dão conta de que, muitas vezes, os pais não têm ideia do pesadelo e das angústias vividas pelos filhos no ambiente escolar.

Beane (2010) alerta que a agressão desse tipo é tão nociva na atualidade que muitas vítimas do *bullying* passam acreditar que de fato merecem as agressões porque possuem características “fora do padrão ideal”, sendo gordas, baixas, feias, por exemplo. O que ocorre, por fim, é que muitos daqueles que sofrem o *bullying* não conseguem se livrar do estigma, chegando, por vezes, a tomar medidas desesperadas em busca da solução do seu problema.

Apesar de episódios extremos serem uma minoria, são sempre chocantes e, quando ocorrem, não há atitude ou providência que possa corrigi-los. Podemos citar um caso muito marcante, ocorrido no município de Taiuva, em São Paulo, que teve como protagonista um rapaz de 18 anos, chamado Edimar Freitas. Ele invadiu a escola onde havia estudado com um revólver em punho e, após ferir gravemente cinco alunos, suicidou-se. Edimar era obeso na infância e adolescência e alvo de chacotas entre os colegas (PIRES, 2010).

É uma realidade que se torna ainda mais perturbadora, pois, segundo Beane (2010), crianças que agredem crianças tendem a se tornar adultos que agredem adultos. É muito difícil transformar uma criança agressiva em um adulto tranquilo. Ela pode, inclusive, crescer e agredir seus filhos. O *bullying* se torna cada vez mais preocupante porque, além de ocorrerem desfechos trágicos, atinge faixas etárias cada vez mais baixas, incluindo crianças dos primeiros anos da escolarização, além de atingir todas as classes sociais.

Gomes (2011) reflete que a escola é uma instituição que ensina e, portanto, deve impor limites, bem como estabelecer normas e justificativas por que devem ser seguidas. Por pensar que sejam rígidos demais, os educadores têm a prática do afrouxamento. Mas, o educando nem sempre sabe o que é melhor fazer e precisa de referência.

Na percepção de Gomes (2011), todos devem ser conscientizados, inclusive alunos agressores e agredidos, de que o *bullying* é uma ação danosa, preconceituosa e que destrói o desenvolvimento das relações sociais escolares.

O combate ao *bullying* não pode ser unilateral. Ao contrário, deve haver um pacto entre a comunidade escolar, atentando para a ocorrência do *bullying* e a solução dos conflitos. Pais e mestres devem estar atentos quanto à mudança de comportamento do aluno que sofre *bullying* para poder tomar as devidas providências. Todas as disciplinas devem desenvolver aulas com metodologias voltadas a amenizar essas atitudes entre os alunos, pois dentro do âmbito escolar todos são responsáveis.

## 2.5 A influência da violência no ensino-aprendizagem

A práxis pedagógica é duramente afetada pela violência dentro da escola. Na conjuntura da sala de aula, é importante revelar algumas consequências da violência. Essa mazela constante na escola brasileira é marcada por *bullying*<sup>1</sup>, violência física, psicológica, dentre outras. O reflexo disso resulta na construção de um ambiente desmotivador, tanto para o aluno quanto para o professor. O ambiente desmotivador é ilustrado por Silva e Pereira:

Entendendo violência e ensino-aprendizagem, é observado o quanto a escola perde com a violência dentro dela, pois como o ensino-aprendizagem é um processo que parte não só do professor, os alunos acabam interferindo no processo, pois a violência causa desmotivação dos mesmos, ou seja, o processo de ensino-aprendizagem não é feito de forma integral (SILVA & PEREIRA, 2016, p.6).

A desmotivação no ambiente educativo é uma situação que coloca o professor e o aluno em um contexto em que a práxis pedagógica é praticamente impossível. Sem a sede pelo ensino e aprendizagem, tanto o professor quanto o aluno certamente não farão o uso correto da escola. A assertiva de Silva & Pereira deixa claro que sendo o professor um mediador e o aluno um indivíduo ativo no processo, estes, por sua vez, caindo em descrédito em seu olhar na educação, fornecem um conjunto de atitudes que se refletem na má qualidade das aulas, no baixo aproveitamento, notas baixas, degradação da escola e da educação.

---

<sup>1</sup>Soares (2009, p. 5) *Bullying* é uma palavra de origem inglesa, que não tem uma tradução em português, utilizada em muitos países para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, sem motivação evidente, praticados por uma ou mais pessoas contra outra(s), causando dor e angústia, dentro de uma relação desigual de poder, tomando possível a intimidação da vítima.

Faz-se necessário investigar como o Estado pode propor ações que colaborem com a diminuição da violência. A violência escolar está inserida nesse contexto, visto que as soluções não estão vinculadas a uma única ação, mas, sim, a um conjunto gigantesco de programas, ações, campanhas, dentre outras formas de combate à violência. Por essa vertente, Carvalho et al. (2011) fornecem que:

[...] a potencialização do mercado, como instrumento regulador das relações sociais em detrimento ao Estado, ocorre concomitantemente ao contingenciamento dos mecanismos de assistência social e ao processo de fortalecimento da penalização como forma de ampliar o controle sobre as periferias e assegurar a manutenção das relações de poder. (Carvalho et al., 2011, p.61)

Conforme expõem Carvalho et al. (2011), o Estado em sua proposta fundamental deve colocar a sociedade em um contexto mais geral, ou seja, não somente aquela onde exista a oportunidade de ascender economicamente, mas, sim, acentuar medidas que tragam menor desigualdade perante os seus dispositivos legais.

Nesse sentido, o Brasil é sempre mencionado como o país das desigualdades, não somente economicamente, mas também relativo ao comportamento do Estado com a sua classe menos favorecida. Assim, a classe econômica de menor poder econômico corriqueiramente está colocada em um ambiente onde os dispositivos legais são aplicados integralmente aos mesmos, e não aplicados ou aplicados parcialmente àqueles que possuem elevado poder econômico. Com isso, Carvalho et al. (2011) falam que o:

Estado sirva aos poucos “donos do poder” em detrimento da soberania do povo. Estamos diante de um processo contraditório no que se refere ao papel do Estado. Temos, assim, um “Estado para os pobres”, com menos assistência e mais controle e vigilância, e um “Estado para os ricos”, que possibilita menos controle sobre a reprodução econômica. Com isso, as formas de penalização são direcionadas a sujeitos diferenciados. (Carvalho et al., 2011, p.61)

Segundo exposto por Carvalho, a falta de eficácia ou, em um contexto mais degradante, a completa discriminação Estatal do Brasil para aqueles que não são da elite econômica coloca o indivíduo em penalidade perante os dispositivos que deveriam protegê-lo. Apesar de o Estado ser democrático, a realidade é exposta conforme as ideias de Adorno (1996, p.233 apud Carvalho et al., 2011, p.61), que explica “[...] ainda se vive em um Estado

autoritário, principalmente nas questões relacionadas à segurança pública, pois, no Brasil, a reconstrução da sociedade e do Estado democráticos, após 20 anos do regime autoritário, não foi suficientemente profunda”.

Portanto, o Estado brasileiro foi moldado no decorrer de sua construção de modo que a desigualdade é um marcador profundo tanto de suas raízes como de sua postura atual. Para Balestreri:

A causa master da violência é o somatório de um tripé absolutamente explosivo: a péssima distribuição de renda, a ideologia consumista (especialmente predominante nos segmentos mais jovens, independentemente de classe social, os mais vitimizados e mais perpetradores de crimes) e a quase ausência do mundo adulto na condição educadora (que é, sempre e necessariamente, a da provocação construtiva do juízo moral autônomo, da autonomia intelectual e dos valores solidários) (BALESTRERI, 2010, p.57).

Em um primeiro momento, faz-se necessário reconfigurar o estado brasileiro a fim de que o mesmo possa “[...] construir uma vida de comunicação, de integração lógica e funcional entre repressão e prevenção” (OLIVEIRA, 2012, p.47).

Para Carvalho e Silva (2011), tanto o Estado como a sociedade precisam estar envolvidos nas estratégias ligadas diretamente às políticas públicas. “Neste embate, os interesses e as contradições, inerentes à dinâmica das relações entre governantes e governados, constituem o fundamento da construção política” (CARVALHO & SILVA, 2011, p. 61). Portanto, a sociedade ao interagir com o Estado e ter consciência de seus direitos e deveres acaba exercendo poder sobre o Estado e lutando por causas perspicazes para o bem coletivo.

Segundo Carvalho e Silva (2011), as políticas sociais são associadas aos três poderes. Por isso, ao Poder Executivo competem “[...] o planejamento e a gestão de políticas de segurança pública que visem à prevenção e à repressão da criminalidade e da violência e à execução penal” (CARVALHO & SILVA, 2011, p. 62). Ainda discorrendo sobre os três poderes, esses autores realçam que o Poder Judiciário é o responsável “[...] por assegurar a tramitação processual e a aplicação da legislação vigente; e compete ao Poder Legislativo estabelecer ordenamentos jurídicos, imprescindíveis ao funcionamento adequado do sistema de justiça criminal” (CARVALHO & SILVA, 2011, p. 62).

Souza (2005) discute em sua pesquisa a questão relacionada à masculinidade e à violência no Brasil, trazendo uma reflexão no campo da Saúde Pública, abordando questões sociais da virilidade masculina e a influência dessas questões na mortalidade aumentada no



grupo do sexo masculino no país. Se imaginarmos tradicionalmente, a construção do que é ser homem, contraposta ao que é ser mulher, tem sido associada a um conjunto de ideias e práticas que ligam diretamente essa identidade masculina à virilidade, à força maior e ao poder advindos da própria constituição biológica sexual. Contemporaneamente, essas questões vêm sendo grandemente criticadas, há inclusive aqueles que defendem uma maior fragilidade biológica dos homens com relação às mulheres, fundamentando tal ideia pelo fato de, historicamente, nascer mais bebês biologicamente masculinos, mas eles morrem mais do que os bebês do sexo feminino logo no primeiro ano de vida. No outro extremo da vida, também se observa que os homens morrem mais cedo do que as mulheres, isso explica o fato de a expectativa de vida deles ser menor do que a das mulheres.

Segundo o IBGE, no ano de 2016, a esperança de vida ao nascer era de 72,2 anos para indivíduos do sexo masculino e de 79,3 anos para indivíduos do sexo feminino. Quando se trata da porcentagem estadual, a esperança de vida ao nascer no estado do Pará cai para 68,4 anos para indivíduos do sexo masculino e 76,3 anos para indivíduos do sexo feminino (BRASIL, 2016).

Ainda segundo Souza (2005), autores abordam a discussão acerca da crise de identidade masculina, que vem desde o século 20, falando de uma espécie de contradição entre todo aquele poder do macho e, em contrapartida, a vivência de novos modelos de masculinidade. São justamente esses novos modelos de masculinidade que podem estar ligados ao aumento da expectativa de vida masculina nas últimas décadas, apesar de ainda assim continuar mais baixa do que a feminina. Toda a construção social de masculinidade relacionando diretamente à virilidade, força, agressividade e poder indica os motivos da maior vulnerabilidade masculina à violência. Embora o modelo hegemônico de masculinidade machista construído a partir de valores patriarcais seja amplamente criticado contemporaneamente, predomina a ideia de que exista ainda a associação entre masculinidade, virilidade, competição e violência.

Dois fatos merecem ser salientados neste momento: as duas principais causas de mortes externas de homens são homicídio e acidente de transporte (SOUZA, 2005). Outro fato importante a se destacar é um dado apresentado por Souza et al. (2004) e Minayo (2009), que afirmam que a maioria dos homicídios no Brasil é cometida com uso de armas de fogo. Fatos estes que reafirmam a questão da masculinidade viril, em que as maiores causas de morte externa masculina no país envolvem grandes símbolos de machismo, que são armas e carros, símbolos estes que chamam a atenção dos jovens e adolescentes. Basta observar os “brinquedinhos como masculinos”, destacando-se justamente as armas e os carros, colocando em destaque

a violência, a velocidade, a quebra de regras, o que desperta desde cedo o desejo pela competição masculina, o poder, o *status* social, a liberdade, o poder sobre o outro por meio de ameaça.

Há uma expansão da violência entre jovens no Brasil. As mortes causadas pelas causas externas, já mencionadas neste texto, são mais frequentes desproporcionalmente entre os jovens na faixa etária de 15 a 24 anos. Hughes (2004) afirma em seu estudo que o indicador de mortes violentas de jovens aumentou de maneira generalizada em todo o país. Ainda neste estudo, Hughes (2004) levanta diversas questões acerca da vulnerabilidade à violência, desde as questões de construção social até questões socioeconômicas: questões de habitação irregular, pobreza, fome, a insuficiência dos serviços públicos de saúde, educação e lazer, a ausência da ação do Estado nas periferias, resultando em uma estrutura urbana precária, com insuficiência em equipamentos sociais, como escolas, unidades básicas de saúde, *deficit* de infraestrutura básica, de saneamento básico, enfim, gerando uma população carente, pobre e pouco assistida, uma população negligenciada. Em grandes metrópolis, há ainda a presença do crime organizado, o tráfico e a disseminação de armas letais.

Além do já exposto, as periferias também recebem tratamento diferenciado em relação à presença de forças policiais, por exemplo, sem conseguir produzir políticas de segurança pública necessárias para tais populações (HUGHES, 2004).

Nesse momento, vale ressaltar ainda a violência doméstica, que sofreu um aumento significativo no último ano, após o isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19, destacando mais uma vez as questões de gênero, já que em sua maior parte a violência doméstica é praticada pelo patriarca contra a esposa e seus filhos. Vieira et al. (2020) salientam que, na China, as ocorrências policiais envolvendo violência doméstica triplicaram. No Brasil, os dados acompanharam as tendências internacionais, havendo também um aumento nas denúncias de violência doméstica.

## **2.6 Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE)**

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) é um inquérito realizado com escolares adolescentes e com responsáveis pelas escolas públicas e privadas brasileiras que compõe a Vigilância dos Fatores de Risco e Proteção das Doenças Crônicas do Brasil. Essa

pesquisa teve sua primeira edição em 2009, com planejamento para periodicidade trienal e, desde então, foram planejadas mais três edições (2012, 2015 e 2018), totalizando quatro edições. Todavia, a quarta edição que seria realizada em 2018 sofreu um atraso e, apesar das previsões, não foi publicada ainda. O fato de a PeNSE tornar possíveis análises de prevalência de diversos indicadores de saúde em uma população-alvo em todas as capitais brasileiras já a torna histórica (MALTA, 2014).

A PeNSE foi inicialmente pensada pretendendo preencher a lacuna no conhecimento sobre a situação de saúde dos adolescentes brasileiros. A pesquisa é o resultado da parceria entre o Ministério da Saúde (MS) e o Ministério da Educação (MEC), sendo realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A população-alvo da pesquisa constituiu-se, a priori, de estudantes do 9º ano do ensino fundamental e, a partir de 2015, foi ampliada, sendo incluídos também os escolares do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio.

A PeNSE é considerada uma parte da Vigilância dos Fatores de Risco e Proteção das Doenças Crônicas do país. Esta se preocupa, basicamente, em traçar um perfil de saúde dos adolescentes brasileiros que frequentam escolas públicas e privadas e as características da escola. Sua abrangência inicial era nas capitais e Distrito Federal, passando a Brasil, com representatividades regionais, e a mais atual: Brasil, com representatividade estadual.

Na pesquisa, estudantes e profissionais que trabalham nas escolas selecionadas respondem a perguntas relacionadas à alimentação, violência sofrida, presenciada, praticada etc., saúde sexual, saneamento básico, condições sociodemográficas, fatores para desenvolvimento de doenças crônicas, experiência com drogas lícitas e ilícitas, uso e acesso a serviços de saúde, segurança, entre outras. A PeNSE é realizada por amostragem e resulta em relatórios trienais.

Quanto ao fato de haver mudanças de edição para edição, é preciso ter muita precaução e cuidado na comparação de resultados entre as edições.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) aconselha a implantação e manutenção de sistemas de vigilância de fatores de risco à saúde dirigidos aos adolescentes, como fatores comportamentais e estilo de vida (OLIVEIRA et al., 2017).

Ainda segundo Oliveira et al. (2017), as amostras de escolares do último ano do ensino fundamental, que compreende o 9º ano, correspondem à amostra 1. Estas foram dimensionadas com o objetivo de estimar parâmetros populacionais como proporções e prevalência em

diversos domínios geográficos, sendo elas cada uma das 26 capitais das Unidades da Federação do País, adicionando ainda o Distrito Federal, em todas as edições da Pesquisa, as cinco grandes regiões geográficas e o total do Brasil, nas edições 2012 e 2015.

Para os alunos, criou-se um questionário (Anexo 1), como já mencionado. Este foi pensado de forma a disponibilizar informações importantes de indicadores de saúde da população-alvo que compreende escolares de 26 unidades da Federação atualmente.

Dessa maneira, atualmente, a PeNSE produz um grande banco de dados disponibilizado de forma pública pelo governo. Compreende-se, assim, como uma fonte de dados segura e que pode ser base de estudos relacionados à saúde e estilo de vida, citando questões referentes a comportamento de risco para a maioria das doenças crônicas não transmissíveis.

Além disso, crianças e adolescentes também são alvo de estudos relacionados a doenças transmissíveis de acordo com seus hábitos de higiene, acesso à informação e educação sexual.

Os dados constantes na PeNSE advêm de informações sobre as características básicas da chamada população-alvo (escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental e escolares de 13 a 17 anos de idade frequentando as etapas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e da 1ª a 3ª série do ensino médio) e as escolas participantes.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

- Analisar as situações de violência escolar vivenciadas ou presenciadas por alunos do 9º ano do estado do Pará na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), em 2015.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- Descrever o perfil sociodemográfico dos escolares;
- Identificar as formas de violência mais frequentes dentre os escolares adolescentes por município do estado do Pará, em 2015;

## **4 MÉTODOS**

### **4.1 Tipo de estudo**

Trata-se de um estudo de caso com dados secundários adquiridos a partir do banco de dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PENSE realizada em 2015.

### **4.2 Fonte dos dados**

A pesquisa foi realizada com dados de escolas e escolares do estudo da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) das redes pública e privada do estado do Pará, localizado na região Norte do Brasil. Para este estudo, foram selecionados os dados referentes à PeNSE de 2015, de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental. Para caracterização sociodemográfica e sobre experiências violentas, utilizamos as variáveis no APÊNDICE A.

### **4.3 Amostra**

3834 adolescentes cursando o 9º ano do ensino fundamental, entre 13 e 17 anos, em 2015, estudando em escolas públicas e privadas participantes da PeNSE no estado do Pará.

### **4.4 Análise dos dados**

O banco de dados foi construído no programa Microsoft Excel, versão 2019, e exportado para análises estatísticas pertinentes no *software Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS, versão 18. Os resultados descritivos com distribuição de frequências foram apresentados por meio de gráficos e tabelas.

### **4.5 Aspectos éticos**

A pesquisa segue os princípios éticos da Declaração de Helsinki e as normas contidas na Resolução CNS nº 466/2012. Não há necessidade de aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa, pois se trata de um estudo envolvendo apenas dados secundários de domínio público que não identificam os participantes.

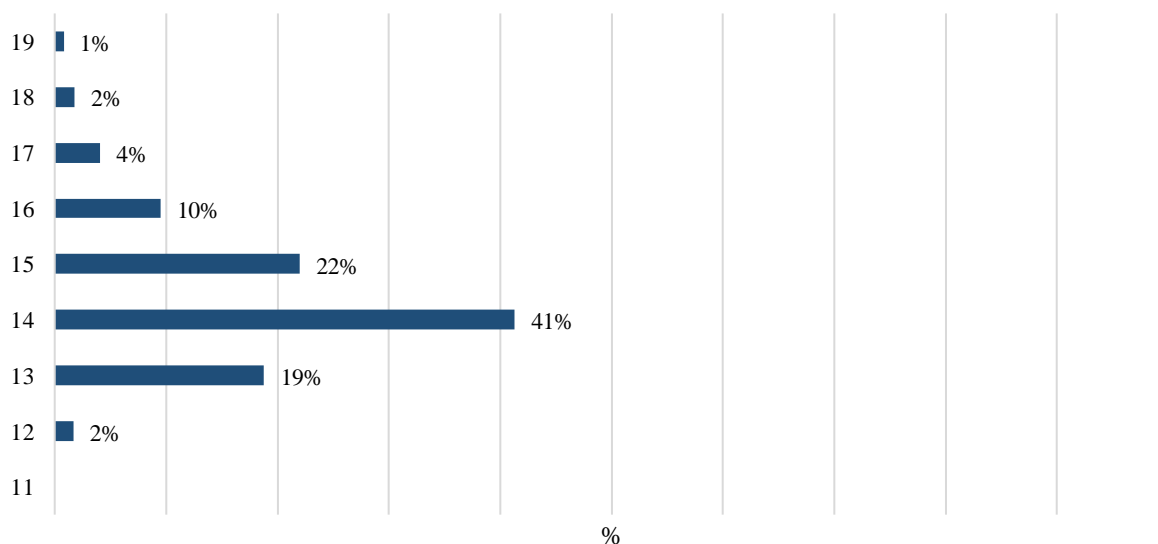
## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 Perfil demográfico dos escolares

Para a análise do perfil demográfico dos escolares, selecionaram-se perguntas sobre sexo, idade, raça/cor, qual o grau de escolaridade que pretende concluir, se mora com a mãe, se mora com o pai e quantas pessoas moram na mesma casa com o escolar.

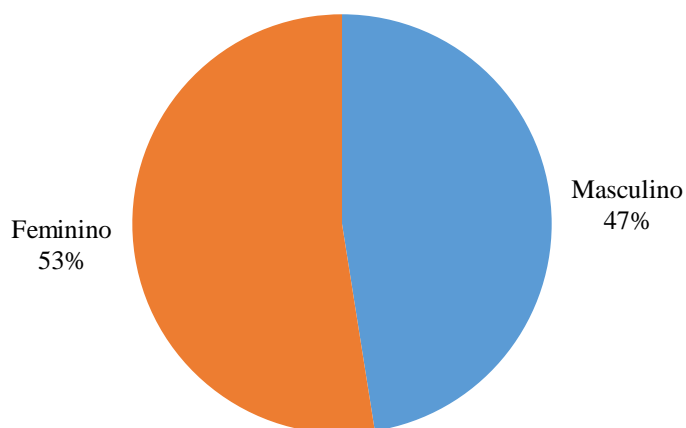
A maioria dos escolares do 9º ano tem entre 13 e 15 anos (Gráfico 1). O sexo feminino representou 53% dos escolares 9º ano do ensino fundamental, no estado do Pará, e o sexo masculino representou 47% (Gráfico 2). Estatísticas de gênero estão relacionadas a diversos aspectos sociais da vida de homens e mulheres, incluindo as suas oportunidades no decorrer da vida, suas necessidades específicas, suas expectativas próprias e da sociedade em relação ao seu gênero. As discussões de gênero vêm sendo mais difundidas por volta dos anos 1990 com a instituição da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2018; VIANNA & UNBEHAUM, 2004).

**Gráfico 1.** Idade dos escolares do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará, em 2015



**Fonte:** o autor. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2015.

**Gráfico 2.** Sexo dos escolares do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará, em 2015



**Fonte:** o autor. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2015.

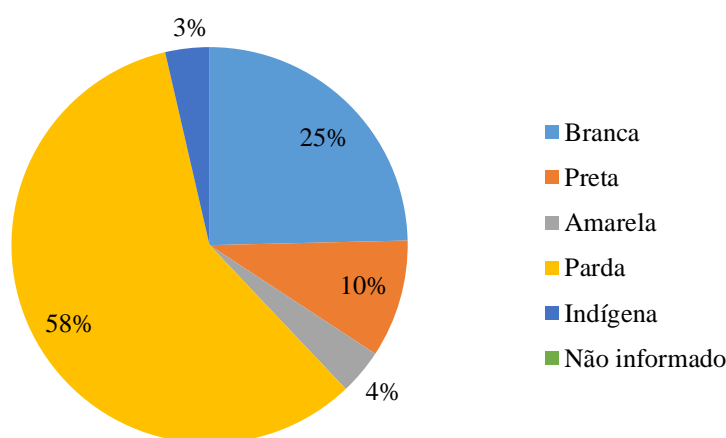
Segundo o IBGE (2018), mesmo com mais nascimentos de crianças do sexo masculino, existem mais meninas frequentando a escola do que meninos. A diferença apresentada neste estudo é pequena, como demonstrado no Gráfico 1, porém há uma diferença que pode estar relacionada a questões como a vulnerabilidade juvenil à violência e o acesso a drogas e criminalidade, mais presente na vida masculina, podendo influenciar a permanência na escola dos indivíduos do sexo masculino. De certa forma, como já mencionado, o conceito de gênero acaba vinculando-se a uma construção social do “ser homem” e do “ser mulher”. A virilidade masculina e o machismo velado na sociedade podem também ser algumas das causas da não permanência dos escolares do sexo masculino na escola, pensando no homem como o provedor da casa, com responsabilidades tanto financeira quanto de protetor da sua família, pregadas desde a infância (SOUZA, 2005). Essa masculinidade e virilidade impostas pela sociedade podem também estar relacionadas ao menor cuidado com saúde masculina desde a infância, o que pode ser uma discussão pertinente para as questões de mortalidade pediátrica.

É importante destacar que, no Brasil, assim como no mundo inteiro, nascem mais bebês do sexo masculino do que do sexo feminino, porém, segundo o IBGE (2019), a probabilidade de um recém-nascido do sexo masculino não completar seu primeiro ano de vida é ligeiramente maior que recém-nascidos do sexo feminino.

A raça/ cor mais frequente foi a parda, com 53%, seguida da branca, com 25%, e a preta, com 10% (Gráfico 3). Em destaque, a raça/cor parda aparece como mais frequente entre

os escolares do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará, seguindo os padrões nacionais de raça/cor da população brasileira e paraense (IBGE, 2016), os quais mostram a grande miscigenação histórica da população geral com ascendência negra, indígena e/ou afro-indígena. O que muito chama atenção neste gráfico é que há mais amarelos do que indígenas no 9º ano do ensino fundamental nas escolas do Pará, mesmo indígenas sendo população de origem brasileira e amarelos não. Indígenas têm direito a educação intercultural, bilíngue/multilíngue, específica e diferenciada (BRASIL, 1988).

**Gráfico 3.** Raça/cor dos escolares do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará, em 2015



**Fonte:** o autor. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2015.

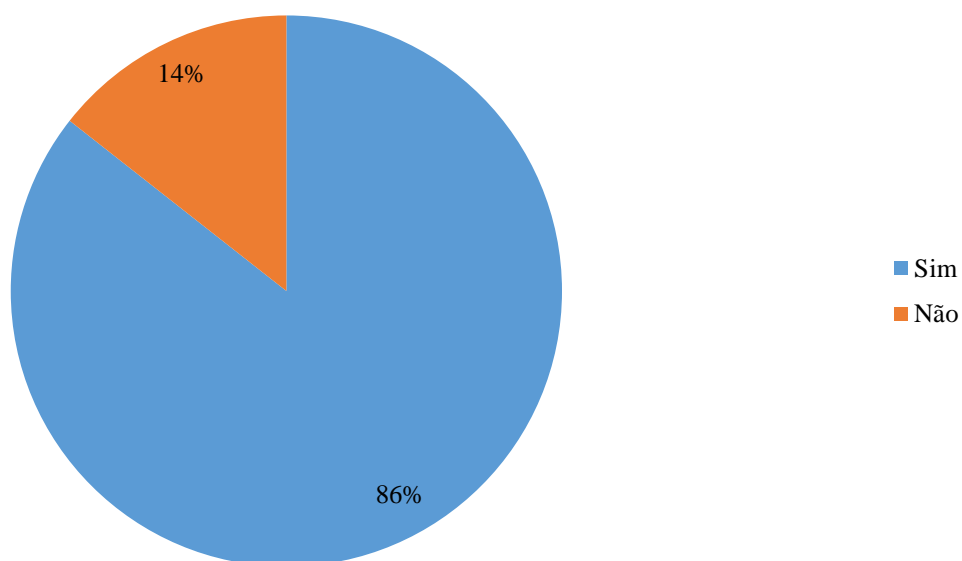
Quando questionados sobre morar com a mãe, 85,6% dos escolares afirmaram morar com a mãe, enquanto que 14,4% responderam não morar com a mãe (Gráfico 4). E, quando questionados sobre morar com o pai, 58,8% dos escolares afirmaram residir com seu pai e 41,1% mencionaram não residir com seu pai (Gráfico 5). Questões relacionadas ao convívio familiar são importantes em se tratando de formação cidadã e tendências a envolvimento com situações de violência ou, de alguma forma, vulnerabilidades sociais. Feijó e Assis (2004) discutem questões relacionadas a desorganizações de grupos sociais, além, claro, da pobreza extrema ou necessidade de implementar a renda familiar, relacionando a vulnerabilidade às diversas formas de exclusão sofridas pelos jovens. Ainda no mesmo estudo, os pesquisadores expõem o que eles chamam de nível sociopsicológico, que se refere à quebra de vínculo social do jovem com a família. Segundo a Política Nacional de Assistência Social, é possível prevenir vulnerabilidades e riscos sociais por meio de desenvolvimento de potencialidades e aquisições, incentivando a prática de um esporte, por exemplo, uma atividade artística, e ainda o



fortalecimento de vínculos familiares e também comunitários, sendo necessário que haja esse fortalecimento das relações familiares (BRASIL, 2005).

**Gráfico 4.** Escolares do 9º ano do ensino fundamental, em 2015 sobre morar com a mãe

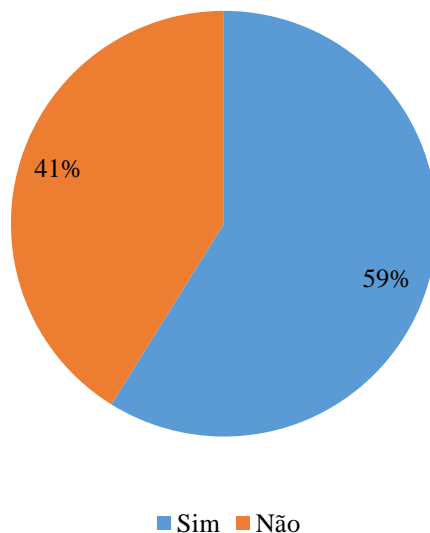
Você mora com sua mãe?



**Fonte:** o autor. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2015.

**Gráfico 5.** Escolares do 9º ano do ensino fundamental, em 2015 sobre morar com o pai.

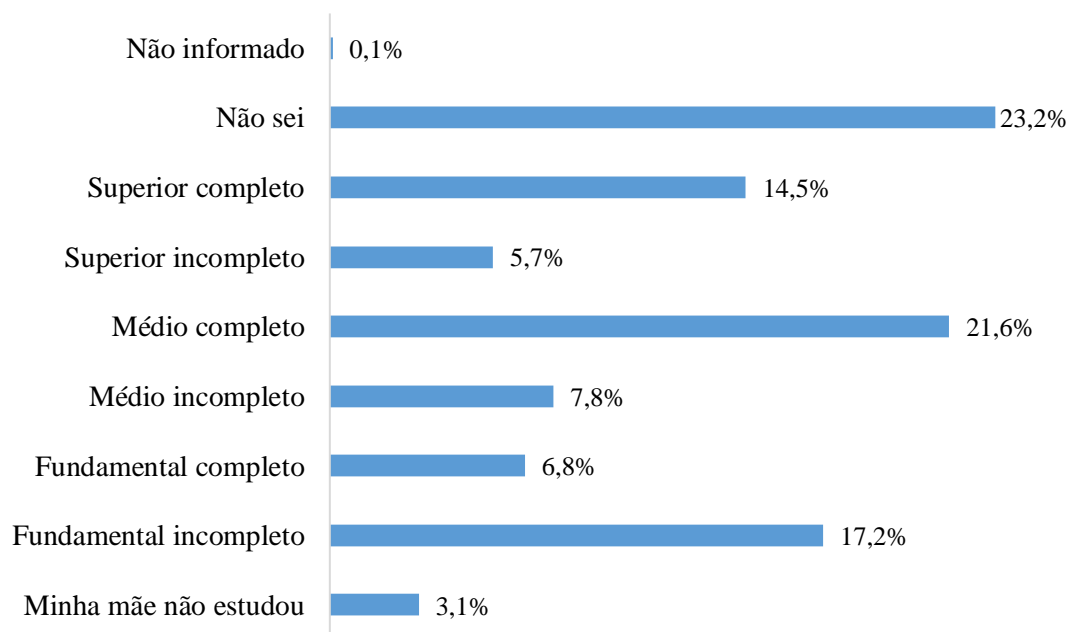
### Você mora com seu pai?



**Fonte:** o autor. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2015.

Como resultado do nível de instrução materno dos escolares, observou-se que a maioria dos escolares desconhece a escolaridade da mãe e que somente cerca de 15% delas possuem nível superior completo (Gráfico 6). O nível de instrução da mãe também é fator importante para discutir, pois estudiosos apontam que o nível de instrução dos pais geralmente é diretamente proporcional ao sucesso profissional dos indivíduos e, conseqüentemente, a sua classe social. Além disso, tais questões podem estar relacionadas a desigualdades sociais que expõem a criança ao trabalho para ajudar nas despesas de casa. Machado e Gonzaga (2007) analisaram a influência da renda e escolaridade dos pais sobre a defasagem escolar, discutindo ainda essas mesmas questões referentes ao trabalho infantil de maneira a atrelar estas à vulnerabilidade social e exposição à violência.

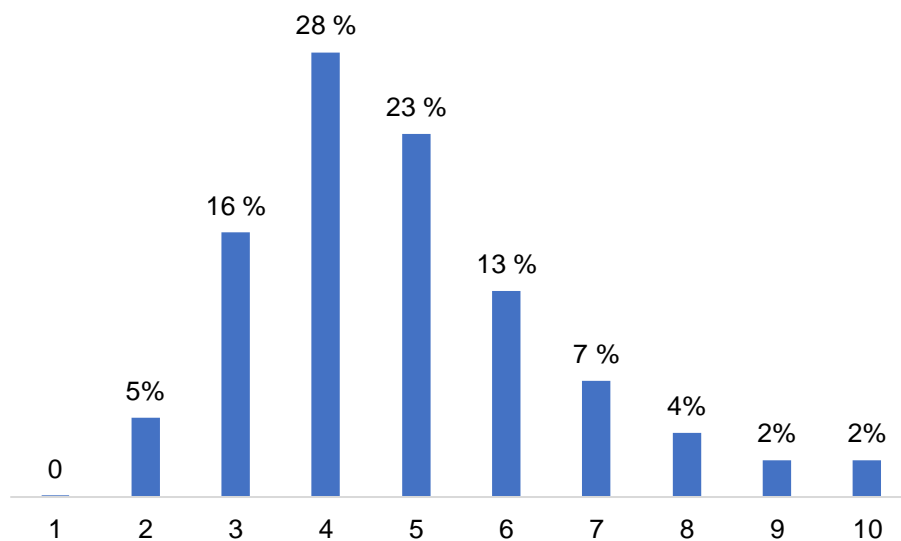
**Gráfico 6.** Nível de instrução materno dos escolares do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará, em 2015



**Fonte:** o autor. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2015.

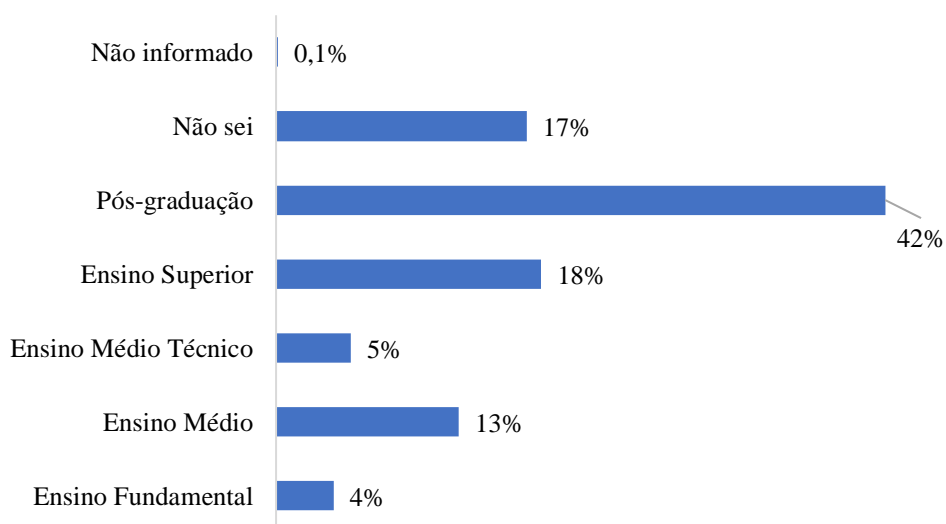
A maioria dos estudantes declarou que mora, contando com eles, de 3 a 6 pessoas na mesma casa (Gráfico 7). Em tese, a quantidade de residentes em uma casa também é diretamente proporcional à posição social das famílias ao passo que quanto menos instruídos os pais, mais filhos eles têm e pior posicionados financeiramente eles são. Além disso, menos presentes esses pais são na educação dos seus filhos, pois geralmente seus trabalhos demandam muito mais tempo fora de casa, se comparados às posições de trabalhos de pessoas ricas que geralmente têm melhores condições de trabalho, bem como menor carga horária (MEDEIROS, 2004). Ainda assim, os 42% dos escolares que afirmaram almejar concluir a pós-graduação chamam atenção (Gráfico 8).

**Gráfico 7.** Quantidade de pessoas que moram na mesma casa, contando com o escolar do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará



**Fonte:** o autor. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2015.

**Gráfico 8.** Grau de escolaridade mais elevado que o escolar do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará pretende concluir



**Fonte:** o autor. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2015.

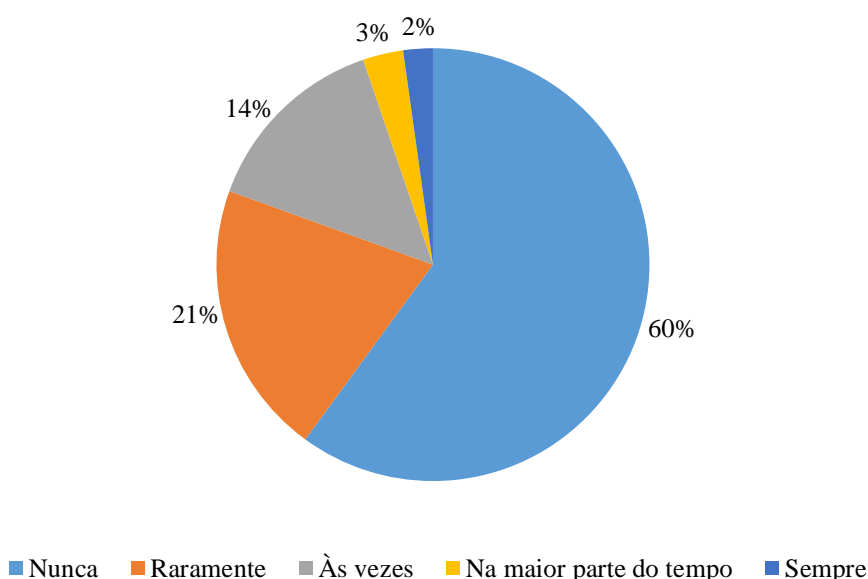
Outras questões que devem ser salientadas são as relacionadas ao machismo na sociedade patriarcal, que engrandece o poder da força física masculina, levando os jovens de sexo masculino a abandonar a escola para trabalhar e ajudar nas despesas domésticas. Uma das

abordagens que também discute o problema da delinquência juvenil está relacionada às questões de exclusão social, vulnerabilidade e marginalização que algumas famílias enfrentam ao estarem inseridas em locais ou situação econômica vulnerável (FEIJÓ & ASSIS, 2004).

## 5.2 Impacto da violência na vida do escolar

Quando os estudantes foram questionados sobre a frequência com que algum dos seus colegas de escola os esculachou, zoou, mangou, intimidou ou caçou tanto que os fizeram ficar magoados, incomodados, aborrecidos, ofendidos ou humilhados, mais de 40% afirmaram já ter sofrido alguma experiência como vítima de *bullying* (Gráfico 9).

**Gráfico 9.** Frequência com que escolares do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará foram vítimas de *bullying*, nos últimos 30 dias, segundo a PeNSE 2015



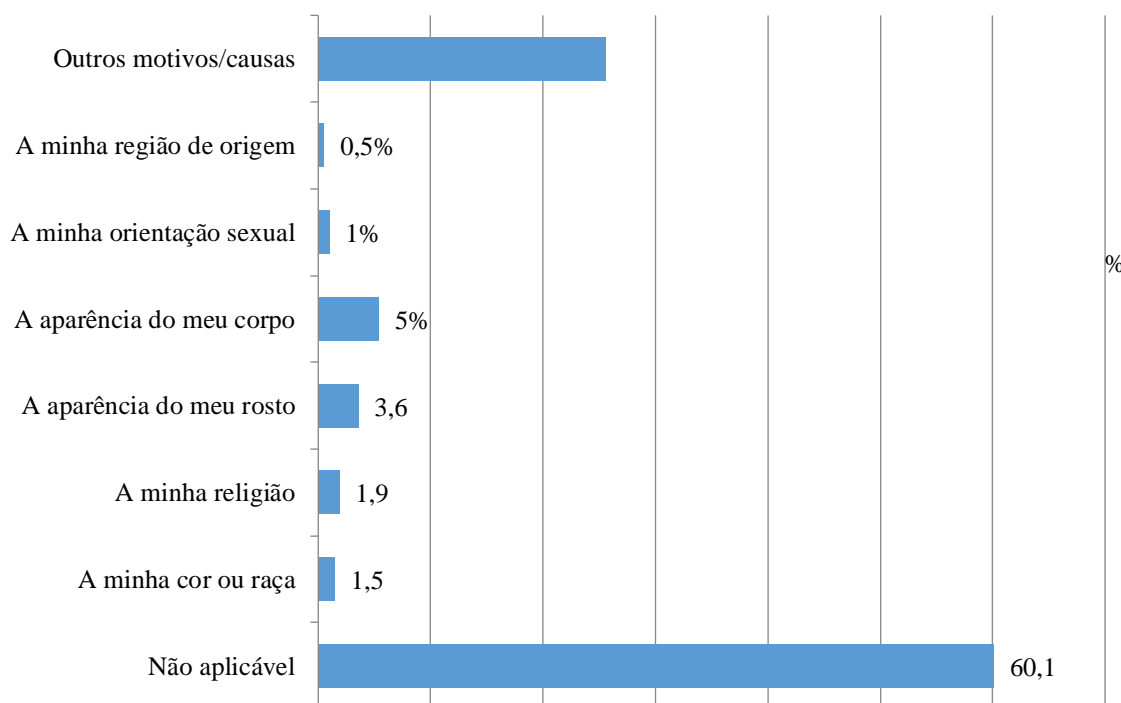
**Fonte:** o autor. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2015.

O *bullying* é um problema mundial. Segundo pesquisas realizadas em 106 países, adolescentes que afirmam ter sofrido esse tipo de violência variam entre 7% no Tadjiquistão a expressivos 74% em Somoa. É importante frisar aqui que, além de provocar grandes problemas às vítimas, o *bullying* também é sinal de que seus praticantes têm problemas subjacentes, aqueles indivíduos o cometem devido a frustrações, raiva ou para obter *status* social.

Em relatório mundial feito pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (2019), constatou-se que o *bullying* tem efeitos significativos no desempenho escolar resultante das faltas dos escolares por medo de frequentar a escola, bem como pela interferência na concentração dos estudantes nas aulas. Sabe-se, ainda, que os efeitos aos espectadores desse tipo de violência são semelhantes. Há, inclusive, quem abandone completamente a escola, o que afeta diretamente toda a sua vida e futuras possibilidades profissionais.

Quando questionados sobre o motivo/causa de seus colegas terem os esculachado, zombado, zoadado, caçoado, mangado, intimidado ou humilhado, 1,5% diz ter sido a sua raça/cor, 1,9% a religião, 3,6% a aparência do seu rosto, 5,4% a aparência do seu corpo, 1% a orientação sexual, 0,5% a região de origem e outros 25,6% motivos não especificados (Gráfico 10). Como observado, as causas da violência não foram identificadas na maioria dos casos, porém a causa identificável mais frequente foi a aparência física, podendo provocar diversos problemas de autoimagem e autoestima nas vítimas e até transtornos alimentares, por exemplo.

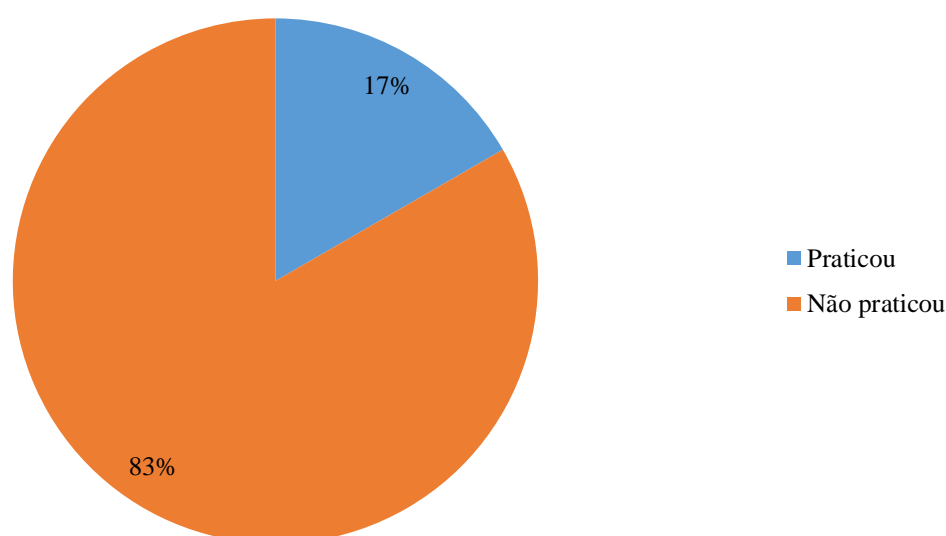
**Gráfico 10.** Motivos/causas do *bullying* entre os escolares do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará segundo a PeNSE 2015



**Fonte:** o autor. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2015.

Outra variável analisada refere-se à prática de violência entre os escolares, já que a variável anterior se referia ao indivíduo questionado na posição de vítima. Assim, 16,6% afirmaram ter esculachado, zombado, magoado, intimidado ou caçoado algum de seus colegas da escola tanto que ele ficou magoado, aborrecido, ofendido ou humilhado, nos últimos 30 dias (Gráfico 10). Porém, quando perguntados se já sofreram *bullying*, 43,4% responderam que sim, enquanto 54,7% que não e 1,6% respondeu não saber o que é *bullying* (Gráfico 11).

**Gráfico 11.** Porcentagem dos escolares que praticaram *bullying*, nos últimos 30 dias, entre os escolares do 9º ano do estado do Pará segundo a PeNSE 2015



**Fonte:** o autor. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2015.

Entende-se que adolescência compreende um período de intensas e muitas vezes até dolorosas mudanças desde fisiológicas, psíquicas e sociais. Dessa maneira, os ambientes em que a criança está inserida no momento da transformação influenciarão de forma direta seu desenvolvimento cognitivo, suas decisões, seu crescimento etc. Portanto, faz-se necessário que as crianças transitem em ambientes saudáveis e seguros (PIGOZI e MACHADO, 2015).

O *bullying* é um tipo de violência muito presente na infância e na adolescência, em que os indivíduos podem ter participação no ato de fazer *bullying* ou assumir o papel de vítima dessa violência. O objetivo desse tipo de violência é sempre ferir e/ou magoar a vítima. Além disso, os indivíduos podem assumir papéis de vítimas-agressoras e ainda espectadores. O *bullying* pode ser praticado por uma única pessoa ou por um grupo de pessoas contra uma única

vítima (PIGOZI e MACHADO, 2015; ZEQUINÃO et al., 2016). Os motivos são os mais diversos e fúteis, como a aparência física, que é um dos motivos mais frequentemente identificados para a prática do *bullying*.

Segundo Zequinão et al (2016), as vítimas de *bullying* são geralmente os mais jovens ou menores, mais tímidos, mais estudiosos, com desempenho escolar melhor, aqueles que têm menos amigos, os inseguros, aqueles que possuem traços de depressão e ansiedade, como também os que não conseguem se adequar bem aos grupos. Em compensação, os agressores são geralmente os mais velhos, maior prática de exercício físico, extrovertidos, confiantes, seguros de si, desempenho escolar deficiente, são populares nos grupos sociais que frequentam e consideram suas tendências violentas e agressivas como qualidades.

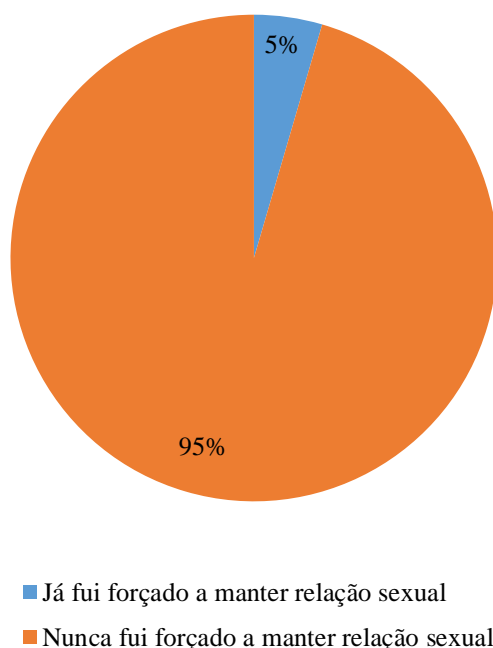
Silva e Vandruscolo (2019) falam em seu estudo sobre o *bullying* sofrido na infância e os impactos que a violência teve na vida adulta dos seus entrevistados, sendo que todos os indivíduos da pesquisa afirmaram que o *bullying* teve efeitos negativos no que tange a sentimentos de autoestima e autoconfiança, resultando em dificuldades de socialização na vida adulta, influenciando nas relações diversas da vida adulta, incluindo relações de trabalho, familiares etc.

Comportamento delinquente também pode ser observado em escolares que sofreram algum tipo de violência escolar, como nos casos da chacina conhecida como o massacre de Realengo, que ocorreu em 7 de abril de 2011, na Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo, cometido por Wellington Menezes de Oliveira. Pode-se destacar também o episódio de Suzano, um massacre escolar que aconteceu em 13 de março de 2019, na Escola Estadual Professor Raul Brasil, no município de Suzano, em São Paulo, tendo como responsáveis Guilherme Tauci Monteiro e Luiz Henrique de Castro. Como em outras ocorrências de ataques a escolas, para sobre essas histórias a presença do *bullying*, do isolamento social. Ambos os casos trazem à discussão a importância que deve ser dada ao problema do *bullying* e da segurança das crianças e adolescentes nas escolas, que em teoria deve ser garantida pelo governo (BRUM & SILVA, 2021; COUTINHO & FREITAS, 2014).

A somatória de escolares que já foi forçada a manter relações sexuais é cerca de 4,5% (Gráfico 12). Segundo o Sumário Executivo de violência contra crianças e adolescentes de 2019 a 2021, registraram-se mais de 73.000 casos de estupro com vítimas de 0 a 17 anos, estando a maioria dessas vítimas na faixa etária de 10 a 14 anos, mesma faixa etária em que é mais frequente o crime de exploração sexual (BRASIL, 2021).



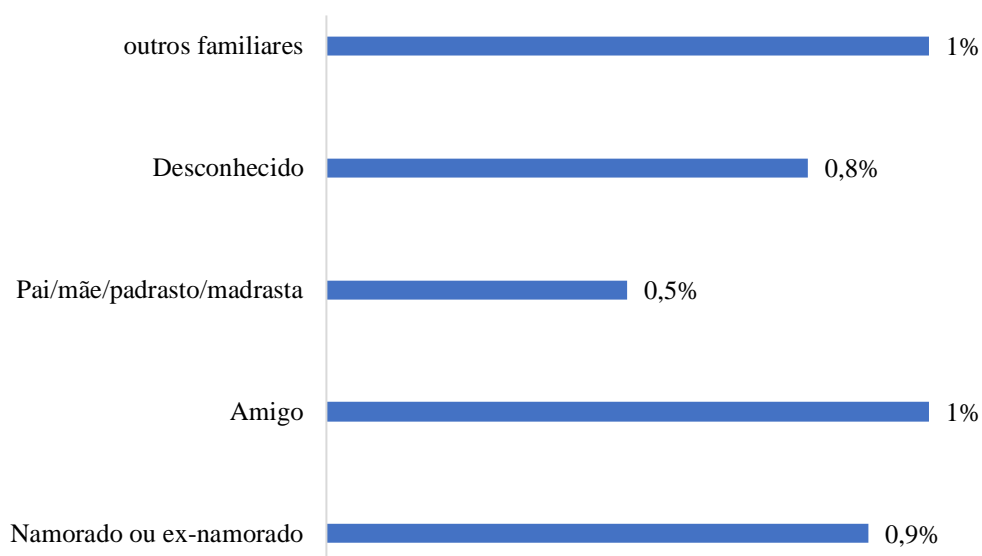
**Gráfico 12.** Escolares do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará que já foram forçados a manter relações sexuais segundo a PeNSE 2015



**Fonte:** o autor. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2015.

Cerca de 71% (4,5% da amostra) dos escolares que já foram forçados a manter relação sexual com alguém da amostra respondeu ter sido forçada a manter relação sexual com ex-namorados, amigos e familiares. Entretanto, chama a atenção que cerca de 18% dos que afirmaram ter sido forçados a manter relação sexual com alguém (0,8% da amostra) responderam que um desconhecido forçou a relação sexual (Gráfico 13). Identificou, assim, que a maioria das pessoas que forçaram os escolares a manter relações sexuais é conhecida deles, pessoas do seu convívio, como ex-namorados, amigos e familiares. Vale aqui destacar que, segundo Decreto-Lei nº 2848, de 07/12/1940, art. 217-A, ter conjunção carnal ou praticar outro tipo qualquer de ato libidinoso com menor de 14 configura-se como estupro de vulnerável. Para a legislação, até a data de seu aniversário de 14 anos, o menor não tem possibilidade de discernir sobre ter qualquer tipo de relação íntima (BRASIL, 1940).

**Gráfico 13.** Pessoas que forçaram os escolares do 9º ano do ensino fundamental do estado do Pará a manter relações sexuais segundo a PeNSE 2015

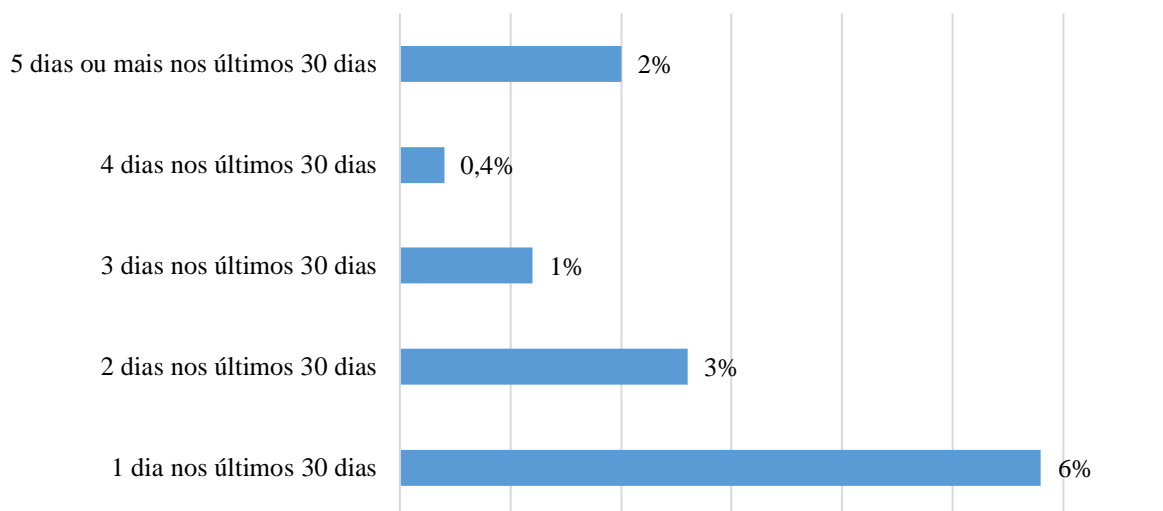


**Fonte:** o autor. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2015.

Abuso e exploração sexual têm sido descritos e relacionados a consequências cognitivas, emocionais, sociais e comportamentais significativamente negativas. Algumas das consequências mais presentes são os transtornos de estresse pós-traumático, depressão, transtorno de *deficit* de atenção e hiperatividade, transtornos psicossomáticos, desenvolvimento de comportamento delinquente (BORGES, 2007), como nos casos dos massacres de Realengo e Suzano, supracitados.

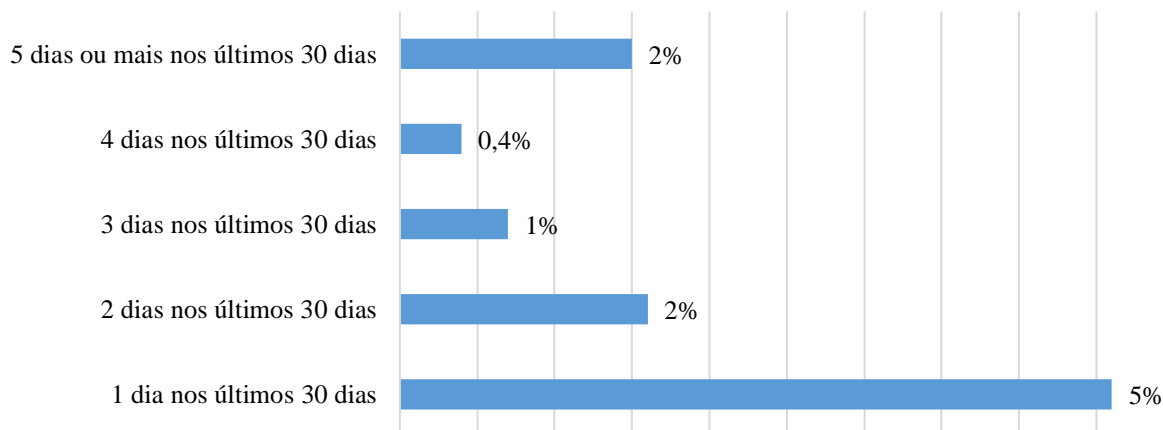
No Gráfico 14, observamos que mais de 12% dos escolares já deixou de ir para a escola por não se sentir seguro no caminho de casa para a escola ou da escola para casa, o que corresponde a cerca de 460 escolares e mais de 10% deixou de ir à escola por não se sentir seguro na escola (Gráfico 15). A frequência de evasão escolar e o mau desempenho de escolares que residem em regiões vulneráveis tem sido descrita ao longo dos anos, isso se dá porque crianças em vulnerabilidade têm que começar a trabalhar muito cedo para ajudar nas despesas domésticas, têm que ajudar mais nas atividades domésticas, têm menos recursos de ir para a escola e ainda vivem em regiões de tráfico, por exemplo (FONSECA et al, 2013).

**Gráfico 14.** Em quantos dias o escolar deixou de ir à escola porque não se sentia seguro no caminho de casa para a escola ou da escola para casa no estado do Pará, segundo a PeNSE 2015.



**Fonte:** o autor. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2015.

**Gráfico 15.** Em quantos dias o escolar deixou de ir à escola porque não se sentia seguro na escola no estado do Pará, segundo a PeNSE 2015.



**Fonte:** o autor. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2015.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversas questões devem ser analisadas com relação a vulnerabilidades sociais que influenciam no ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes. Faz-se necessário destacar que as crianças estão em formação de personalidade pessoal e que tudo o que as envolve socialmente é importante.

Questões sobre o convívio social e familiar, o acesso à informação, o nível socioeconômico e de instrução dos pais e/ou responsáveis, o acesso à saúde e a saneamento básico, as questões de gênero e acesso a drogas de abuso e armas, a exposição à violência familiar ou no ambiente social e escolar em que a criança está inserida, bem como a segurança pública, são alguns dos fatores mais importantes para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, sem prejuízo para uma formação cidadã. Podendo todas as questões mencionadas acima influenciarem tanto positivamente quanto negativamente na vida dessas crianças e adolescentes.

Ações de conscientização são importantes. A presença de psicólogos escolares e outros profissionais de saúde com *expertise* em saúde pública nas escolas também é algo fundamental a ser considerado a fim de identificar localmente as vulnerabilidades de cada escola e trabalhar em cima destas com o apoio das secretarias municipais de saúde.

Dessa maneira, há diversos fatores e discussões acerca da vulnerabilidade juvenil à violência e o quanto essas violências podem impactar a vida dos jovens e adolescentes, ainda enquanto jovens e adolescentes e também enquanto adultos, no futuro.

Torna-se de suma importância a manutenção e a continuidade de pesquisas relacionadas ao tema para que as ações de políticas públicas possam ser mais assertivas acerca do assunto.

## REFERÊNCIAS

ABRAPIA. **Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes**. Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência, 2002.

ARANHA, M. L. **História da Educação e da Pedagogia**. São Paulo: Moderna. 2006

ARANHA, M. L. **História da Educação**. São Paulo: Moderna. 1989

BAHLS, S. **Aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes**. *clinicalfeatures. J. Pediatr. (Rio J.)*. 2002, vol.78, n.5, pp.359-366. ISSN 0021- 7557.

BALESTRERI, R. B. **Um novo paradigma de segurança pública**. In: *Segurança pública no Brasil um campo de desafios*. COSTA, I. F; BALESTRERI, R. B (Org). Salvador: Edufba, 2010, p. 57-68.

BARBIERI, B. C.; SANTOS, N. E.; AVELINO, W. F. **Violência escolar: uma percepção social**. *Revista Educação Pública*, v. 21, nº 7, 2 de março de 2021

BAYER, D. A.; LOCATELLI, C. A. **A FACE CRIMINAL DO BULLYING SOB A LUZ DO PRINCÍPIO DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA**. *Ciências Sociais Aplicadas em Revista - UNIOESTE/MCR* - v. 13 - n. 25 - 2º sem. 2013 - p. 27 a 46

BEANE, A. **Proteja seu filho do bullying**. Tradução de Débora Guimarães Isidoro. Rio de Janeiro: Bestseller, 2010

BEISIEGEL, C. R. **Educação popular e ensino superior em Paulo Freire**. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 44, e104010, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-44-e104010.pdf>. Acessado em: 02 de outubro de 2021.

BITTAR, M., & BITTAR, M. **História da Educação no Brasil: A escola pública no processo de democratização da Sociedade**. *Acta Scientiarum*, 2012 34(2), 157-168.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. **Psicologias. Uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13ª Edição. Editora Saraiva. São Paulo. 2002.

BORGES, J. L. **Disciplinarum Scientia. Série: Sociais Aplicadas**. Santa Maria, v. 17, n. 1, p. 41-59, 2021

BRASIL, **Política Nacional de Assistência Social PNAS/2004**. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome Secretaria Nacional de Assistência Social. Brasília-DF, 2005

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2848, de 7 de dezembro de 1940**. Código Penal, 1940

BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos . Brasília, v. 134, n. 248, 23 dez 1996. p.27833-27841

BRASIL. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – 2. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. . Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. **VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES (2019-2021)**. Sumário Executivo. São Paulo-SP, 2021

BRASIL. **Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial**. –Brasília : UNESCO, 2019.

BUM, A.; SILVA, R. L. **O MASSACRE DE SUZANO E A (IN)ATUAÇÃO DOS ATORES DA PROTEÇÃO INTEGRAL À LUZ DA LIQUIDEZ SOCIAL E SUSPENSÃO DA ÉTICA**. *Disciplinarum Scientia. Série: Sociais Aplicadas*, Santa Maria, v. 17, n. 1, p. 41-59, 2021

CARVALHO, I. L. A.; SANTOS, J. J. A.; CHRISPINO, A. **Sucesso e fracasso no Ensino Fundamental: uma relação entre reprovação, abandono e proficiência**. *Meta: Avaliação* | Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 136-161, jan./mar. 2020

CARVALHO, V. A. de; SILVA, M. do R. de F. e S. **Política de segurança pública no Brasil: avanços, limites e desafios**. *Revista Katál.*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 59-67, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v14n1/v14n1a07.pdf>. Acessado em: 02 de outubro de 2021

COUTINHO, K. D.; FREITAS, A. **A Invenção de Chacinas Escolares: das representações psi às rotas de fuga**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 303-323, jan./mar. 2014.

CÂNDIDO, R. D.; GENTILINI, J. A. **Base Curricular Nacional: Reflexões sobre autonomia escolar e o projeto político-pedagógico**. *Revista Brasileira de Políticas e Administração da Educação-Periódica Científica* editada pela ANPAE, 2017, 33(2), 323-336.

FEIJÓ, M. C.; ASSIS, S. G. **O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias**. *Estud. psicol. (Natal)* 9 (1) • Abr 2004

FELIPE, J. Franklin Alves. **Adoção, guarda, investigação de paternidade e concubinato**. 10. Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

FERRÉS, J. **Televisão e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

FIGUEIREDO, S. O. **Desestruturação familiar e criminalidade juvenil**. 2020. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/79709/desestrutacao-familiar-e-criminalidade-juvenil>. Acessado em: 01 de outubro de 2021.

FISCHER, R. M. B. **ESTATUTO PEDAGÓGICO DA MÍDIA: questões de análise**. Educacao e Realidade, 1997

FONSECA, F.F.; SENA, R. K. R.; SANTOS, L. A. R. , DIAS, O. V.3 , SIMONE DE MELO COSTA, M. S. **As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção**. Rev Paul Pediatr 2013;31(2):258-64.

FREINET, E. **Nascimento de uma Pedagogia Popular**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1993

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. (1ª ed.: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas (8 ed.)**. Ática, 1999

GARCIA, J. **INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: algumas questões a considerar**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 28, p. 511-523, set./dez. 2009

GENOVESI, G. **Pedagogia: Dall' empiria verso la scienza**. Bologna: Pitagora. 1999

GRISARDO-FILHO, W. **Guarda compartilhada: um novo modelo de responsabilidade parental**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2005.

GRUSEC J. E. **Atitudes e convicções dos pais: impacto sobre o desenvolvimento da criança**. 2006. Disponível em: <https://www.encyclopedia-crianca.com/habilidades->



parentais/segundo-especialistas/atitudes-e-conviccoes-dos-pais-impacto-sobre-o. Acessado em: 01 de outubro de 2021.

GUIMARÃES, C. M. **A história da atenção à criança e da infância no Brasil e o surgimento da creche e da pré-escola.** Revista Linhas. Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 81-142, set./dez. 2017

HORTA, N. C.; SENA, R. R. **Abordagem ao adolescente e ao jovem nas Políticas Públicas de saúde no Brasil: um estudo de revisão.** Physis Revista de Saúde Coletiva, 2010, 20(2), 475-495.

HUGHES, P. J. A. **Segregação socioespacial e violência na cidade de São Paulo: referências para a formulação de políticas públicas.** São Paulo Perspec. 18 (4) • Dez 2004

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Censo Brasileiro de 2016.** Rio de Janeiro: IBGE, 2017

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Censo Brasileiro de 2019.** Rio de Janeiro: IBGE, 2020

JAGER, M. E.; BATISTA, F. A.; PERRONE, C. M.; SANTOS, S. S.; DIAS, A. C. G. **O Adolescente no contexto da saúde pública brasileira: reflexões sobre o PROSAD.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 19, n. 2, p. 211-221, abr./jun. 2014.

KOEHLER, S. M. F. **Violência Psicológica: um estudo do fenômeno na relação professor aluno.** In. La nueva alfabetización: un reto para la educación del siglo XXI. 2008

KONKIEWITZ, E. C. **APRENDIZAGEM, COMPORTAMENTO E EMOÇÕES NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: UMA VISÃO TRANSDISCIPLINAR.** Dourados-MS : Ed. UFGD, 2013. 312p

KRUG, E. G.; DAHLBERG, L. L.; MERCY, J. A., ZWI, A. B.; LOZANO, R. **World report on violence and health.** Geneva: World Health Organization, 2002

LEVANDOWSKI, M. L.; STAHNKE, D. N.; MUNHOZ, T. N.; HOHENDORFF, J. V.; SALVADOR-SILVA, R. **Impacto do distanciamento social nas notificações de violência contra crianças e adolescentes no Rio Grande do Sul, Brasil.** Cad. Saúde Pública 37 (1) • 2021

LEÃO, G. Entre Sonhos e Projetos de Jovens, a escola... In: DAYRELL, J; MOREIRA, M. I. C; STENGEL, M.: **um mosaico Juventudes contemporâneas de possibilidades.** Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

LIMA, L. E.; CARVALHO, A. A.; SILVA, D. B. N. **Arranjos familiares e desempenho escolar de alunos do 5º e 9º anos no Brasil em 2015.** R. bras. Est. Pop., v.38, 1-23, e0142, 2021

LIMA, R. S.; BUENO, S; MINGUARDI, G. **Estado, polícias e segurança pública no Brasil.** Revista Direito GV, V. 12 N. 1 JAN-ABR 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rdgv/v12n1/1808-2432-rdgv-12-1-0049.pdf>. Acessado em: 02 de setembro de 2021.

LOPES, E. S; MAGALHÃES, R. F. **Fracasso escolar e criminalidade: uma abordagem de trajetórias escolares de adolescentes ameaçados de morte em proteção no Estado de Minas Gerais.** 2017. Disponível em: <https://revista.seune.edu.br/index.php/article/download>. Acessado em: 02 de setembro de 2021.

LYRA, GFD., CONSTANTINO, P., and FERREIRA, AL. **Quando a violência familiar chega até a escola.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010

MACHADO, D. C.; GONZAGA, G. **O impacto dos fatores familiares sobre a defasagem idade-série de crianças no Brasil.** Rev. Bras. Econ. 61 (4) • Dez 2007

MAGALHÃES-SENNA, S. R. C., DESSEN, M. A. **REFLEXÕES SOBRE A SAÚDE DO ADOLESCENTE BRASILEIRO.** Psicologia, Saúde e Doenças. 2015, 16(2), 223-235.

MAHENDRA, F.; MARIN, A. H. **AMBIENTE FAMILIAR E DESEMPENHO ESCOLAR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**. Psic. da Ed., São Paulo, 40, 1º sem. de 2015, pp. 41-57

MALTA, D. C.; ANDREAZZI, M. A. R.; OLIVEIRA-CAMPOS, M.; ANDRADE, S. S. C. A.; SÁ, N. N. B.; MOURA, L.; DIAS, A. J. R.; CRESPO, C. D.; SILVA JÚNIOR, J. B. **Tendência dos fatores de risco e proteção de doenças crônicas não transmissíveis em adolescentes, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2009 e 2012)**. REV BRAS EPIDEMIOL SUPPL PeNSE 2014; 77-91

MANACORDA, M. A. **A história da Educação: da Antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez/Autores Associados. 1989.

MARINHO, J. C. B.; SILVA, J. A. **CONCEITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE E SUAS IMPLICAÇÕES NAS PRÁTICAS ESCOLARES**. Ensino, Saúde e Ambiente

MEDEIROS, M. **Estrutura familiar e rendimentos do trabalho dos ricos**. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 47, no 2, 2004, pp. 365 a 382.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. **Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva**. História, Ciências, Saúde— Manguinhos, IV(3): 513-531, nov. 1997-fev. 1998 – V6 (3), pp.21-38, dez. 2013

MIRANDA, M. **Sociedade, Violência e Políticas de Segurança Pública: da intolerância à construção do ato violento**. Revista Eletrônica Machado Sobrinho, Centro de Pesquisa e Extensão, p. 1- 13, 2011. Disponível em: [http://www.machadosobrinho.com.br/revista\\_online/miolo.php?miolo=artigos03](http://www.machadosobrinho.com.br/revista_online/miolo.php?miolo=artigos03). Acessado em: 05 de setembro de 2021.

NASCIMENTO, G. A. F.; ALKIMIN, M. **Violência na escola: o bullying na relação aluno professor e a responsabilidade jurídica**. Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI realizado em Fortaleza - CE nos dias 09, 10, 11 e 12 de Junho de 2010, p. 2814.

NASCIMENTO, P. **Como a violência na mídia pode influenciar percepções de risco**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/academico/2020/09/10/Como-a->

viol%C3%Aancia-na-m%C3%ADdia-pode-influenciar-percep%C3%A7%C3%B5es-de-risco. Acessado em: 01 de outubro de 2021.

NJAINE, K.; ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P. **Impactos da Violência na Saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007

OLDEHINKEL, Albertine J. British Medical Journal (Desenvolvimento de adolescentes; Christie, Deborah), Journal of Adolescence. Problemas de saúde mental durante a puberdade: diferenças relacionadas ao estágio de Tanner em sintomas específicos). 2021.

OLIVEIRA, A. S. S. DE. Políticas Públicas de Segurança e Políticas de Segurança Pública: da teoria a prática. In: Das Políticas de Segurança Pública às Políticas Públicas de Segurança. São Paulo: Observatório de Segurança Pública, 2012, p. 43-62. Disponível em: <http://www.observatoriodeseguranca.org/>. Acessado em: 02 de setembro de 2021.

OLIVEIRA, M. M.; CAMPOS, M. O.; ANDREAZZI, M. A. R.; MALTA, D. C. **Características da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE**. Epidemiol. Serv. Saude, Brasília, 26(3):605-616, jul-set 2017

Oliveira, K. M. R. **Experiências de adolescentes com bullying escolar e análise fenomenológica de suas vivências**. Dissertação (Mestrado)–Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2012

PEREIRA, M. I.; PEREIRA, F. G.; PEREIRA, M. N.; SOARES, R. E. **Diagnóstico e prevenção do bullying no Instituto de Educação de Minas Gerais: um relato de experiência**. 2010.

PIGOZI, P. L.; MACHADO, A. L. **Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil**. Ciênc. saúde colet. 20 (11) • Nov 2015

QUEIROZ, L. B.; SAITO, M. I.; MOTA, A. **Aspectos históricos da Institucionalização da atenção à saúde do adolescente no estado de São Paulo, 1970-1990**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, n.1, jan.-mar. 2013.

RAMOS, A. S. M. B.; MESQUITA, S. M.; PESSOA, D. L. R.; FONTENELE, R. M.; SOUSA, I. B. J. S. **Depressão na adolescência e comportamento suicida: uma revisão integrativa**. Enciclopédia biosfera, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.15 n.27; 2018.

RANGEL, M. **Educação e saúde: uma relação humana, política e didática**. Educação, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 59-64, jan./abr. 2009

RIBEIRO, E. D., AZEVEDO, M. S., SAGGIOMO, T. G., VIEIRA, B. A., & RIBEIRO, L. S. **Breve História da Educação**. Revista Gestão Universitária. 2017

RIBEIRO, M. L. S. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**. 6. ed. São Paulo: Moraes, 1986.

RIBEIRO, V. M.; VÓVIO, C. L. **Desigualdade escolar e vulnerabilidade social no território**. Educ. rev. (spe.2) • Jul-Sep 2017

ROCHA, M. O.; COSTA, C. L. N. A.; PASSOS NETO, I. F. **BULLYING E O PAPEL DA SOCIEDADE**. Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais | Aracaju | v. 1 | n.16 | p. 191-199 | mar. 2013

SALES, Gutemberg Martins de. **Uma Análise Sobre a Avaliação Escolar na Educação Básica**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 07, Vol. 02, pp. 5-17, Julho de 2018

SANTOS, A. M.; GROSSI, P. K. **Fenômeno Bullying: desvendando esta violência nas escolas públicas de Porto Alegre**. Revista Textos & Contextos. Porto Alegre, v. 7, n. 2 p. 286-301. jul./dez. 2008, p. 287. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/4827/3633>>. Acesso em: 8 junho. 2021.

SAPORI, L. F. **Segurança pública no Brasil: Desafios e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SAVIANI, D. **História da educação no Brasil: Um balanço prévio e necessário.** EccoS Revista Científica , 10, 147-167, 2008

SCHOLZ, A. L.T.; SCREMIN, A. L. X.; BOTTOLI, C.; COSTA, V. F. **O exercício da parentalidade no contexto atual e o lugar da criança como protagonista.** Estudos de Psicanálise | Belo Horizonte-MG | n. 44 | p. 15–22 | dezembro/2015

SCHWARTZMAN, S., & BROCK, C. **Os Desafios da Educação no Brasil.** 2005

SEIDL, E. M. F.; ZANNON, C. L. C. **Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos.** Cad. Saúde Pública 20 (2) • Abr 2004

SHAO R, Wang Y. **A relação de videogames violentos para agressão adolescente: um exame do efeito de mediação moderado .** Front Psychol . 2019.

SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, A. P.; PEREIRA, V. D. L. **Violência escolar: qual a sua interferência no processo de ensino-aprendizagem?.** Repositório do Centro Universitário Tabosa de Almeida. 2016

SILVA, L. C.; ARAÚJO, R. A.; SANTANA, R. L.; FARIAS, T. S.; MEDEIROS, B. C. D. **PROTAGONISMO INFANTO-JUVENIL NA EDUCAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A TEORIA DE CARL ROGERS. Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos.** VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2020

SILVA, R. T.; VENDRUSCOLO, G. B. B. **O BULLYING SOFRIDO NA INFÂNCIA E/OU ADOLESCÊNCIA, E SUA INTERFERÊNCIA NA VIDA ADULTA.** SALÃO DO CONHECIMENTO. UNIJUÍ. Evento: XXIV Jornada de Pesquisa., 2019

SOARES, L. E. **A Política Nacional de Segurança Pública: histórico, dilemas e perspectivas.** Revista Estudos Avançados, v. 21, nº. 61, 2007, p. 77-97. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10268>. Acessado em: 12 de setembro de 2021.

SOARES, S. N. E.; BORGES, A. E.; EMANUELLE, E. F. B. **BULLYING NÃO É BRINCADEIRA**. Disponível em:[http://new.netica.org.br/files/cartilha\\_bullying.pdf](http://new.netica.org.br/files/cartilha_bullying.pdf). Acessado em: 02 de outubro de 2021.

SOUZA, E. R. **Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde**. Ciênc. saúde coletiva 10 (1) • Mar 2005

Souza, E. R.; Lima, M. L. C.; Veiga, J. P.C. **Violência interpessoal: homicídios e agressões**. Claves/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2004

TEIXEIRA, E. C. **Dois ensaios da relação entre a criminalidade e a educação**. Tese de Doutorado – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Piracicaba, 2011

TIBA, I. **Disciplina: Limite na medida certa**. São Paulo: Integrare, 2006.

TREMBLAY, Richard E. **Agressividade – Agressão**. Disponível em: <https://www.encyclopedia-crianca.com/agressividade-agressao/segundo-especialistas/desenvolvimento-da-agressao-fisica-da-primeira-infancia>. Acessado em: 02 de outubro de 2021.

VIEIRA, P. R.; GARCIA, L. P.; MARCIEL, E. L. N. **Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?** Rev. bras. epidemiol. 23 • 2020

WARDE, M. J. G. **Stanley Hall e o child study: Estados Unidos de fins do século XIX e começo do século XX**. Rev. bras. hist. educ., Maringá-PR, v. 14, n. 2 (35), p. 243-270, maio/ago. 2014

ZANOTTI. **A dissolução do complexo de Édipo**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A. Variáveis relacionadas à violência na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar.

Variáveis	Código
Sexo (masculino, feminino)	B01001
Raça/cor (branca, preta, amarela, parda, indígena)	B01002
Idade (11, 12, 13, 14, 15, 16, 17,18, 19)	B01003
Qual o grau de escolaridade mais elevado que você pretende concluir? (ensino fundamental, ensino médio, ensino técnico, ensino superior, pós graduação)	B01025
Você mora com sua mãe? (Sim, Não)	B01006
Você mora com seu pai? (Sim, Não)	B01007
Contando com você, quantas pessoas moram na sua casa ou apartamento? (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10)	B01010A
Nos últimos 30 dias, com que frequência algum dos seus colegas de escola te esculacharam, zoaram, mangaram, intimidaram ou caçoaram tanto que você ficou magoado, incomodado, aborrecido, ofendido ou humilhado? (Nunca, raramente, às vezes, na maior parte do tempo, sempre)	B07007
Nos últimos 30 dias, qual o motivo/causa de seus colegas terem te esculachado, zombado, zoadado, caçoado, mangado, intimidado ou humilhado? (a minha cor ou raça, a minha religião, a aparência do meu rosto, a aparência do meu corpo, a minha orientação sexual, a minha região de origem, outros motivos/causas)	B07008
Nos últimos 30 dias, você esculachou, zombou, mangou, intimidou ou caçoou algum de seus colegas da escola tanto que ele ficou magoado, aborrecido, ofendido ou humilhado? (Sim, não)	B07009
Você já sofreu <i>bullying</i> ? (Sim, não, não sei o que é <i>bullying</i> )	B07010
Alguma vez na vida você foi forçado a ter relação sexual? (Sim, não)	B09016
Um(a) namorado(a)/ex-namorado(a) forçou você a ter relação sexual? (Sim, não, não aplicável)	B0901701
Um(a) amigo(a) forçou você a ter relação sexual? (Sim, não, não aplicável)	B0901702
Seu pai/mãe/padastro/madrasta forçou você a ter relação sexual? (Sim, não, não aplicável)	B0901703



Outros familiares forçaram você a ter relação sexual? (Sim, não, não aplicável)	B0901704
Um(a) desconhecido(a) forçou você a ter relação sexual? (Sim, não, não aplicável)	B0901705
Outras pessoas forçaram você a ter relação sexual? (Sim, não, não aplicável)	B0901706
NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, em quantos dias você deixou de ir à escola porque não se sentia seguro no caminho de casa para a escola ou da escola para casa? (Nenhum dia nos últimos 30 dias (0 dia); 1 dia nos últimos 30 dias; 2 dias nos últimos 30 dias; 3 dias nos últimos 30 dias; 4 dias nos últimos 30 dias; 5 dias ou mais nos últimos 30 dias)	B09001
NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, em quantos dias você não foi à escola porque não se sentia seguro na escola?  (Nenhum dia nos últimos 30 dias (0 dia); 1 dia nos últimos 30 dias; 2 dias nos últimos 30 dias; 3 dias nos últimos 30 dias; 4 dias nos últimos 30 dias; 5 dias ou mais nos últimos 30 dias)	B09002

**Fonte:** O autor. Fonte dos dados: PeNSE, 2015

**ANEXOS****ANEXO I****QUESTIONÁRIO PeNSE 2015 – ALUNO**

DATA DA PESQUISA (variável preenchida pelo técnico do IBGE)

MUNICÍPIO (variável selecionada pelo técnico do IBGE)

BAIRRO (variável selecionada pelo técnico do IBGE)

NOME DA ESCOLA (variável escolhida pelo técnico do IBGE)

ID DA ESCOLA (Ao escolher a escola onde será realizada a pesquisa, automaticamente o ID da escola será preenchido.)

ID DA TURMA (variável selecionada pelo técnico do IBGE)

TIPO DA AMOSTRA – ESCOLA (Ao escolher a escola onde será realizada a pesquisa, automaticamente o TIPO da amostra será preenchido)

TIPO DA AMOSTRA – TURMA (Ao escolher a turma onde será realizada a pesquisa, automaticamente o TIPO da amostra será preenchido)

**B00003a** (variável selecionada pelo técnico do IBGE)

O aluno possui alguma deficiência ou transtorno?

- Sim  
 Não

**B00003b** (variável selecionada pelo técnico do IBGE)

A deficiência ou transtorno impede o aluno de responder ao questionário sozinho?

- Sim  
 Não

O aluno deverá conferir se escola e turma foram selecionadas corretamente. Se não, o técnico do IBGE deverá ser avisado.

ATENÇÃO! Você estuda na escola “xxx”?

- Sim → continua normalmente  
 Não → alerta “Avisar o técnico do IBGE”

ATENÇÃO! Você estuda na turma “xxx”?

- Sim → continua normalmente  
 Não → alerta “Avisar o técnico do IBGE”

---

**LEGENDA DE CORES:**

**Vermelho:** questões que foram alteradas

**Verde:** questões novas

**Azul:** pulos, filtros, críticas e alertas

## B0. INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Este questionário faz parte de uma pesquisa a ser realizada, em todo o país, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde (MS) e o Ministério da Educação (MEC), com o objetivo de ajudar na orientação de políticas públicas voltadas para a saúde dos(das) adolescentes brasileiros(as).

Neste questionário, serão levantados dados como, por exemplo, a saúde sexual e reprodutiva, a saúde bucal, o consumo alimentar, a imagem corporal, o uso de cigarro, de bebidas alcoólicas e drogas.

Você não será identificado(a). Suas respostas serão mantidas em sigilo e apenas o resultado geral da pesquisa será divulgado. Existem questões que são confidenciais e podem levar a algum tipo de constrangimento (vergonha). Caso não se sinta confortável em responder a estas questões, você pode deixá-las sem resposta, bem como interromper o preenchimento do questionário a qualquer momento. Você não é obrigado(a) a participar desta pesquisa e, caso não queira, isto não afetará a sua relação com a escola.

Não existem respostas certas ou erradas. O preenchimento do questionário terá duração aproximada de 40 minutos. Responda com atenção, pois suas respostas serão muito importantes para o conhecimento da saúde dos(das) adolescentes brasileiros(as).

B00004

00. Prezado(a) estudante, você concorda em participar dessa pesquisa?

- Sim
- Não → alerta: “Responda pelo menos 3 perguntas” (mas, na verdade, vamos deixá-lo responder mais)

---

## B1. INFORMAÇÕES GERAIS

Vamos começar com algumas perguntas sobre você, sua casa e sua família.

B01001 [obrigatória]

01. Qual é o seu sexo?

- Masculino
- Feminino

B01002

02. Qual é a sua cor ou raça?

- Branca
- Preta
- Amarela
- Parda
- Indígena

B01003 [obrigatória]

03. Qual é a sua idade?

- 11 anos ou menos
- 12 anos
- 13 anos
- 14 anos
- 15 anos
- 16 anos
- 17 anos
- 18 anos
- 19 anos ou mais

B01004

04. Qual é o mês do seu aniversário?

- Janeiro
- Fevereiro
- Março
- Abril
- Maio
- Junho
- Julho
- Agosto
- Setembro
- Outubro
- Novembro
- Dezembro

B01005

05. Em que ano você nasceu?

- Antes de 1996
- 1996
- 1997
- 1998
- 1999
- 2000
- 2001
- 2002
- 2003
- 2004 ou mais

Crítica comparando com B01003. Alerta: “Idade e ano de nascimento não conferem”

- Corrigir → volta para questão

Continuar → continua questionário

### B01021

06. Em que ano/série você está?

- 6º ano / 5ª série do Ensino Fundamental
- 7º ano / 6ª série do Ensino Fundamental
- 8º ano / 7ª série do Ensino Fundamental
- 9º ano / 8ª série do Ensino Fundamental
- 1º ano Ensino Médio
- 2º ano Ensino Médio
- 3º ano Ensino Médio

### B01022

07. Em que turno você estuda?

- Manhã
- Intermediário
- Tarde
- Noite
- Integral

Se o aluno respondeu que não quer participar da pesquisa (B00004), alerta:

“Você quer continuar respondendo o questionário?”

- Sim → continua normalmente (questão B01023)
- Não → encerra o questionário

### B01023

08. Você estuda em regime integral (tem atividades escolares por 7 horas ou mais diárias, durante todo o período escolar)?

- Sim
- Não

### B01024

09. Você estuda em regime de internato (a escola possui alojamento onde os alunos permanecem e dormem diariamente, durante todo o período escolar)?

- Sim
- Não

### B01025

10. Qual o grau de escolaridade mais elevado que você pretende concluir?

- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Ensino Médio Técnico
- Ensino Superior

Pós-graduação

Não sei

### B01026

11. Quando terminar o ciclo/curso que você está frequentando atualmente, você pretende?

- Somente continuar estudando
- Somente trabalhar
- Continuar estudando e trabalhar
- Seguir outro plano
- Não sei

### B01006

12. Você mora com sua mãe?

- Sim
- Não

### B01007

13. Você mora com seu pai?

- Sim
- Não

### B01010a

14. Contando com você, quantas pessoas moram na sua casa ou apartamento?

- 1 pessoa (moro sozinho)
- 2 pessoas
- 3 pessoas
- 4 pessoas
- 5 pessoas
- 6 pessoas
- 7 pessoas
- 8 pessoas
- 9 pessoas
- 10 pessoas ou mais

Se B01006 e B01007=“Sim” então B01010 ≥ 3, alertar “Você respondeu que mora com seus pais ou responsáveis”

- Corrigir → volta para questão
- Continuar → continua questionário

Se B01006 ou B01007=“Sim”, então B01010 ≥ 2, alertar “Você respondeu que mora com um de seus pais ou responsáveis”

- Corrigir → volta para questão
- Continuar → continua questionário

Se B01010 > 10 alertar “Moram 10 ou mais pessoas na sua casa?”

- [□ Corrigir → volta para questão](#)
- [□ Continuar → continua questionário](#)

B01013

15. Na sua casa tem telefone fixo (convencional)?

- Sim
- Não

B01014

16. Você tem celular?

- Sim
- Não

**B01015a**

17. Na sua casa tem computador (de mesa, netbook, laptop etc.)?

- Sim
- Não

B01016

18. Você tem acesso à internet em sua casa?

- Sim
- Não

B01017

19. Alguém que mora na sua casa tem carro?

- Sim
- Não

B01018

20. Alguém que mora na sua casa tem moto?

- Sim
- Não

B01019

21. Quantos banheiros com chuveiro têm dentro da sua casa?

- Não tem banheiro com chuveiro dentro da minha casa
- 1 banheiro
- 2 banheiros
- 3 banheiros
- 4 banheiros ou mais

**B01020a**

22. Tem empregado(a) doméstico(a) recebendo dinheiro para fazer o trabalho em sua casa, três ou mais dias por semana?

- Sim

- Não

**B01008a**

23. Qual nível de ensino (grau) sua mãe estudou ou estuda?

- Minha mãe não estudou
- Minha mãe começou o ensino fundamental ou 1º grau, mas não terminou
- Minha mãe terminou o ensino fundamental ou 1º grau
- Minha mãe começou o ensino médio ou 2º grau, mas não terminou
- Minha mãe terminou o ensino médio ou 2º grau
- Minha mãe começou a faculdade (ensino superior), mas não terminou
- Minha mãe terminou a faculdade (ensino superior)
- Não sei

B01011

24. Você tem algum trabalho, emprego ou negócio atualmente?

- Sim
- Não [\[pular para B02019a\]](#)

B01012

25. Você recebe dinheiro por este trabalho, emprego ou negócio?

- Sim
- Não

---

## **B2. ALIMENTAÇÃO**

As próximas perguntas referem-se à sua alimentação. Leve em conta tudo o que você comeu em casa, na escola, na rua, em lanchonetes, em restaurantes ou em qualquer outro lugar.

**B02019a**

01. Você costuma tomar o café da manhã?

- Sim, todos os dias
- Sim, 5 a 6 dias por semana
- Sim, 3 a 4 dias por semana
- Sim, 1 a 2 dias por semana
- Raramente
- Não

**B02017a**

02. Você costuma almoçar ou jantar com sua

mãe, pai ou responsável?

- Sim, todos os dias
- Sim, 5 a 6 dias por semana
- Sim, 3 a 4 dias por semana
- Sim, 1 a 2 dias por semana
- Raramente
- Não

### **B02018a**

03. Você costuma comer quando está assistindo à TV ou estudando?

- Sim, todos os dias
- Sim, 5 a 6 dias por semana
- Sim, 3 a 4 dias por semana
- Sim, 1 a 2 dias por semana
- Raramente
- Não

### **B02021**

04. Sua escola oferece comida (merenda escolar/almoço) aos alunos da sua turma? (Não considerar lanches/comida comprados na cantina)

- Sim
- Não [pular para B02001]
- Não sei [pular para B02001]

### **B02020a**

05. Você costuma comer a comida (merenda/almoço) oferecida pela escola? (Não considerar lanches/comida comprados na cantina)

- Sim, todos os dias
- Sim, 3 a 4 dias por semana
- Sim, 1 a 2 dias por semana
- Raramente
- Não

Conte agora o que você comeu NOS ÚLTIMOS 7 DIAS. Considere uma semana normal de aulas, sem feriados ou férias.

### **B02001**

06. NOS ÚLTIMOS 7 DIAS, em quantos dias você comeu feijão?

- Não comi feijão nos últimos 7 dias (0 dia)
- 1 dia nos últimos 7 dias
- 2 dias nos últimos 7 dias
- 3 dias nos últimos 7 dias
- 4 dias nos últimos 7 dias

- 5 dias nos últimos 7 dias
- 6 dias nos últimos 7 dias
- Todos os dias nos últimos 7 dias

### **B02002**

07. NOS ÚLTIMOS 7 DIAS, em quantos dias você comeu salgados fritos? Exemplo: batata frita (sem contar a batata de pacote) ou salgados fritos como coxinha de galinha, quibe frito, pastel frito, acarajé etc.

- Não comi salgados fritos nos últimos 7 dias (0 dia)
- 1 dia nos últimos 7 dias
- 2 dias nos últimos 7 dias
- 3 dias nos últimos 7 dias
- 4 dias nos últimos 7 dias
- 5 dias nos últimos 7 dias
- 6 dias nos últimos 7 dias
- Todos os dias nos últimos 7 dias

### **B02004a**

08. NOS ÚLTIMOS 7 DIAS, em quantos dias você comeu pelo menos um tipo de legume ou verdura? Exemplos: alface, abóbora, brócolis, cebola, cenoura, chuchu, couve, espinafre, pepino, tomate etc. Não inclua batata e aipim (mandioca/macaxeira).

- Não comi nenhum tipo de legume ou verdura nos últimos 7 dias (0 dia)
- 1 dia nos últimos 7 dias
- 2 dias nos últimos 7 dias
- 3 dias nos últimos 7 dias
- 4 dias nos últimos 7 dias
- 5 dias nos últimos 7 dias
- 6 dias nos últimos 7 dias
- Todos os dias nos últimos 7 dias

### **B02010**

09. NOS ÚLTIMOS 7 DIAS, em quantos dias você comeu guloseimas (doces, balas, chocolates, chicletes, bombons ou pirulitos)?

- Não comi guloseimas nos últimos 7 dias (0 dia)
- 1 dia nos últimos 7 dias
- 2 dias nos últimos 7 dias
- 3 dias nos últimos 7 dias
- 4 dias nos últimos 7 dias
- 5 dias nos últimos 7 dias
- 6 dias nos últimos 7 dias
- Todos os dias nos últimos 7 dias

B02011

10. NOS ÚLTIMOS 7 DIAS, em quantos dias você comeu frutas frescas ou salada de frutas?

- Não comi frutas frescas ou salada de frutas nos últimos 7 dias (0 dia)
- 1 dia nos últimos 7 dias
- 2 dias nos últimos 7 dias
- 3 dias nos últimos 7 dias
- 4 dias nos últimos 7 dias
- 5 dias nos últimos 7 dias
- 6 dias nos últimos 7 dias
- Todos os dias nos últimos 7 dias

B02013

11. NOS ÚLTIMOS 7 DIAS, em quantos dias você tomou refrigerante?

- Não tomei refrigerante nos últimos 7 dias (0 dia)
- 1 dia nos últimos 7 dias
- 2 dias nos últimos 7 dias
- 3 dias nos últimos 7 dias
- 4 dias nos últimos 7 dias
- 5 dias nos últimos 7 dias
- 6 dias nos últimos 7 dias
- Todos os dias nos últimos 7 dias

B02022

12. NOS ÚLTIMOS 7 DIAS, em quantos dias você comeu alimentos industrializados/ultraprocessados salgados, como hambúrguer, presunto, mortadela, salame, linguiça, salsicha, macarrão instantâneo, salgadinho de pacote, biscoitos salgados?

- Não comi alimentos industrializados/ultraprocessados salgados nos últimos 7 dias (0 dia)
- 1 dia nos últimos 7 dias
- 2 dias nos últimos 7 dias
- 3 dias nos últimos 7 dias
- 4 dias nos últimos 7 dias
- 5 dias nos últimos 7 dias
- 6 dias nos últimos 7 dias
- Todos os dias nos últimos 7 dias

B02023

13. NOS ÚLTIMOS 7 DIAS, em quantos dias você comeu em restaurantes *fast food*, tais como lanchonetes, barracas de cachorro quentes, pizzaria etc.?

- Não comi em restaurantes *fast food* nos últimos 7 dias (0 dia)
- 1 dia nos últimos 7 dias
- 2 dias nos últimos 7 dias
- 3 dias nos últimos 7 dias
- 4 dias nos últimos 7 dias
- 5 dias nos últimos 7 dias
- 6 dias nos últimos 7 dias
- Todos os dias nos últimos 7 dias

Agora tente lembrar o que você comeu NOS ÚLTIMOS 30 DIAS. Considere um mês normal de aula, sem feriado ou férias.

B02024

14. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, com que frequência você ficou com fome por não ter comida suficiente em sua casa?

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Na maior parte das vezes
- Sempre

B02025

15. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, quantas vezes por dia você normalmente comeu frutas frescas ou salada de frutas?

- Não comi frutas nos últimos 30 dias
- Menos de uma vez por dia (não comi todos os dias)
- 1 vez por dia
- 2 vezes por dia
- 3 vezes por dia
- 4 vezes por dia
- 5 ou mais vezes por dia

B02026

16. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, quantas vezes por dia você normalmente comeu legumes ou verduras, tais como alface, abóbora, brócolis, cebola, cenoura, chuchu, couve, espinafre, pepino, tomate etc.? Não inclua batata e aipim (mandioca/macaxeira)

- Não comi legumes ou verduras nos últimos 30 dias
- Menos de uma vez por dia (não comi todos os dias)
- 1 vez por dia
- 2 vezes por dia

- 3 vezes por dia
- 4 vezes por dia
- 5 ou mais vezes por dia

**B02027**

17. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, quantas vezes por dia você tomou refrigerante?

- Não tomei refrigerante nos últimos 30 dias
- Menos de uma vez por dia (não tomei todos os dias)
- 1 vez por dia
- 2 vezes por dia
- 3 vezes por dia
- 4 vezes por dia
- 5 ou mais vezes por dia

**B3. ATIVIDADE FÍSICA**

Agora vamos conversar sobre o tempo que você gasta fazendo atividades físicas e de lazer como praticar esportes (futebol, voleibol, basquete, handebol), brincar com amigos, caminhar, correr, andar de bicicleta, nadar, dançar etc. Outros tipos de lazer são: assistir televisão, ficar no computador (jogando, estudando, navegando na internet etc.).

Nas perguntas sobre os ÚLTIMOS 7 DIAS, considerar uma semana normal de aula, sem feriados ou férias.

**B03001a1**

01. NOS ÚLTIMOS 7 DIAS, em quantos dias você FOI a pé ou de bicicleta para a escola?

- Nenhum dia nos últimos 7 dias (0 dia) [\[pular para B03001a2\]](#)
- 1 dia nos últimos 7 dias
- 2 dias nos últimos 7 dias
- 3 dias nos últimos 7 dias
- 4 dias nos últimos 7 dias
- 5 dias nos últimos 7 dias
- 5 dias mais sábado, nos últimos 7 dias
- 5 dias mais sábado e domingo, nos últimos 7 dias

**B03002a1**

02. Quando você VAI para a escola a pé ou de bicicleta, quanto tempo você gasta?

- Menos de 10 minutos por dia
- 10 a 19 minutos por dia
- 20 a 29 minutos por dia
- 30 a 39 minutos por dia

- 40 a 49 minutos por dia
- 50 a 59 minutos por dia
- 1 hora ou mais por dia

**B03001a2**

03. NOS ÚLTIMOS 7 DIAS, em quantos dias você VOLTOU a pé ou de bicicleta da escola?

- Nenhum dia nos últimos 7 dias (0 dia) [\[pular para B03003\]](#)
- 1 dia nos últimos 7 dias
- 2 dias nos últimos 7 dias
- 3 dias nos últimos 7 dias
- 4 dias nos últimos 7 dias
- 5 dias nos últimos 7 dias
- 5 dias mais sábado, nos últimos 7 dias
- 5 dias mais sábado e domingo, nos últimos 7 dias

**B03002a2**

04. Quando você VOLTA da escola a pé ou de bicicleta, quanto tempo você gasta?

- Menos de 10 minutos por dia
- 10 a 19 minutos por dia
- 20 a 29 minutos por dia
- 30 a 39 minutos por dia
- 40 a 49 minutos por dia
- 50 a 59 minutos por dia
- 1 hora ou mais por dia

**B03003a**

05. NOS ÚLTIMOS 7 DIAS, quantos dias você teve aulas de educação física na escola?

- Nenhum dia nos últimos 7 dias (0 dia) [\[pular para B03006a\]](#)
- 1 dia nos últimos 7 dias
- 2 dias nos últimos 7 dias
- 3 dias nos últimos 7 dias
- 4 dias nos últimos 7 dias
- 5 dias nos últimos 7 dias
- 5 dias mais sábado, nos últimos 7 dias
- 5 dias mais sábado e domingo, nos últimos 7 dias

**B03005a**

06. NOS ÚLTIMOS 7 DIAS, quanto tempo por dia você fez atividade física ou esporte durante as aulas de educação física na escola?

- Não fiz aula de educação física na escola nos últimos 7 dias.
- Menos de 10 minutos por dia



- 10 a 19 minutos por dia
- 20 a 29 minutos por dia
- 30 a 39 minutos por dia
- 40 a 49 minutos por dia
- 50 a 59 minutos por dia
- 1 hora ou mais por dia

### **B03006a**

07. NOS ÚLTIMOS 7 DIAS, sem contar as aulas de educação física da escola, em quantos dias você praticou alguma atividade física, como esportes, dança, ginástica, musculação, lutas ou outra atividade?

- Nenhum dia nos últimos 7 dias (0 dia) [\[pular para B03011a\]](#)
- 1 dia nos últimos 7 dias
- 2 dias nos últimos 7 dias
- 3 dias nos últimos 7 dias
- 4 dias nos últimos 7 dias
- 5 dias nos últimos 7 dias
- 5 dias mais sábado, nos últimos 7 dias
- 5 dias mais sábado e domingo, nos últimos 7 dias

### **B03007**

08. NORMALMENTE, quanto tempo por dia duram essas atividades (como esportes, dança, ginástica, musculação, lutas ou outra atividade) que você faz? (Sem contar as aulas de educação física)

- Menos de 10 minutos por dia
- 10 a 19 minutos por dia
- 20 a 29 minutos por dia
- 30 a 39 minutos por dia
- 40 a 49 minutos por dia
- 50 a 59 minutos por dia
- 1 hora ou mais por dia

### **B03011a**

09. NOS ÚLTIMOS 7 DIAS, em quantos dias você fez atividade física por pelo menos 60 minutos (1 hora) por dia? (Some todo o tempo que você gastou em qualquer tipo de atividade física, EM CADA DIA)

- Nenhum dia nos últimos 7 dias (0 dia)
- 1 dia nos últimos 7 dias
- 2 dias nos últimos 7 dias
- 3 dias nos últimos 7 dias
- 4 dias nos últimos 7 dias
- 5 dias nos últimos 7 dias

- 5 dias mais sábado, nos últimos 7 dias
- 5 dias mais sábado e domingo, nos últimos 7 dias

### **B03008**

10. Se você tivesse oportunidade de fazer atividade física na maioria dos dias da semana, qual seria a sua atitude?

- Não faria mesmo assim
- Faria atividade física em alguns dias da semana
- Faria atividade física na maioria dos dias da semana
- Já faço atividade física em alguns dias da semana
- Já faço atividade física na maioria dos dias da semana

### **B03009a**

11. Em um dia de semana comum, quantas horas por dia você assiste a TV? (não contar sábado, domingo e feriado)

- Não assisto a TV
- Até 1 hora por dia
- Mais de 1 hora até 2 horas por dia
- Mais de 2 horas até 3 horas por dia
- Mais de 3 horas até 4 horas por dia
- Mais de 4 horas até 5 horas por dia
- Mais de 5 horas até 6 horas por dia
- Mais de 6 horas até 7 horas por dia
- Mais de 7 horas até 8 horas por dia
- Mais de 8 horas por dia

### **B03010a**

12. Em um dia de semana comum, quanto tempo você fica sentado(a), assistindo televisão, usando computador, jogando videogame, conversando com amigos(as) ou fazendo outras atividades sentado(a)? (não contar sábado, domingo, feriados e o tempo sentado na escola)

- Até 1 hora por dia
  - Mais de 1 hora até 2 horas por dia
  - Mais de 2 horas até 3 horas por dia
  - Mais de 3 horas até 4 horas por dia
  - Mais de 4 horas até 5 horas por dia
  - Mais de 5 horas até 6 horas por dia
  - Mais de 6 horas até 7 horas por dia
  - Mais de 7 horas até 8 horas por dia
  - Mais de 8 horas por dia
-

**B4. USO DE CIGARRO** [se amostra for tipo 2 E B01003<13, pular este bloco]

Vamos conversar um pouco sobre uso de cigarro e de outros produtos do tabaco por você e outras pessoas próximas a você.

Nas perguntas sobre os ÚLTIMOS 30 DIAS considere um mês normal de aula, sem feriados ou férias.

B04001

01. Alguma vez na vida, você já fumou cigarro, mesmo uma ou duas tragadas?

- Sim
- Não [pular para B04008a]

B04002

02. Que idade você tinha quando experimentou fumar cigarro pela primeira vez?

- 7 anos de idade ou menos
- 8 anos
- 9 anos
- 10 anos
- 11 anos
- 12 anos
- 13 anos
- 14 anos
- 15 anos
- 16 anos
- 17 anos
- 18 anos ou mais

**Crítica comparando com B01003. Alerta:**  
“Idade não confere”

- Corrigir → volta para questão
- Continuar → continua questionário

B04003

03. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, em quantos dias você fumou cigarros?

- Nenhum dia nos últimos 30 dias (0 dia)
- 1 ou 2 dias nos últimos 30 dias
- 3 a 5 dias nos últimos 30 dias
- 6 a 9 dias nos últimos 30 dias
- 10 a 19 dias nos últimos 30 dias
- 20 a 29 dias nos últimos 30 dias
- Todos os dias nos últimos 30 dias

**B04009**

04. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, em geral, como você conseguiu seus próprios cigarros?

- Não fumei cigarros nos últimos 30 dias

- Eu os comprei numa loja ou botequim
- Eu os comprei num vendedor ambulante (camelô)
- Dei dinheiro para alguém comprá-los para mim
- Eu os pedi a alguém
- Eu peguei escondido
- Uma pessoa mais velha me deu
- Eu os consegui de outro modo

**B04010**

05. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, alguém se recusou a lhe vender cigarros por causa de sua idade?

- Não tentei comprar cigarros nos últimos 30 dias
- Sim, alguém se recusou a me vender cigarros por causa de minha idade
- Não, minha idade não me impediu de comprar cigarros

**B04008a**

06. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, em quantos dias você usou outros produtos de tabaco: cigarros de palha ou enrolados a mão, charuto, cachimbo, cigarrilha, cigarro indiano ou bali, narguilé, rapé, fumo de mascar etc.? (não incluir cigarro comum)

- Não uso outros produtos de tabaco [pular para B04005]
- Nenhum dia nos últimos 30 dias (0 dia) [pular para B04005]
- 1 ou 2 dias nos últimos 30 dias
- 3 a 5 dias nos últimos 30 dias
- 6 a 9 dias nos últimos 30 dias
- 10 a 19 dias nos últimos 30 dias
- 20 a 29 dias nos últimos 30 dias
- Todos os 30 dias nos últimos 30 dias

**B04011**

07. Qual outro produto do tabaco você usou com mais frequência NOS ÚLTIMOS 30 DIAS?

- Cigarros de cravo (cigarros de Bali)
- Cigarros enrolados à mão (palha ou papel)
- Cigarrilhas
- Charutos, charutos pequenos
- Fumo para mascar
- Narguilé (cachimbo de água)
- Cigarros indianos (bidis)
- Cigarro eletrônico (e-cigarette)
- Outros

Conte agora sobre uso de cigarro e outros produtos do tabaco por pessoas próximas a você. Na pergunta sobre os **ÚLTIMOS 7 DIAS**, considere uma semana normal de aula, sem feriado ou férias.

B04005

08. NOS **ÚLTIMOS 7 DIAS**, em quantos dias pessoas fumaram na sua presença?

- Nenhum dia nos últimos 7 dias (0 dia)
- 1 ou 2 dias nos últimos 7 dias
- 3 ou 4 dias nos últimos 7 dias
- 5 ou 6 dias nos últimos 7 dias
- Todos os 7 dias

**B04006a**

09. Algum de seus pais ou responsáveis fuma?

- Nenhum deles
- Só meu pai ou responsável do sexo masculino
- Só minha mãe ou responsável do sexo feminino
- Meu pai e minha mãe ou responsáveis
- Não sei

## **B5. BEBIDAS ALCOÓLICAS** [se amostra for tipo 2 E B01003<13, pular este bloco]

As próximas perguntas referem-se ao consumo de bebidas alcoólicas por você e pessoas próximas a você.

Para respondê-las, considere que **UMA DOSE DE BEBIDA** corresponde a uma latinha de cerveja ou um copo de chopp, ou uma taça de vinho, ou uma dose de cachaça/pinga, ou vodca, ou vodca-ice, ou uísque etc.

**ATENÇÃO!** A ingestão de bebidas alcoólicas não inclui experimentar o gosto ou tomar alguns poucos goles como os de vinho para fins religiosos.

B05002

01. Alguma vez na vida você tomou uma dose de bebida alcoólica (uma dose equivale a uma lata de cerveja ou uma taça de vinho ou uma dose de cachaça ou uísque etc.)?

- Sim
- Não

B05003

02. Que idade você tinha quando tomou a

primeira dose de bebida alcoólica (uma dose equivale a uma lata de cerveja ou uma taça de vinho ou uma dose de cachaça ou uísque etc.)?

- Nunca tomei bebida alcoólica
- 7 anos de idade ou menos
- 8 anos
- 9 anos
- 10 anos
- 11 anos
- 12 anos
- 13 anos
- 14 anos
- 15 anos
- 16 anos
- 17 anos
- 18 anos ou mais

**Crítica comparando com B01003. Alerta: “Idade não confere”**

- Corrigir → volta para questão
- Continuar → continua questionário

**Se B05002=“Não” e B05003=“Nunca...” pular para B05010**

Agora tente lembrar o que você bebeu NOS **ÚLTIMOS 30 DIAS**. Considere um mês normal de aula, sem feriado ou férias.

B05004

03. NOS **ÚLTIMOS 30 DIAS**, em quantos dias você tomou pelo menos um copo ou uma dose de bebida alcoólica (uma dose equivale a uma lata de cerveja ou uma taça de vinho ou uma dose de cachaça ou uísque etc.)?

- Nenhum dia nos últimos 30 dias (0 dia)
- 1 ou 2 dias nos últimos 30 dias
- 3 a 5 dias nos últimos 30 dias
- 6 a 9 dias nos últimos 30 dias
- 10 a 19 dias nos últimos 30 dias
- 20 a 29 dias nos últimos 30 dias
- Todos os dias nos últimos 30 dias

B05005

04. NOS **ÚLTIMOS 30 DIAS**, nos dias em que você tomou alguma bebida alcoólica, quantos copos ou doses você tomou por dia?

- Não tomei nenhuma bebida alcoólica nos últimos 30 dias (0 dia)
- Menos de um copo ou dose nos últimos 30 dias
- 1 copo ou 1 dose nos últimos 30 dias

- 2 copos ou 2 doses nos últimos 30 dias
- 3 copos ou 3 doses nos últimos 30 dias
- 4 copos ou 4 doses nos últimos 30 dias
- 5 copos ou mais ou 5 doses ou mais nos últimos 30 dias

**B05006a**

05. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, na maioria das vezes, como você conseguiu a bebida que tomou?

- Não tomei nenhuma bebida alcoólica nos últimos 30 dias (0 dia)
- Comprei no mercado, loja, bar ou supermercado
- Comprei de um vendedor de rua
- Dei dinheiro a alguém que comprou para mim
- Consegui com meus amigos
- Peguei na minha casa sem permissão
- Consegui com alguém em minha família
- Em uma festa
- Consegui de outro modo

**B05007**

06. Na sua vida, quantas vezes você bebeu tanto que ficou realmente bêbado(a)?

- Nenhuma vez na vida (0 vez)
- 1 ou 2 vezes na vida
- 3 a 5 vezes na vida
- 6 a 9 vezes na vida
- 10 ou mais vezes na vida

**B05009**

07. Na sua vida, quantas vezes você teve problemas com sua família ou amigos, perdeu aulas ou brigou por que tinha bebido?

- Nenhuma vez na vida (0 vez)
- 1 ou 2 vezes na vida
- 3 a 5 vezes na vida
- 6 a 9 vezes na vida
- 10 ou mais vezes na vida

A próxima pergunta refere-se ao consumo de bebidas alcoólicas por pessoas próximas a você.

**B05010**

08. Quantos amigos seus consomem bebida alcoólica?

- Nenhum
- Poucos
- Alguns

- A maioria
- Todos
- Não sei

**B6. DROGAS ILÍCITAS** [se amostra for tipo 2 E B01003<13, pular este bloco]

Vamos conversar um pouco sobre uso de algumas drogas como maconha, cocaína, crack, cola, lolo, lança-perfume, ecstasy, oxy etc.

**B06001**

01. Alguma vez na vida, você já usou alguma droga como: maconha, cocaína, crack, cola, loló, lança-perfume, ecstasy, oxy etc.?

- Sim
- Não [pular para B06006]

**B06002**

02. Que idade você tinha quando usou alguma droga como: maconha, cocaína, crack, cola, loló, lança-perfume, ecstasy, oxy ou outra pela primeira vez?

- 7 anos ou menos
- 8 anos
- 9 anos
- 10 anos
- 11 anos
- 12 anos
- 13 anos
- 14 anos
- 15 anos
- 16 anos
- 17 anos
- 18 anos ou mais

**Crítica comparando com B01003. Alerta: "Idade não confere"**

- Corrigir → volta para questão
- Continuar → continua questionário

Nas perguntas sobre OS ÚLTIMOS 30 DIAS, considere um mês normal de aula, sem feriado ou férias.

**B06003a**

03. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, quantos dias você usou droga como maconha, cocaína, crack, cola, loló, lança-perfume, ecstasy, oxy etc.?

- Nenhum dia nos últimos 30 dias (0 dia)
- 1 ou 2 dias nos últimos 30 dias
- 3 a 5 dias nos últimos 30 dias

- 6 a 9 dias nos últimos 30 dias
- 10 ou mais dias nos últimos 30 dias

**B06004a**

04. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, quantos dias você usou maconha?

- Nenhum dia nos últimos 30 dias (0 dia)
- 1 ou 2 dias nos últimos 30 dias
- 3 a 9 dias nos últimos 30 dias
- 10 ou mais dias nos últimos 30 dias

**B06005a**

05. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, quantos dias você usou crack?

- Nenhum dia nos últimos 30 dias (0 dia)
- 1 ou 2 dias nos últimos 30 dias
- 3 a 9 dias nos últimos 30 dias
- 10 ou mais dias nos últimos 30 dias

**B06006**

06. Quantos amigos seus usam drogas?

- Nenhum
- Poucos
- Alguns
- A maioria
- Todos
- Não sei

**B7. SITUAÇÕES EM CASA E NA ESCOLA**

As próximas questões referem-se a situações vividas por você em casa e na escola, e o quanto seus pais ou responsáveis sabem sobre o que acontece com você.

Nas perguntas sobre os ÚLTIMOS 30 DIAS, considere um mês normal de aula, sem feriado ou férias.

**B07001**

01. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, em quantos dias você faltou às aulas ou à escola sem permissão dos seus pais ou responsáveis?

- Nenhum dia nos últimos 30 dias (0 dia)
- 1 ou 2 dias nos últimos 30 dias
- 3 a 5 dias nos últimos 30 dias
- 6 a 9 dias nos últimos 30 dias
- 10 ou mais dias nos últimos 30 dias

**B07002**

02. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, com que frequência seus pais ou responsáveis sabiam

realmente o que você estava fazendo em seu tempo livre?

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Na maior parte do tempo
- Sempre

**B07003**

03. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, com que frequência seus pais ou responsáveis verificaram se os seus deveres de casa (lição de casa) foram feitos?

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Na maior parte do tempo
- Sempre

**B07004**

04. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, com que frequência seus pais ou responsáveis entenderam seus problemas e preocupações?

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Na maior parte do tempo
- Sempre

**B07005**

05. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, com que frequência seus pais ou responsáveis mexeram em suas coisas sem a sua concordância?

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Na maior parte do tempo
- Sempre

**B07006**

06. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, com que frequência os colegas de sua escola trataram você bem e/ou foram prestativos contigo?

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Na maior parte do tempo
- Sempre

**B07007**

07. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, com que frequência algum dos seus colegas de escola te esculacharam, zoaram, mangaram, intimidaram ou caçoaram tanto que você ficou magoado, incomodado, aborrecido, ofendido ou humilhado?

- Nunca [pular para B07009]
- Raramente
- Às vezes
- Na maior parte do tempo
- Sempre

B07008

08. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, qual o motivo/causa de seus colegas terem te esculachado, zombado, zoadado, caçoado, mangado, intimidado ou humilhado?

- A minha cor ou raça
- A minha religião
- A aparência do meu rosto
- A aparência do meu corpo
- A minha orientação sexual
- A minha região de origem
- Outros motivos/causas

B07009

09. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, você esculachou, zombou, mangou, intimidou ou caçoou algum de seus colegas da escola tanto que ele ficou magoado, aborrecido, ofendido ou humilhado?

- Sim
- Não

**B07010**

10. Você já sofreu bullying?

- Sim
- Não
- Não sei o que é bullying

---

## **B12. SAÚDE MENTAL**

As próximas perguntas referem-se aos seus sentimentos.

B12001

01. NOS ÚLTIMOS 12 MESES com que frequência tem se sentido sozinho(a)?

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Na maioria das vezes

- Sempre

B12002

02. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, com que frequência você não conseguiu dormir à noite porque algo o(a) preocupava muito?

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Na maioria das vezes
- Sempre

B12003

03. Quantos amigos(as) próximos você tem?

- Nenhum amigo (0)
- 1 amigo
- 2 amigos
- 3 ou mais amigos

---

## **B8. SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA** [se amostra for tipo 2 E B01003<13, pular este bloco]

Agora vamos conversar sobre sexo, contracepção, saúde sexual e reprodutiva.

B08001

01. Você já teve relação sexual (transou) alguma vez?

- Sim
- Não [pular para B08008]

B08002

02. Que idade você tinha quando teve relação sexual (transou) pela primeira vez?

- 9 anos ou menos
- 10 anos
- 11 anos
- 12 anos
- 13 anos
- 14 anos
- 15 anos
- 16 anos
- 17 anos
- 18 anos ou mais

**Crítica comparando com B01003. Alerta: "Idade não confere"**

- Corrigir → volta para questão
- Continuar → continua questionário

**B08011**



03. Você usou preservativo na primeira relação sexual?

- Sim
- Não

### **B08003a**

04. Na sua vida, com quantas pessoas você teve relações sexuais (transou)?

- 1 pessoa
- 2 pessoas
- 3 pessoas
- 4 pessoas
- 5 pessoas
- 6 ou mais pessoas

### **B08005**

05. Na última vez que você teve relação sexual (transou), você ou seu(sua) parceiro(a) usou algum método para evitar a gravidez e/ou Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST)?

- Sim
- Não
- Não sei

### **B08006**

06. Na última vez que você teve relação sexual (transou), você ou seu(sua) parceiro(a) usou camisinha (preservativo)?

- Sim
- Não
- Não sei

### **B08007**

07. Na última vez que você teve relação sexual (transou), você ou seu(sua) parceiro(a) usou algum outro método para evitar a gravidez (não contar camisinha)?

- Sim
- Não
- Não sei

Se B01001=Feminino e (B08007= “Não” ou “Não sei”), pular para B08013

Se B01001=Masculino e (B08007= “Não” ou “Não sei”), pular para B08008

### **B08012**

08. Nesta última vez que você teve relação sexual (transou), qual outro método para evitar gravidez você ou sua parceira usou?

- Pílula anticoncepcional

- Injetável mensal
- Injetável trimestral
- Diafragma
- DIU
- Outro

### **B08013 [filtro B01001=Feminino]**

09. Alguma vez na vida você engravidou?

- Sim
- Não

### **B08008**

10. Na escola, você já recebeu orientação sobre prevenção de gravidez?

- Sim
- Não
- Não sei

### **B08009**

11. Na escola, você já recebeu orientação sobre AIDS ou outras Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST)?

- Sim
- Não
- Não sei

### **B08010**

12. Na escola, você já recebeu orientação sobre como conseguir camisinha (preservativo) gratuitamente?

- Sim
- Não
- Não sei

---

## **B10. HIGIENE E SAÚDE BUCAL**

Vamos conversar agora sobre como você se cuida.

Nas perguntas sobre os ÚLTIMOS 30 DIAS, considere um mês normal de aula, sem feriado ou férias.

### **B10004**

01. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, com que frequência você lavou as mãos antes de comer?

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Na maioria das vezes
- Sempre

B10005

02. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, com que frequência você lavou as mãos após usar o banheiro ou o vaso sanitário?

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Na maioria das vezes
- Sempre

B10006

03. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, com que frequência você usou sabão ou sabonete quando lavou suas mãos?

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Na maioria das vezes
- Sempre

**B10001a**

04. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, quantas vezes por dia você usualmente escovou os dentes?

- Não escovei meus dentes nos últimos 30 dias
- Não escovei meus dentes diariamente
- 1 vez por dia nos últimos 30 dias
- 2 vezes por dia nos últimos 30 dias
- 3 vezes por dia nos últimos 30 dias
- 4 ou mais vezes por dia nos últimos 30 dias

B10002

05. NOS ÚLTIMOS 06 MESES, você teve dor de dente? (excluir dor de dente causada por uso de aparelho)

- Sim
- Não
- Não sei / não me lembro

B10003

06. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantas vezes você foi ao dentista?

- Nenhuma vez nos últimos 12 meses (0 vez)
- 1 vez nos últimos 12 meses
- 2 vezes nos últimos 12 meses
- 3 ou mais vezes nos últimos 12 meses

## **B9. SEGURANÇA**

Nas próximas questões, você irá responder sobre aspectos de sua segurança relacionados ao ambiente em que você vive (comunidade, escola,

família), segurança no trânsito e violência.

Nas perguntas sobre os ÚLTIMOS 30 DIAS, considere um mês normal de aula, sem feriados ou férias.

B09001

01. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, em quantos dias você deixou de ir à escola porque não se sentia seguro no caminho de casa para a escola ou da escola para casa?

- Nenhum dia nos últimos 30 dias (0 dia)
- 1 dia nos últimos 30 dias
- 2 dias nos últimos 30 dias
- 3 dias nos últimos 30 dias
- 4 dias nos últimos 30 dias
- 5 dias ou mais nos últimos 30 dias

B09002

02. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, em quantos dias você não foi à escola porque não se sentia seguro na escola?

- Nenhum dia nos últimos 30 dias (0 dia)
- 1 dia nos últimos 30 dias
- 2 dias nos últimos 30 dias
- 3 dias nos últimos 30 dias
- 4 dias nos últimos 30 dias
- 5 dias ou mais nos últimos 30 dias

**B09006a1**

03. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, com que frequência você usou cinto de segurança enquanto andava como passageiro(a) NO BANCO DA FRENTE de carro/automóvel, van ou táxi?

- Não andei nesse tipo de veículo no banco da frente nos últimos 30 dias
- Nunca uso cinto de segurança
- Raramente
- Às vezes
- Na maior parte do tempo
- Sempre

**B09006a2**

04. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, com que frequência você usou cinto de segurança enquanto andava como passageiro(a) NO BANCO DE TRÁS de carro/automóvel, van ou táxi?

- Não andei nesse tipo de veículo no banco de trás nos últimos 30 dias



- Nunca uso cinto de segurança
- Raramente
- Às vezes
- Na maior parte do tempo
- Sempre

**B09007a**

05. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, com que frequência você usou capacete ao andar de motocicleta?

- Não andei de motocicleta nos últimos 30 dias.
- Nunca uso capacete
- Raramente
- Às vezes
- Na maior parte do tempo
- Sempre

**B09008**

06. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, quantas vezes você dirigiu um veículo motorizado de transporte (carro, motocicleta, voadeira, barco)?

- Nenhuma vez nos últimos 30 dias (0 vez)
- 1 vez nos últimos 30 dias
- 2 ou 3 vezes nos últimos 30 dias
- 4 ou 5 vezes nos últimos 30 dias
- 6 ou mais vezes nos últimos 30 dias

**B09009**

07. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, quantas vezes você andou em carro ou outro veículo motorizado dirigido por alguém que tinha consumido alguma bebida alcoólica?

- Nenhuma vez nos últimos 30 dias (0 vez)
- 1 vez nos últimos 30 dias
- 2 ou 3 vezes nos últimos 30 dias
- 4 ou 5 vezes nos últimos 30 dias
- 6 ou mais vezes nos últimos 30 dias

**B09003**

08. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, quantas vezes você foi agredido(a) fisicamente por um adulto da sua família?

- Nenhuma vez nos últimos 30 dias (0 vez)
- 1 vez nos últimos 30 dias
- 2 ou 3 vezes nos últimos 30 dias
- 4 ou 5 vezes nos últimos 30 dias
- 6 ou 7 vezes nos últimos 30 dias
- 8 ou 9 vezes nos últimos 30 dias
- 10 ou 11 vezes nos últimos 30 dias
- 12 vezes ou mais nos últimos 30 dias

**B09004**

09. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, você esteve envolvido(a) em alguma briga em que alguma pessoa usou arma de fogo, como revólver ou espingarda?

- Sim
- Não

**B09005**

10. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, você esteve envolvido(a) em alguma briga em que alguma pessoa usou alguma outra arma como faca, canivete, peixeira, pedra, pedaço de pau ou garrafa?

- Sim
- Não

**B09010**

11. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantas vezes você foi agredido(a) fisicamente?

- Nenhuma vez nos últimos 12 meses (0 vez)
- 1 vez nos últimos 12 meses
- 2 a 3 vezes nos últimos 12 meses
- 4 a 5 vezes nos últimos 12 meses
- 6 a 7 vezes nos últimos 12 meses
- 8 a 9 vezes nos últimos 12 meses
- 10 a 11 vezes nos últimos 12 meses
- 12 ou mais vezes nos últimos 12 meses

**B09011**

12. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantas vezes você se envolveu em briga (uma luta física)?

- Nenhuma vez nos últimos 12 meses (0 vez)
- 1 vez nos últimos 12 meses
- 2 a 3 vezes nos últimos 12 meses
- 4 a 5 vezes nos últimos 12 meses
- 6 a 7 vezes nos últimos 12 meses
- 8 a 9 vezes nos últimos 12 meses
- 10 a 11 vezes nos últimos 12 meses
- 12 ou mais vezes nos últimos 12 meses

**B09012**

13. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantas vezes você foi seriamente ferido(a)?

- Nenhuma vez nos últimos 12 meses (0 vez)
- 1 vez nos últimos 12 meses
- 2 ou 3 vezes nos últimos 12 meses
- 4 ou 5 vezes nos últimos 12 meses
- 6 ou 7 vezes nos últimos 12 meses

- 8 ou 9 vezes nos últimos 12 meses
- 10 ou 11 vezes nos últimos 12 meses
- 12 ou mais vezes nos últimos 12 meses

**B09013a**

14. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, qual foi o ferimento ou a lesão MAIS SÉRIA que aconteceu com você?

- Não tive ferimento/lesão séria nos últimos 12 meses [pular para B09015]
- Tive um osso quebrado ou junta deslocada
- Tive um corte ou perfuração
- Tive um traumatismo ou outra lesão na cabeça ou pescoço e desmaiei ou não consegui respirar
- Tive um ferimento à bala (arma de fogo)
- Tive uma queimadura grave
- Fui envenenado(a) ou tive overdose (consumi drogas em excesso)
- Tive outra lesão ou machucado

**B09014a**

15. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, qual foi a PRINCIPAL CAUSA do ferimento ou da lesão mais séria que aconteceu com você?

- Foi um acidente ou atropelamento causado por veículo motorizado
- Foi algo que caiu sobre mim ou me atingiu
- Foi um ataque que sofri ou briga com alguém (com ou sem uso de arma)
- Foi um incêndio ou a proximidade com algo quente
- Foi a inalação ou algo que engoli e me fez mal
- Foi praticando alguma atividade física/exercício/esporte
- Foi um acidente que sofri quando estava trabalhando
- Foi um acidente enquanto andava de bicicleta
- Foi uma queda
- Foi outra causa

**B09015**

16. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, você sofreu algum acidente de bicicleta (caiu e se machucou)?

- Não andei de bicicleta nos últimos 12 meses
- Andei de bicicleta e não sofri acidente
- Andei de bicicleta e sofri acidente

**B09016** [se amostra for tipo 2 E B01003<13, pular esta questão]

17. Alguma vez na vida você foi forçado(a) a ter relação sexual?

- Sim
- Não [pular para B13005]

**B09017** [se amostra for tipo 2 E B01003<13, pular esta questão]

18. Quem forçou você a ter relação sexual?

- Namorado(a)/ex-namorado(a)
- Amigo(a)
- Pai/mãe/padrasto/madrasta
- Outros familiares
- Desconhecido(a)
- Outro

[permitir múltipla resposta]

**B13. USO DE SERVIÇO DE SAÚDE**

Vamos conversar agora sobre sua saúde.

**B13005**

01. Como você classificaria seu estado de saúde?

- Muito bom
- Bom
- Regular
- Ruim
- Muito ruim

**B13006**

02. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, quantos dias você faltou a escola por motivo(s) relacionado(s) à sua saúde?

- Não faltei a escola nos últimos 12 meses por motivos de saúde
- 1 a 3 dias nos últimos 12 meses
- 4 a 7 dias nos últimos 12 meses
- 8 a 15 dias nos últimos 12 meses
- 16 dias ou mais nos últimos 12 meses

**B13001**

03. NOS ÚLTIMOS 12 MESES você procurou algum serviço ou profissional de saúde para atendimento relacionado à própria saúde?

- Sim
- Não [pular para B13004a]

**B13002a**

04. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, qual foi o serviço de saúde que você procurou com MAIS FREQUÊNCIA?

- Unidade Básica de Saúde (Centro ou Posto de

saúde ou Unidade de Saúde da Família/PSF)

- Consultório médico particular ou clínica particular
- Consultório odontológico
- Consultório de outro profissional de saúde (fonoaudiólogo, psicólogo etc.)
- Serviço de especialidades médicas ou Policlínica
- Pronto-socorro, emergência ou UPA
- Hospital
- Laboratório ou clínica para exames complementares
- Serviço de atendimento domiciliar
- Farmácia
- Outro

### **B13004a**

05. Você foi atendido(a) NA ÚLTIMA VEZ que procurou alguma Unidade Básica de Saúde (Centro ou Posto de saúde ou Unidade de Saúde da Família/PSF), NESTES ÚLTIMOS 12 MESES?

- Sim
- Não
- Não procurei uma Unidade Básica de Saúde [\[pular para B13008\]](#)

### **B13007**

06. Qual foi o PRINCIPAL MOTIVO da sua procura na Unidade Básica de Saúde (Centro ou Posto de saúde ou Unidade de Saúde da Família/PSF) NESTA ÚLTIMA VEZ?

- Apoio para controle de peso (ganhar ou perder)
- Apoio para parar de fumar
- Acidente ou lesão
- Reabilitação ou terapia
- Doença
- Problema odontológico
- Vacinação
- Consulta para métodos contraceptivos (preservativos, pílula, DIU etc.)
- Buscar contracepção de emergência (pílula do dia seguinte)
- Teste para HIV, Sífilis ou Hepatite B
- Pré-natal / Teste para gravidez
- Solicitação de atestado médico
- Outro

### **B13008**

07. Você conhece/ouviu falar sobre a campanha

de vacinação contra o vírus HPV?

- Sim
- Não

### **B13009** [\[filtro B01001=Feminino\]](#)

08. Você foi vacinada contra o vírus HPV?

- Sim
- Não

---

## **B14. ASMA**

### **B14001**

01. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, você teve chiado (ou piado) no peito?

- Sim
- Não

### **B14002**

02. Você teve asma alguma vez na vida?

- Sim
- Não

---

## **B11. IMAGEM CORPORAL**

Agora responda o que você acha de sua própria imagem.

### **B11006**

01. Você considera sua imagem corporal como sendo algo:

- Muito importante
- Importante
- Pouco importante
- Sem importância

### **B11007**

02. Como você se sente em relação ao seu corpo?

- Muito satisfeito(a)
- Satisfeito(a)
- Indiferente
- Insatisfeito(a)
- Muito insatisfeito(a)

### **B11001**

03. Quanto ao seu corpo, você se considera:

- Muito magro(a)
- Magro(a)
- Normal
- Gordo(a)
- Muito Gordo(a)

B11002

04. O que você está fazendo em relação a seu peso?

- Não estou fazendo nada  
 Estou tentando perder peso  
 Estou tentando ganhar peso  
 Estou tentando manter o mesmo peso

B11003

05. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, você vomitou ou tomou laxantes para perder peso ou evitar ganhar peso?

- Sim  
 Não

**B11004a**

06. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, você tomou algum remédio, fórmula ou outro produto para perder peso, sem acompanhamento médico?

- Sim  
 Não

B11005

07. NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, você tomou algum remédio, fórmula ou outro produto para ganhar peso ou massa muscular sem acompanhamento médico?

- Sim  
 Não

**B15. PESO E ALTURA**

Estamos quase acabando.

Responda agora qual é seu peso e sua altura.

Para escrever seu peso, você verá um quadro igual a este aí embaixo onde deve marcar QUANTOS QUILOS você tem.

Por exemplo: se você pesa 46 quilos deve marcar assim:

0	0	0
1	1	1
2	2	2
	3	3
	4	4
	5	5
	6	6
	7	7

	8	8
	9	9

Agora responda:

B15001

01. Qual é o seu peso?

0	0	0
1	1	1
2	2	2
	3	3
	4	4
	5	5
	6	6
	7	7
	8	8
	9	9

quilos

- Não sei

Para escrever sua altura, você verá um quadro igual a este aí embaixo onde deve marcar SUA ALTURA.

Por exemplo: se você tem 1 metro e 52 centímetros, deve marcar assim:

0	0	0
1	1	1
2	2	2
	3	3
	4	4
	5	5
	6	6
	7	7
	8	8
	9	9

Agora responda:

B15002

02. Qual é a sua altura?

0	0	0
---	---	---

1	1	1
2	2	2
	3	3
	4	4
	5	5
	6	6
	7	7
	8	8
	9	9

\_\_\_\_\_centímetros

Não sei

## B16. A SUA OPINIÃO

Expresse a sua opinião, avaliando este questionário.

### B16001a

01. O que você achou deste questionário?

- Fácil  
 Difícil  
 Chato  
 Legal  
 Interessante  
 Informativo  
 Cansativo  
 Constrangedor

[permitir múltipla resposta]

Fim do questionário do Estudante. Você deve permanecer em seu lugar e informar ao Técnico do IBGE que terminou de responder o questionário.

Agradecemos a sua participação.

Dados salvos com sucesso!

## PARA AMOSTRAS TIPOS 2 E 3:

Fim do questionário do Estudante. **Agora seu peso e sua altura serão medidos pelo Técnico do IBGE.**

Você deve permanecer em seu lugar e informar ao Técnico do IBGE que terminou de responder o questionário.

Agradecemos a sua participação.

B17001

01. Qual é o peso do(a) aluno(a)?

0	0	0	,0
1	1	1	,1
2	2	2	,2
	3	3	,3
	4	4	,4
	5	5	,5
	6	6	,6
	7	7	,7
	8	8	,8
	9	9	,9

\_\_\_\_\_,\_\_quilos

Recusa ou impossibilidade de medição

B17002

02. Qual é a altura do(a) aluno(a)?

0	0	0	,0
1	1	1	,1
2	2	2	,2
	3	3	,3
	4	4	,4
	5	5	,5
	6	6	,6
	7	7	,7
	8	8	,8
	9	9	,9

\_\_\_\_\_,\_\_centímetros

Recusa ou impossibilidade de medição

Se o aluno deixar uma questão em branco, alertar "Questão atual não foi respondida. Deseja continuar?"

- Sim → continua questionário  
 Não → volta para questão

Se ficaram questões em branco, no final do questionário, avisar:

"A pergunta "xxx" está sem resposta. Deseja voltar e responder?"

- Sim → vai para a pergunta  
 Não → aviso sobre a próxima questão em branco ou finalizar o questionário, dependendo do caso